



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Jairo da Silva

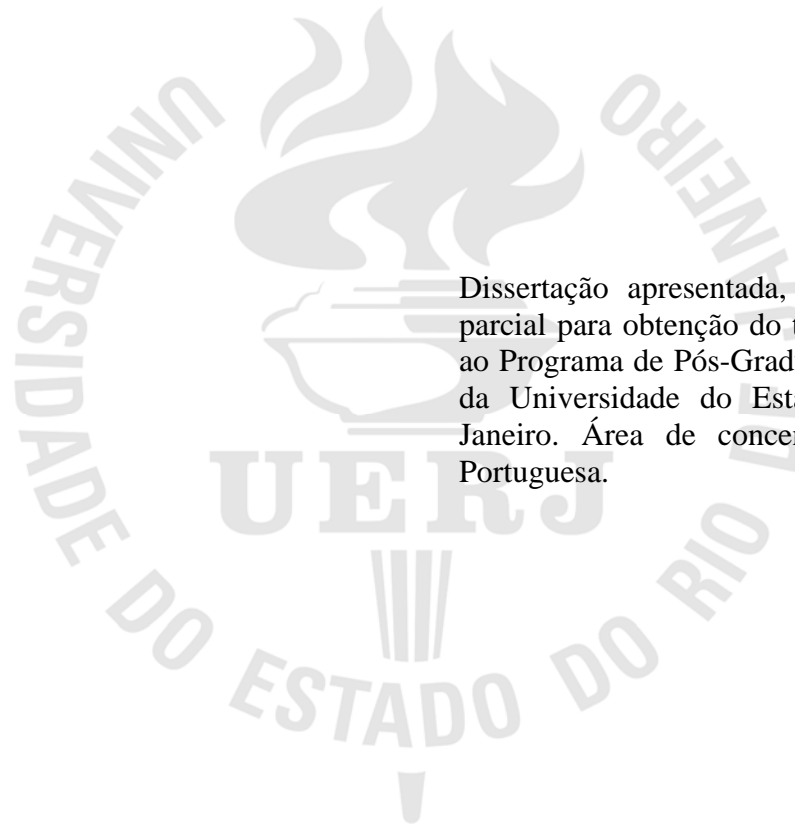
**Construções de voz na escrita literária: verbos pronominais em Vidas Secas**

Rio de Janeiro

2014

Jairo da Silva

**Construções de voz na escrita literária: verbos pronominais em Vidas Secas**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo

Rio de Janeiro

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S586	<p>Silva, Jairo da. Construções de voz na escrita literária: verbos pronominais em Vidas secas / Jairo da Silva. – 2014. 105 f.</p> <p>Orientador: José Carlos Santos de Azeredo. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Ramos, Graciliano, 1892-1953. Vidas secas – Teses. 2. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 3. Língua portuguesa - Gramática – Teses. 4. Língua portuguesa - Semântica - Teses. 5. Língua portuguesa - Sintaxe - Teses. 6. Análise do discurso narrativo – Teses. 7. Gramática comparada e geral – Verbo – Teses. I. Azeredo, José Carlos de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 806.90-541.45</p>
------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte

---

Assinatura

---

Data

Jairo da Silva

**Construções de voz na escrita literária: verbos pronominais em Vidas Secas**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em: 27 de março de 2014.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. José Carlos Santos de Azeredo (Orientador)  
Instituto de Letras - UERJ

---

Prof. Dr. Francisco de Assis  
Sistema Elite de Ensino

---

Prof. Dr. Flávio Barbosa  
Instituto de Letras - UERJ

Rio de Janeiro

2014

## DEDICATÓRIA

Para Pâmela Silva, meu amor, cujo  
companherismo e afeto fizeram suaves os  
solavancos do percurso.

Para Maria José, minha mãe, pela sólida  
base moral que me deu.

Para José Carlos Azeredo, mestre  
brilhante, por me apontar os caminhos da  
reflexão linguística.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao José Carlos Azeredo, em especial, pelo brilhantismo e pela competência inefáveis empregados na formação discente, por todo o incentivo e interesse no meu progresso desde a época da graduação, pelo incomparável exemplo profissional e humano e, principalmente, pela orientação tão segura e paciente. Agradeço ainda todo o apoio e colaboração, sem os quais esta pesquisa não teria sido possível.

Aos professores do curso de pós-graduação em Língua Portuguesa do ILE/UERJ, por contribuirem tanto no meu crescimento.

Aos funcionários do curso de pós-graduação em Língua Portuguesa do ILE/UERJ.

A minha família, alicerce sem o qual eu nada seria.

A Pâmela Silva, pelo apoio e complacência, pelo carinho e inspiração nos momentos mais difíceis.

... porque a mente quer descobrir, através  
do uso da razão, o que existe no longínquo e infinito espaço,  
longe dos problemas desse mundo – aquela região onde  
o intelecto sonha em penetrar, aonde a mente, livre,  
estende seu vôo em direção ao desconhecido.

*“Da natureza das coisas”, Lucrécio,  
poeta romano (96-55 a.C.).*

## RESUMO

SILVA, Jairo da. *Construções de voz na escrita literária: verbos pronominais em Vidas secas*. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

A designação verbo pronominal é bastante recorrente na descrição gramatical e lexicográfica brasileira. Apesar disso, a conceituação e as análises das construções rotuladas assim nem sempre apresentam rigor científico, uma vez que em geral não se esclarecem quais são os critérios para a inclusão de dada construção no rol dos verbos pronominais. O resultado disso é que estruturas de comportamento semântico e sintático bastantes variados são identificadas como comuns. Este trabalho apresenta uma análise das construções pronominais que aparecem no romance *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos com a discriminação delas em subtipos semânticos e sintáticos. Para tanto, procedemos ao estudo de processos relacionadas a essas estruturas. São eles: a reflexividade, a passividade, a ergatividade e a medialidade. Antes disso, porém, faz-se uma revisão bibliográfica da descrição das construções pronominais na tradição gramatical e lexicográfica brasileira. São examinados dez gramáticas consagradas e cinco dicionários de ampla circulação. O objetivo desse estudo foi verificar a maneira como as estruturas em questão são tratadas nas referidas obras a fim de julgar a coerência das análises. Tomamos como referencial teórico para a distribuição das construções pronominais os subtipos criados por Kemmer, conforme expostos por Camacho (2003) assim como a análise das construções pronominais de Zorraquino (1979).

Palavras-chave: Verbo Pronominal. Reflexividade. Passividade. Medialidade. Ergatividade.



## RESUMEN

SILVA, Jairo da. *Construções de voz em la escrita literaria: verbos pronominales em Vidas secas*. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

La asignación verbo pronominal es muy recurrente en la descripción gramatical y lexicográfica brasileña. Sin embargo, la conceptualización y los análisis hechos de las construcciones así rotuladas ni siempre presenta rigor científico, porque generalmente no se pone claro cuáles son los criterios empleados para la inclusión de una construcción en el rol de los verbos pronominales. Como resultado, estructuras de comportamiento semántico e sintáctico muy variados son identificadas como comunes. En este trabajo, presenta-se un análisis de las construcciones pronominales que aparecen en el romance *Vidas Secas*, del escritor brasileño Graciliano Ramos con la discriminación de ellas en subtipos semánticos y sintácticos. Para ello, procedemos al estudio de procesos relacionados a dichas estructuras. Son ellos: la reflexividad, la pasividad, la ergatividad e la medialidad. Pero, antes de ello, se hace una revisión bibliográfica de la descripción de las construcciones pronominales en la tradición gramatical e lexicográfica brasileña. Son examinados diez gramáticas consagradas y cinco diccionarios de larga circulación. El objetivo de ese estudio fue verificar la manera como las estructuras de que no ocupamos son tratadas en la referidas obras a fin de juzgar la coherencia de los análisis. Tomamos por referencial teórico para hacer la distribución de las construcciones pronominales los subtipos creados por Kemmer, conforme expuestos por Camacho (2003) así como la análisis de las construcciones pronominales de Zorraquino (1979).

Palabras clave: Verbo Pronominal. Reflexividad. Pasividad. Ergatividad. Medialidad.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Critérios de análise para a classificação das vozes verbais .....	26
Tabela 2 –	Contribuição dos gramáticos para a descrição da voz verbal .....	30
Tabela 3 –	Recapitulação das oito classes fundamentais dos esquemas e das vozes ..	33
Tabela 4 –	Vozes verbais por Roberto Camacho .....	36
Tabela 5 –	Tipificação da voz média, segundo Azeredo .....	51
Tabela 6 –	Discriminação sintética das construções pronominais .....	62

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
1	<b>GRACILIANO RAMOS E VIDAS SECAS</b> .....	16
2	<b>UM ESTUDO SOBRE AS VOZES VERBAIS</b> .....	18
2.1	<b>A descrição da voz verbal na tradição gramatical brasileira</b> .....	18
2.1.1	<u>Os tradicionais</u> .....	19
2.1.1.1	Julio Ribeiro (Grammatica Portugueza, 1885) .....	19
2.1.1.2	Maximino Maciel Maciel (Grammatica descriptiva, 1916) .....	20
2.1.1.3	Eduardo Carlos Pereira (Gramática Expositiva, 1940) .....	20
2.1.1.4	Manuel Said Ali (Gramática secundária, 1964 e Gramática histórica da língua portuguesa, 1971) .....	21
2.1.1.5	Rocha Lima (Gramática normativa da língua portuguesa, 1982) .....	22
2.1.1.6	Cunha e Cintra (Nova gramática do português contemporâneo, 2007) .....	22
2.1.2	<u>Gramáticos críticos</u> .....	23
2.1.2.1	Walmírio Macedo (Gramática da língua portuguesa, 1991) .....	23
2.1.2.2	Celso Pedro Luft (Moderna gramática brasileira, 2002) .....	23
2.1.2.3	Evanildo Bechara (Moderna gramática portuguesa, 2002) .....	24
2.1.2.4	José Carlos de Azeredo (Gramática Houaiss da língua portuguesa, 2008) .....	24
2.1.3	<u>Análise contrastiva</u> .....	27
2.2	<b>Abordagem funcionalista das vozes verbais</b> .....	31
2.2.1	<u>Bernard Potier (Estudos linguísticos do português)</u> .....	31
2.2.2	<u>Roberto Camacho</u> .....	34
2.3	<b>Por um critério na classificação das vozes</b> .....	37
2.3.1	<u>Pressupostos teóricos estruturais</u> .....	38
2.3.2	<u>Vozes verbais: Uma proposta de análise</u> .....	38
2.4	<b>O conceito de voz média e sua utilidade na descrição gramatical</b> .....	39
3	<b>ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PRONOMINAIS</b> .....	44
3.1	<b>Construções pronominais: a lição das gramáticas</b> .....	44
3.1.1	<u>Autores pré-NGB</u> .....	44
3.1.1.1	Maximino Maciel (Grammatica descriptiva, 1916) .....	44

3.1.1.2	Eduardo Carlos Pereira (Gramática Expositiva, 1940) .....	45
3.1.2	<u>Autores pós-NGB</u> .....	45
3.1.2.1	Manuel Said Ali (Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa, 1964) .....	45
3.1.2.2	Evanildo Becharra (Moderna gramática portuguesa, 2002) .....	46
3.1.2.3	Walmírio Macedo (Gramática da língua portuguesa, 1991) .....	47
3.1.2.4	Cunha e Cintra (Nova gramática do português contemporâneo, 2007) .....	48
3.1.2.5	Rocha Lima (Gramática normativa da língua portuguesa, 1982) .....	48
3.1.2.6	Celso Pedro Luft (Moderna gramática brasileira, 2002) .....	49
3.1.2.7	José Carlos de Azeredo .....	49
3.2	<b>Construções pronominais: a lição dos dicionários</b> .....	51
3.2.1	<u>Francisco Fernandes (Dicionário de verbos e regimes, 1940)</u> .....	52
3.2.2	<u>Aurélio (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986)</u> .....	54
3.2.3	<u>Caldas Aulete (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete, 1987)</u> .....	56
3.2.4	<u>Houaiss (Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2009)</u> .....	57
3.2.5	<u>Francisco Borba (Dicionário Gramatical de verbos, 1991)</u> .....	58
3.3	<b>Considerações sobre a construção reflexiva</b> .....	60
3.4	<b>As construções pronominais: definições e classificações</b> .....	62
3.4.1	<u>Grupo 1: Construções reflexivas</u> .....	65
3.4.2	<u>Grupo 2: Movimento não translacional</u> .....	67
3.4.3	<u>Grupo 3: Mudança na postura corporal</u> .....	69
3.4.4	<u>Grupo 4: Movimento translacional</u> .....	69
3.4.5	<u>Grupo 5: Eventos naturalmente recíprocos</u> .....	71
3.4.6	<u>Grupo 6: Médias de emoção</u> .....	73
3.4.7	<u>Grupo 7: Discurso emotivo</u> .....	75
3.4.8	<u>Grupo 8: Média de cognição</u> .....	76
3.4.9	<u>Grupo 9: Eventos espontâneos</u> .....	76
3.4.10	<u>Grupo 10: Média de atitude</u> .....	78
3.4.11	<u>Grupo 11: eventos (comportamentos) involuntários que se passam no indivíduo</u> .....	79

3.4.12	<u>Grupo 12: Construções passivas</u> .....	79
3.4.13	<u>Grupo 13: Verbos pronominais</u> .....	80
4	<b>GRAMATICALIZAÇÃO: O PARADIGMA DA MUDANÇA</b> .....	82
4.1	<b>Gramaticalização pela via da metáfora</b> .....	84
4.2	<b>Gramaticalização pela via da metonímia</b> .....	86
4.3	<b>Gramaticalização de construções pronominais</b> .....	87
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91
	<b>APÊNDICE</b> .....	93

## INTRODUÇÃO

O problema da descrição das construções pronominais

A combinação de um verbo e um pronome oblíquo, que nesse trabalho chamaremos genericamente construção pronominal, tem sido estudada tanto pela gramática tradicional como pela linguística mais recente, sobretudo por correntes de natureza gerativistas e funcionalistas. Nos estudos tradicionais, a análise das construções pronominais parecia visar especialmente à classificação do clítico pronominal. Por essa razão, a classificação do *se* acabou se tornando um dos temas preferidos dentre as chamadas dificuldades da Língua Portuguesa.

Muitos são os rótulos que o pronome oblíquo tem recebido: pronome reflexivo (PR), pronome ou partícula apassivador(a) (PA), partícula ou índice de indeterminação do sujeito (PIS) e parte integrante do verbo (PIV). A oscilação na designação da unidade linguística, ora chamada pronome ora partícula ora índice, ilustra a falta de segurança do gramático em criar um rótulo específico para ela. Inegavelmente, a relutância em chamar o clítico de pronome se origina da percepção de que ele sofreu um esvaziamento semântico com consequente perda da função referencial. Em outros termos, o pronome passou por um processo de gramaticalização.

As orações cujo predicado vem constituído por uma construção de verbo seguido por pronome oblíquo têm sido caracterizadas também por suas particularidades semânticas resultantes dos usos do *se* (seus aspectos reflexivo, passivo, medial, impessoal, etc.), levando-se sempre em conta determinados usos tradicionalmente considerados corretos. Nesse sentido, a descrição tem a finalidade de distinguir tais usos das chamadas construções incorretas, que evidenciam desvios do padrão formal culto, como, por exemplo, o emprego da construção passiva pronominal sem a devida concordância com o sujeito passivo, como se se tratasse de uma oração com sujeito indeterminado.

Apesar de toda a euforia para classificar o clítico, os verbos que eles acompanham vêm sendo discutidos nos manuais da língua de modo bastante sumário. De fato, a maioria dos autores de gramáticas consagradas dedica não mais que um ou dois parágrafos ao tratamento da questão. A mensagem que se passa, com isso, é a de que esse é um tema de baixa complexidade cuja descrição está completamente resolvida. Similarmente, sempre que

um verbo pode ser acompanhado pelo clítico *se* os dicionários o apresentam sob o rótulo *verbo pronominal*. Etiquetar o verbo como pronominal não é suficiente, haja vista a opacidade do termo. Além disso, nem as gramáticas nem os dicionários dão uma definição prática para esse conceito. Conseqüentemente, são abrigadas nessa classificação construções de natureza bastante diversa e segundo critérios muitas vezes controversos. A descrição da construção reflexiva apresenta problemas semelhantes, uma vez que nem sempre a composição chamada verbo reflexivo traz a ideia de reflexividade.

Portanto, levantamos as seguintes questões: que relação há entre a ocorrência do pronome reflexivo e as demais construções de voz verbal? De que maneira a natureza lexical de alguns verbos interfere em seu comportamento estrutural? Que traços semântico-estruturais permitem classificar um verbo como pronominal? E qual a relevância dessa classificação para a análise gramatical e para o trabalho lexicográfico? Para responder a essas questões recorreremos a uma reanálise do quadro de vozes verbais, resgatando um conceito das gramáticas grega e latina, que foi abandonado pela tradição gramatical brasileira. Na seção seguinte apresentaremos as hipóteses e os objetivos dessa dissertação

Apresentando a pesquisa

Hipóteses e Objetivos

A composição formada por verbo e pronome oblíquo reflexivo é um dos mais adequados exemplos a partir do qual se patenteia que uma mesma unidade gramatical pode desdobrar-se em diferentes acepções. Com efeito, as construções pronominais são estruturas de variada complexidade, que, não obstante, têm sido subestimadas pelos estudos tradicionais.

O problema da sistematização dos verbos acompanhados de *se* deve-se parcialmente a formulação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que deixou de incluir, na descrição das vozes verbais, a voz média. Com efeito, muitas das construções amiúde elencadas como exemplos de voz reflexiva ou de verbo pronominal, em alguns manuais e dicionários são, na verdade, construções de voz média. Levantamos a hipótese de que o conceito de voz média é indispensável à descrição do português. O motivo disso é que ele desfaria muitas das contradições encontráveis na descrição tradicional.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise dos chamados verbos pronominais em língua portuguesa e de questões correlatas, como a reflexividade, a medialidade, a ergatividade e a passivização da diátese verbal. O traço formal que evidentemente aproxima tais construções é a ocorrência do pronome oblíquo. Esse aspecto estrutural comum, agregado quer ao avizinhamo semântico quer a polissemia das construções, tem levado muitos estudiosos a concluir que os conceitos mencionados são aparentados. De fato, estudos diacrônicos apontam para a origem comum das estruturas em questão.

A análise das construções pronominais tem por finalidade a discriminação dos verbos seguidos de *se* de maneira mais coerente. Ao longo de nossa exposição, procuramos esclarecer o que é um verbo pronominal e em que consiste a reflexividade. Com esse objetivo fazemos uma revisão bibliográfica dos principais autores de gramáticas a que temos acesso, cotejando-os entre si. A seguir, discutimos as propriedades semântico-funcionais da voz média que nos permitem estabelecer os traços da medialidade, bem como a sua relação com a ergatividade. Para tanto, recorreremos a diferentes autores que têm se debruçado sobre a questão da medialidade em português.

Com a análise das construções pronominais, pretende-se também contribuir para a descrição sintático-semântica das estruturas em questão e para o trabalho de produção de dicionários da língua portuguesa. Isso se dará pela descrição tipológica dos verbos acompanhados do clítico *se* e pela organização de corpora de origem literária destinados à abonação de construções e aceções de verbos em dicionários da língua.

#### Metodologia de pesquisa

Esta dissertação passou pelas seguintes etapas metodológicas:

- a) Reflexão sobre a descrição da voz verbal em manuais de gramática.
- b) Reflexão sobre o conceito de verbo pronominal em gramáticas e dicionários
- c) Delimitação do *corpus* de observação: os verbos analisados na presente pesquisa foram todos selecionados do romance *Vidas Secas*, do escritor alagoano Graciliano Ramos. Essa opção justifica-se pela riqueza vocabular da referida obra. O texto de *Vidas Secas* apresenta um rol de cerca de 940 verbos diferentes. O que nos levou a acreditar que ele nos ofertaria



material suficiente para a análise dos principais tipos semânticos e estruturais das construções pronominais.

d) Seleção e organização do corpus: destacamos de uma versão digitalizada de *Vidas Secas* todos os verbos acompanhados de pronome reflexivo, reservando-os em documento separado.

e) Especificação da rede temática e das propriedades semânticas de cada verbo selecionado.

f) Análise das sentenças e das propriedades semânticas que compõem a estrutura argumental dos verbos.

g) Formulação de tipologia a partir dos modelos criados por Kemmer *apud* Camacho (2003) e Zorraquino (1979).

h) Discriminação do *corpus* segundo a tipologia criada.

## 1 GRACILIANO RAMOS E *VIDAS SECAS*

Graciliano Ramos nasceu em Alagoas em 1892 e escreveu quatro romances. O último deles, *Vidas Secas*, foi publicado em 1938. Os demais são *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936). Seguiram-se volumes de contos – *Alexandre e outros heróis* (1944), *Dois Dedos* (1945), *Histórias Incompletas* (1946) e *Insônia* (1947) – e um volume de extração memorialística, *Infância* (1945). Outras duas obras memorialísticas foram publicadas após sua morte, ocorrida em março de 1953: *Memórias do Cárcere* (1953) e *Viagem* (1954).

A obra de Graciliano Ramos representa, em termos de romance moderno brasileiro, o ápice da tensão entre o eu do protagonista e o meio físico e social. O sentimento básico que norteia o contato do homem com a natureza e com o outro é a rejeição. O romance *Vidas Secas* não é diferente. A história descreve a trajetória de uma família de retirantes que vive em pleno agreste e lida com os sofrimentos da estiagem. São cinco personagens: Fabiano, Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, e a cachorra Baleia. Nesse cenário desfavorável, cada personagem experiencia a opressão de origens diversas: a natureza hostil, o abuso de poder policial, a estratificação econômica, a linguagem e as convenções do vestuário.

Chama à atenção, no romance, a construção fragmentária dos capítulos. A descontinuidade é sintoma de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema. Cada capítulo é um episódio autônomo, cujo foco é um personagem ou em uma situação coletivamente vivida. Fabiano é protagonista dos capítulos Fabiano, Cadeia, Contas, O soldado amarelo e O mundo coberto de pernas; Sinhá Vitória, a cachorra, o filho mais novo e o filho mais velho são protagonistas, respectivamente, dos capítulos Sinhá Vitória, Baleia, O menino mais novo, O menino mais velho. Os demais capítulos retratam situações protagonizadas pelo conjunto familiar: Mudança, Inverno, Festa, Fuga.

Diversos autores compartilham da opinião de Antônio Cândido. Segundo ele, nessa “construção por fragmentos (...), os fatos se arranjam sem se integrarem uns com os outros perfeitamente, sugerindo um mundo que não se compreende, e se capta apenas por

manifestações isoladas.”<sup>1</sup> José Mauricio de Almeida, por outro lado, acredita não ser casual o posicionamento do capítulo Inverno no meio da narrativa (é o sétimo dos treze capítulos). O inverno, isto é, as chuvas torrenciais, é o clímax de um processo que se repete ciclicamente: segue-se a uma estiagem (mudança é o primeiro capítulo) e precede outra (o capítulo final é Fuga). Por conseguinte, existe naturalmente uma cronologia dos acontecimentos narrados; porém, essa cadeia cronológica é fruto das mudanças no ambiente natural e não da vontade ou projetos dos personagens.

*Vidas Secas* é, sem dúvida, conforme destacou Antônio Cândido, uma pequena obra prima. Um dos traços mais destacados da obra é a sobriedade formal. Com efeito, o autor despe sua prosa de dados supérfluos. Até mesmo a paisagem descrita capta-se menor por representações miúdas e não por uma série de tomadas cortantes. A natureza interessa somente na medida em que serve para propor uma realidade hostil a que um personagem responderá. Ademais, a própria expressão formal da frase é singela, com predomínio da coordenação e da justaposição. Toda essa sobriedade e singeleza, contudo, nada tem haver com pobreza vocabular. O texto de *vidas* revela um rol de cerca de 940 verbos diferentes. Entre esses, encontram-se itens de uso nada espontâneo como *encalacrar-se*, *estavazar-se*, *despenhar-se*, *esbodegar-se*, *aboletar-se*.

---

<sup>1</sup> RAMOS, Graciliano. *Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1961. p. 15. (Nossos Clássicos).

## 2 UM ESTUDO SOBRE AS VOZES VERBAIS

### 2.1 A descrição da voz verbal na tradição gramatical brasileira

Neste capítulo, apresentamos um elenco de descrições das vozes verbais, conforme expostas nas gramáticas amiúde incluídas na designação tradicional. É importante, antes de tudo, elucidar uma questão. O termo tradicional aqui não é empregado com sentido pejorativo para qualificar as obras aqui elencadas como meros manuais da norma padrão. Não endossamos, portanto, a concepção, comum em muitos estudos contemporâneos, de que essas obras se limitam a prescrever regras sem suporte teórico, embasadas em aspectos arbitrários.

Com efeito, é bastante recorrente a ideia de que a gramática tradicional se limita a prescrever regras da boa expressão linguística fundamentadas em texto de autores consagrados, mormente os clássicos, ou ainda na mera opinião do gramático. Dentro dessa perspectiva, gramática tradicional seria sinônimo de gramática normativa ou prescritiva. Contudo, convém lembrar a lição de Cavaliere (2000, p. 37-38):

Uma indesejável imprecisão, comum na avaliação dos estudos gramaticais contemporâneos, diz respeito à pseudo-sinonímia entre gramática normativa e gramática tradicional. Se entendermos a gramática tradicional brasileira como a que se produz por longo decurso de tempo na pesquisa e no ensino do português, e que, portanto, tem raízes numa tradição vernácula, seria mais lícito caracterizá-la como gramática descritivo-normativa, visto que seus estatutos não se limitam a prescrever regras sem apoio teórico, inspiradas na arbitrariedade.

Além disso, cabe ressaltar que qualquer gramática, mesmo aquelas encaradas como descritivas, contém um componente normativo. Isso se dá devido à impossibilidade de se descrever todos os usos possíveis da língua. Todo gramático precisa fazer um recorte dos fatos da língua que vai descrever. Essa seleção, por si só, é de caráter normativo, visto que implica a discriminação daquilo que é descritível na língua.

Nesse sentido, ao empregar o termo tradicional, queremos nos referir ao papel que tais autores tiveram nos estudos gramaticais brasileiros. Com efeito, algumas obras apresentadas aqui sob esse rótulo estão entre os primeiros manuais de língua e, portanto, forneceram o fundamento para estudos posteriores.

Incluimos, outrossim, neste capítulo, autores que, embora não possam ser considerados tradicionais também não se encaixam no rol da nova geração de linguistas. Esses são os que, em nossa opinião, mais bem souberam articular a dicotomia tradição (v)

modernidade, ou seja, souberam absorver a contribuição da linguística moderna sem, contudo, prescindir da colaboração intelectual e científica que os autores tradicionais nos legaram.

No primeiro grupo de gramáticos, estão os nomes de Julio Ribeiro, Maximino Maciel, Eduardo Carlos Pereira, Manuel Said Ali, Rocha Lima e Celso Cunha e Lindley. No segundo grupo, incluímos Walmírio Macedo, Celso Pedro Luft, Evanildo Bechara e José Carlos de Azeredo.

Após a exposição detalhada de cada autor, realizamos uma análise contrastiva, visando a discriminar os critérios empregados por eles, comentar o quadro de classificação das vozes e discutir a validade daqueles e a abrangência destes.

### 2.1.1 Os tradicionais

Nesta sessão, dedicamos-nos a abordar as análises do modelo que consideramos tradicional. Estão incluídos os autores que serviram de precursores para os estudos modernos e também aqueles que produziram estudos mais recentes, porém, seguiram o modelo tradicional.

#### 2.1.1.1 Julio Ribeiro (Grammatica Portugueza, 1885)

Julio Ribeiro explica que, diferente das línguas clássicas, o português não apresenta uma forma especial para a construção de voz passiva. Essa lacuna, contudo, é preenchida com formas do verbo *ser*, acompanhadas de participios aoristos.

O autor refere-se ainda às construções passivas em que o pronome *se*, cognominado partícula apassivadora, liga-se a um verbo na terceira pessoa do singular ou do plural. Nesse ponto, JR faz uma consideração bastante relevante e frequentemente ignorada por nossa tradição gramatical. A construção passiva operada através de pronome *se* tem particularidades semânticas que a distinguem da composição com perífrase verbal. Com efeito, a passiva pronominal adquire uma significação geral e evidencia a intenção clara de omitir o agente do processo verbal.

O gramático destaca também que a interpretação passiva da construção pronominal só é nítida se o verbo é acompanhado de um termo que designa ser inanimado, como em “Consertam-se relógios”. Por outro lado, uma frase como “O homem feriu-se” teria

ambiguidade de sentido, podendo significar que o homem feriu a si mesmo. Segundo o autor, a passividade também pode vir expressa pelo infinitivo dos verbos transitivos, como no exemplo “Deixei comer o toucinho pelo gato”.

#### 2.1.1.2 Maximino Maciel (Grammatica descriptiva, 1916)

Maximino Maciel apresenta três possibilidades para a construção de voz passiva em português: “passiva analítica ou participial”, com verbo *ser* seguido de um particípio passado (Ex.: Minha campá *será* entre as mangueiras *banhada* de luar.); “passiva pronominal”, pelo emprego do pronome *se* (Ali... *se* passava o tempo, *se* gozavam as noites, *se* sentiam menos as importunas chuvas e ventos de novembro), e “passiva semiótica ou infinitivo”, cuja passividade se expressa apenas no sentido, visto não haver nenhum sinal de passividade (Ex.: De Portugal mandou El-rei despachar (ser despachada) formosa frota).

Assim como Julio Ribeiro, Maciel alerta para a importância do traço [- animado] na classificação da voz passiva pronominal, uma vez que a possibilidade de o termo que o verbo acompanha exercer a função de agente admite interpretação reflexiva.

#### 2.1.1.3 Eduardo Carlos Pereira (Gramática Expositiva, 1940)

Eduardo Carlos Pereira indica três construções de voz do verbo: a “voz ativa” (Ex.: O soldado feriu o preso), a “voz passiva” (O preso foi ferido pelo soldado) e a voz média ou reflexa (O soldado feriu-se). Embora empregue a expressão voz média, o termo é empregado apenas como sinônimo de voz reflexa.

A maneira dos autores anteriormente referidos, ECP discrimina três processos de que a língua se vale para indicar a passividade: a combinação de *ser* ou *estar* mais particípio; o emprego de *se*, partícula apassivadora, com sujeito inanimado ou animado paciente, e infinitivo.

#### 2.1.1.4 Manuel Said Ali (Gramática secundária, 1964 e Gramática histórica da língua portuguesa, 1971)

Para Said Ali, a voz verbal é uma variável morfológica dos verbos transitivos que exprimem ação. O autor menciona que transitivos são apenas os transitivos diretos, os transitivos indiretos são considerados intransitivos. Na voz ativa, a ação procede do sujeito. Ao passo que, na voz passiva, ela se dirige a ele. Nessa construção o sujeito passa a atuar como agente da passiva, que o autor chama de complemento de causa eficiente.

Ainda segundo o autor, constrói-se a voz passiva através do particípio passado de um verbo transitivo direto antecedido de um verbo *ser* auxiliar (Ex.: Pedro é visitado por Paulo).

Finalmente, Said Ali descreve outro tipo de voz, que chama de voz média ou medial. Essa ocorre com verbos conjugados com o pronome reflexivo. A construção pode ser empregada com diferentes significações:

1º Ação rigorosamente reflexa, que o sujeito em vez de dirigir para algum ente exterior, pratica sobre si mesmo (Ex.: Pedro matou-se)

2º Estado ou condição nova, equivalendo a forma reflexa à combinação de ficar com particípio do pretérito (Exs.: Renato feriu-se nos espinhos [= ficou ferido], O menino afogou-se no rio [=ficou afogado], O gelo derreteu-se [= ficou derretido], Carlos zangou-se com o irmão [= ficou zangado]).

3º Ato material ou movimento que o sujeito executa em sua própria pessoa, idêntico ao que executa em coisas ou em outras pessoas, sem haver propriamente a ideia de direção reflexa como no primeiro caso (Exs.: Afastei-me do fogo [à semelhança de: afastei a criança, o livro do fogo], Ele arremessou-se sobre o inimigo [à semelhança de: arremessou uma pedra], A mãe deitou-se na cama [à semelhança de: deitou a criança na cama], Sentamo-nos no sofá).

4º Ato em que o sujeito aparece vivamente afetado. (Exs.: Ufano-me de ser brasileiro, Todos se queixaram da grave injustiça, Colombo atreveu-se a empreender viagem tão arriscada.

O autor destaca que essa última categoria não pode ser explicada por nenhuma regra, visto que os verbos que atribuem ao argumento *sujeito* a propriedade de ser afetado podem ser codificados com ou sem o pronome reflexivo. É tudo questão de tradição e uso. *Atrever-se*, por um lado, emprega-se com o reflexivo; ao passo que *ousar*, por outro, apesar da sinonímia, prescinde do pronome.

Para Ali, a voz média serve também para os casos em que há dois ou mais sujeitos para denotar reciprocidade. Esse caso distingue-se do reflexivo pela possibilidade de se agregar à construção as expressões: um ao outro, uns aos outros. O verbo reflexivo, por sua vez, é caracterizado pela possibilidade de se lhe acrescentar as expressões *a nós mesmos*, *a vós mesmos*, *a si mesmos*.

Verbos que sempre se usam na voz média, como *atrever-se* e *queixar-se*, denominam-se verbos essencialmente pronominais. Said Ali define o pronome reflexivo como o pronome que, como o pronome oblíquo, se refere ao próprio sujeito do verbo (Exs: Eu me feri com a faca, Nós abstermo-nos de acompanhar os outros, Ele vingou-se do inimigo, Eles feriram-se a si mesmos).

A exemplificação da tipologia da voz média de Ali não está totalmente em conformidade com a definição que o estudioso formulou para a voz. Segundo ele, a voz é uma variável morfológica dos verbos transitivos diretos. Apesar disso, seleciona exemplos de voz média com um verbo transitivo relativo e outro intransitivo. É possível que o autor, ao definir voz verbal, estivesse pensando na oposição entre voz ativa e passiva. De modo que a voz média não estaria contemplada naquela definição. Isso, todavia, não ficou claro.

#### 2.1.1.5 Rocha Lima (Gramática normativa da língua portuguesa, 1982)

Lima descreve a voz verbal como um dos acidentes gramaticais do verbo. Seria “o acidente que indica se a ação verbal é produzida ou recebida pelo sujeito” (1982, p.107). Segundo o autor, são três as vozes verbais: ativa, passiva e reflexiva.

#### 2.1.1.6 Celso Cunha e Lindley Cintra (Nova gramática do português contemporâneo, 2007)

Cunha e Cintra elencam a voz entre as flexões do verbo, o que equivale a dizer que ela é uma forma verbal e, portanto, um conceito morfológico. Na conceituação de voz, porém, os autores referem-se à propriedade de atribuição de papel semântico ao sujeito, asseverando que “o fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas: como praticado pelo sujeito, como sofrido pelo sujeito, como praticado e sofrido pelo sujeito” (2007, p.398). Essa caracterização é claramente semântica, ou ainda, sintático-semântica.

Os autores não aludem à voz média, mas parecem incluí-la na voz reflexiva já que apresentam os verbos *levantar-se* e *enganar-se* com exemplos de reflexividade.



### 2.1.2 Gramáticos críticos

Os gramáticos elencados nesta seção são denominados gramáticos críticos porque apresentaram questionamentos à análise legitimada pela tradição, fazendo-o, todavia, sem a atitude iconoclasta que tem se tornado cada vez mais comum em estudos mais recentes.

#### 2.1.2.1 Walmírio Macedo (Gramática da língua portuguesa, 1991)

No capítulo destinado ao verbo, Walmírio Macedo apresenta um quadro bastante singelo das vozes verbais. Seguindo o modelo clássico, aponta três tipos de vozes verbais: ativa, passiva e reflexiva. No apêndice de sua gramática, porém, ele discorre um pouco mais sobre o tema. Sua análise tem o mérito de reconhecer a dificuldade de tentar enquadrar todos os verbos da língua em apenas três possibilidades de construção de voz. Observa que a oposição formal entre voz ativa e passiva é artificial uma vez que verbos como *cair* e *sofrer*, por suas propriedades semânticas, não admitem sujeito agente. Macedo critica a descrição da voz em Português por levar em conta apenas o aspecto formal da construção verbal. Embora não proponha um novo modelo, destaca que o capítulo de vozes verbais em Português merece “reestudo, reconsideração dos estudiosos a fim de que se possa ter uma visão coerente dos fatos”.

Em seguida, Macedo afirma que quem melhor colocou o problema foi o linguista Bernard Pottier, que escreveu um capítulo especificamente para as vozes verbais do Português.

#### 2.1.2.2 Celso Pedro Luft (Moderna gramática brasileira, 2002)

Luft define a voz como “a forma que toma o verbo para exprimir as relações de atividade e passividade entre o sujeito e o verbo” e apresenta uma tipologia tripartida das vozes. Porém, o autor faz uma descrição mais detalhada, uma vez que discrimina quatro tipos de voz passiva analítica de acordo com o significado do verbo auxiliar que participa da construção (a. de ação (aux. ser): ele é estimado, Foi feita a emenda; b. de estado (aux. estar, andar, viver): Ele está [anda, vive] cercado de amigos; c. de mudança de estado (aux. ficar): Ele ficou rodeado por [de] curiosos; d. de movimento: A mala ia[vinha] carregada pelo

homem). Para a voz reflexiva, o autor também encontra quatro subtipos (a. simples: machucar-se, ferir-se, conhecer-se (a si mesmo); b. recíproca: abraçar-se, falar-se, conhecer-se (uns aos outros); c. dinâmica: rir-se, ir-se, partir-se (pronomes sem real função lógico-sintática; “partícula expletiva”, seu papel é expressivo estilístico) d. pronominal: queixar-se, atrever-se, arrepende-se, etc. o pronome é fossilizado e o verbo nunca aparece sem ele).

Ademais, Luft refere-se à incongruência de chamar-se o *agente da passiva* de função sintática, já que se trata de uma função semântica. Para ele, o chamado agente da passiva é um adjunto adverbial.

#### 2.1.2.3 Evanildo Bechara (Moderna gramática portuguesa, 2002)

Bechara explica a voz como uma categoria verbal que “determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes” e discrimina três tipos de vozes: a ativa, a passiva e a média, de que a reflexiva é subtipo.

O gramático destaca que a passividade do sujeito não é condição suficiente para a existência da voz passiva, visto que muitas construções há em que se reconhece um sentido passivo, sem quem a oração esteja na voz passiva. É o caso da frase “os criminosos recebem o merecido castigo” em que é a unidade lexical do verbo que exprime a passividade. De modo similar, não se deveria reconhecer a voz passiva na frase “osso duro de roer”, conforme fizeram gramáticos de fases anteriores.

#### 2.1.2.4 José Carlos de Azeredo (Gramática Houaiss da língua portuguesa, 2008)

Azeredo dedica um capítulo inteiro de sua gramática a voz verbal, o que, por si só, sugere que o autor reconheceu nela particularidades que carecem de uma atenção mais cuidadosa. Essas particularidades, aparentemente, não fizeram a maioria dos estudiosos anteriores se sentirem desafiados, dado o tratamento sumário que o tópico tem em suas obras.

O autor define a voz como “a forma sintática que o predicado assume para atribuir um papel semântico ao respectivo sujeito”. De modo que sua definição emprega os critérios sintático e semântico. Essa opção é inovadora em relação à postura comum à maioria dos estudiosos, segundo os quais a voz é um acidente do verbo (Lima), uma forma verbal (Bechara, Luft) ou uma variação ou flexão do verbo (Cunha e Cintra).

O gramático critica a definição tradicional de que voz ativa é aquela em que o sujeito pratica a ação. Ele observa que o papel de agente do processo verbal é apenas um dos muitos que o sujeito pode adquirir (Cf.: “João conhece um bom restaurante”). Na realidade, a obrigatoriedade sintática do sujeito junto ao verbo faz dele o lugar sintático capaz de abrigar uma grande variedade de papéis semânticos. Dentre esses, são apresentados os seguintes: agente (O menino descascou a laranja), paciente (A laranja foi descascada pelo menino), instrumento (Esta chave abre todas as portas), lugar (Esta sala abriga quarenta alunos) e meio (Esta estrada leva ao mar).

Em cada um dos exemplos acima, com exceção de “A laranja foi descascada pelo menino”, a oração está na voz ativa. A definição comumente empregada para a categoria voz ativa, contudo, dá conta de apenas uma delas, deixando clara a sua inadequação.

A impossibilidade de definir voz ativa se dá pelo fato de que ela não apresenta qualquer traço semântico ou formal que a distinga. Com efeito, a voz ativa é a forma não marcada das vozes. A voz passiva, por outro lado, se caracteriza formalmente por uma locução, constituída de um verbo principal no particípio e o verbo *ser* auxiliar. Em outros casos, é o *se* apassivador que atua como índice formal da construção passiva. Semanticamente, a diátese passiva tem a particularidade de atribuição do papel temático de paciente ou ser afetado ao sujeito. Já a voz reflexiva se distingue formalmente pela presença de um *se* que espelha a pessoa e o número do sujeito e, semanticamente, pela convergência no mesmo referente dos papéis semânticos de agente e paciente.

Ademais, a construção passiva só é possível aos verbos transitivos diretos, com poucas exceções; ao passo que o conceito de voz ativa pode ser aplicado também aos verbos intransitivos, transitivos indiretos e transitivos relativos. É apenas nos verbos de estado que a noção de voz se anula, tornando inadequada qualquer tipificação deles.

Segundo Azeredo, o conteúdo de uma voz passiva analítica pode ser expresso também por uma combinação de um verbo transitivo direto na terceira pessoa seguido de um pronome pessoal oblíquo correferente do sujeito. Essa construção é a passiva sintética ou pronominal. Nessa construção, o agente do processo fica necessariamente omitido. De modo que a passiva sintética é, na verdade, um processo de indeterminação do agente.

Em que pese essa constatação, diz-se que a combinação do *se* partícula apassivadora e um verbo transitivo direto atribui ao paciente do processo a função sintática de sujeito da oração. Essa abordagem da questão parece destoar do sentimento linguístico do falante, dado

que frequentemente não se realiza a concordância do verbo com esse sujeito passivo. A conclusão disso é que a sentimento de indeterminação do agente sobressai ao caráter passivo da construção.

O autor ainda descreve a construção reflexiva, o predicado constituído por um verbo pronominal e a relação desses com a voz média. Essas questões serão abordadas mais adiante.

Após esse panorama do pensamento dos gramáticos brasileiros sobre o conceito de voz gramatical, torna-se necessário realizar uma síntese das definições, dos critérios empregados e de sua validade. A análise da tipologia das vozes revelou que as gramáticas estudadas apresentam três formas de classificação das vozes: ativa, passiva e reflexiva. Também são três os critérios empregados na classificação: o morfológico, o sintático e o semântico.

A tabela 1 mostra uma visualização dos critérios de análise.

Tabela 1- Critérios de análise para a classificação das vozes verbais

	Morfológico	Sintático	Semântico
Julio Ribeiro	-	x	x
Maximino Maciel	-	x	x
Carlos Pereira	-	x	x
Said Ali	x	x	x
Rocha Lima	x	x	x
Cunha e Lindley	x	x	x
Macedo	-	x	x
Luft	x	x	x
Bechara	x	x	x
Azeredo	-	x	x

### 2.1.3 Análise contrastiva

O estudo das análises permitiu constatar quatro problemas básicos nas descrições:

- 1) *Falta de sinergia entre os critérios de análise*. Não é difícil perceber que divergem os critérios no estabelecimento das vozes do verbo entre alguns autores e, muitas vezes, em um mesmo autor. Em geral a voz é descrita como uma variação, flexão, forma, ou acidente verbal, expressões que aludem claramente ao critério morfológico. Contudo, no momento de se estabelecer a tipologia, faz-se referência ao papel temático do sujeito (critério semântico) e, a seguir, à construção sintática do predicado (critério sintático).
- 2) *Primazia do critério semântico*. A associação entre o conceito de voz passiva com o de passividade do sujeito levou alguns estudiosos a cometer algumas incoerências. Por um lado, o conceito de voz passiva foi alargado, em alguns casos, ao se incluir, na categoria, construções de infinitivo como “osso duro de roer”, baseado numa equivalência (bastante discutível) com “osso duro de ser roído”. Por outro, a definição de voz ativa como oração em que “o sujeito pratica a ação verbal” parece restringir o conceito aos verbos de ação.

Em ambos os casos, o problema foi o mesmo: a exclusividade do critério semântico na formulação das definições, que, como em outros tópicos, gera uma série de inadequações. Por essa razão, é preciso vincular forma e significado. Visto que a passividade do sujeito pode vir expressa pela unidade lexical do verbo e que, além disso, o papel semântico de agente não é o único desempenhado pelo sujeito, torna-se necessário definir o traço formal que origina os tipos de vozes.

- 3) *Sintetismo do quadro de vozes verbais*. O elenco de vozes verbais nas gramáticas, em geral, representa uma tipologia tripartida, composta pelas vozes ativa, passiva e reflexiva. A voz média, quando aludida, aparece como um sinônimo ou subtipo da voz reflexiva ou ainda como uma categoria a que esta é subordinada. Essa concisão no estabelecimento de tipologias para a voz verbal obriga o estudioso a realizar generalizações indevidas, como, por exemplo, incluir construções com

verbos como estar, ficar, ir, vir, andar, viver na voz passiva. Por outro lado, construções como partir-se ou ir-se são incluídas na voz reflexiva.<sup>2</sup>

- 4) *Emprego do critério morfológico*. Declarar que o verbo varia em voz é tão antiquado quanto atribuir aos nomes flexão de grau. Apesar disso, a voz ainda aparece sob o tópico flexões do verbo na maioria dos manuais. A insistência no emprego do critério morfológico talvez esteja associado à herança científica dos estudos gramaticais. Com efeito, as primeiras gramáticas foram compostas tomando-se as gramáticas grega e latina como referência. Entretanto, se naquelas línguas a atribuição de voz se dava por meio de um processo morfológico; no português, ele é exclusivamente sintático.

Naturalmente, na descrição estrutural das vozes, lida-se com conceitos morfológicos, tais como particípio e pronome pessoal oblíquo. Todavia nenhuma dessas noções é responsável de *per si* pela diátese verbal. É a combinação de diferentes formas que resulta na formulação da voz. Por conseguinte, a voz verbal se estabelece ao nível da sintaxe.

A gramática tradicional falhou aqui e ali devido a um enfoque seccionado, parcial e subjetivo dos fatos e, por essa razão, tem sido alvo de severas críticas. A situação chegou a um ponto em que até mesmo o termo gramático, antes de caráter apreciativo, adquiriu uma conotação nova. A palavra parece estar, cada vez mais, associada ao normativismo linguístico e ao policiamento dos falares. Aparentemente, para designar o indivíduo que contribui para a descrição e o conhecimento de uma língua, a maioria prefere empregar o termo linguista.

Destarte, não são poucos os trabalhos que apontam para a necessidade de uma teoria gramatical mais satisfatória. Sugerem-se metodologias novas ou mais rigorosas, terminologias “mais adequadas”, abordagens mais abrangentes. Mais importante, porém, que indicar uma metodologia nova para uma descrição gramatical, é ressaltar os caminhos já seguidos por alguns de nossos eminentes gramáticos. Com efeito, muito do avanço dos estudos linguísticos se deve ao trabalho pertinaz, inteligente e moderno desses estudiosos.

Visando a destacar a contribuição que nos legaram os mestres aqui arrolados, procedemos a uma síntese das lições que revelam o seu apuro intelectual e o rigor científico de suas análises.

---

<sup>2</sup> Alguns autores, como Almeida (1955) e Kury (1991), não contemplados por esse estudo, referem-se a uma voz neutra, para incluir, na oposição, os verbos de estado. Essa descrição, no entanto, não ganhou muitos adeptos.

É preciso destacar, preliminarmente, que o Português não apresenta uma forma flexional própria para a expressão da voz. Conforme já notara Julio Ribeiro e como Azeredo ressalta enfaticamente, a voz verbal em Português é de natureza sintático-semântica, resultado da relação entre o verbo e seus argumentos. Nesse sentido, o critério morfológico, empregado pela maioria dos estudiosos na descrição da voz verbal, deve ser deixado de lado.

A alegação de sinonímia entre a passiva analítica e a pronominal é meramente um recurso didático que comprovaria a dupla possibilidade de codificação de um mesmo conteúdo referencial na diátese passiva. Na realidade, porém, as duas construções descrevem conteúdos proposicionais bem distintos. Essas propriedades semânticas não devem se ignoradas na descrição.

Uma teoria gramatical que se pretende abrangente deve levar em conta, além dos aspectos formais e semânticos, fatores contextuais e situacionais. No tópico em questão, se compararmos uma passiva analítica com uma passiva sintética, perceberemos que elas dificilmente, talvez nunca, seriam empregadas nas mesmas situações comunicativas. A frase *casas são alugadas*, por exemplo, tem um valor atual, ou seja, é descritiva de um dado da realidade. A sua equivalente sintética *alugam-se casas*, por outro lado, adquire uma conotação virtual, hipotética, pois divulga a intenção de alguém de alugar casas.

Similarmente, a transposição da passiva analítica para a passiva sintética pode provocar efeitos de sentido inesperados. Uma das possibilidades é a ambiguidade que o pronome *se* pode gerar quando o sintagma nominal da composição designa ser animado. Ao passo que a frase *o homem foi ferido* admite apenas a interpretação do homem como paciente do processo; a oração *o homem feriu-se* possibilita pelo menos três interpretações. Uma delas equivale à passiva analítica e as demais são reflexivas. Mas, neste caso, podemos entender que o homem feriu a si mesmo acidental ou intencionalmente.

Ademais, a construção sintética apresenta uma intenção nítida de omitir o agente do processo. Desse modo, uma e outra construção é empregada em contextos específicos de acordo com a intenção comunicativa do falante. Portanto, a passiva sintética em nenhuma hipótese seria empregada em situações em que o falante quisesse apontar o agente do processo, embora fosse possível a opção pela passiva analítica.

Outro fator que precisa ser discutido é a tradicional divisão tripartida das vozes verbais. Essa opção demonstra o favorecimento do aspecto formal na descrição das diáteses do verbo, pois resulta na inclusão, dentro da mesma classificação, de uma ampla gama de

verbos representantes de diferentes tipos semânticos. Said Ali e Azeredo, ao incluírem a voz média, apresentam o conceito de voz como um contínuo, que vai desde a atividade plena do sujeito até à absoluta passividade, passando por nuances gradativas da participação do sujeito no processo verbal.

Essa abordagem é especialmente relevante quando se trata das construções denominadas voz reflexiva constituídas de verbos seguidos da partícula *se*. Em geral os manuais referem-se a elas como as composições em que o sujeito pratica e sofre a ação. Os exemplos elencados são sempre prototípicos, com os verbos ferir, barbear ou pentear – verbos que descrevem ações que o sujeito pode executar em si mesmo. O que fazer, porém, com verbos que expressam sentimentos, como indignar-se ou enfadar-se. Ou ainda verbos que descrevem movimentos do próprio corpo, como levantar-se e deitar-se. A reflexividade não é tão clara nesses casos.

A omissão desses exemplos presta um desserviço à ciência linguística visto que passa a mensagem de que a descrição das vozes é assunto fácil que não merece estudo. O mérito de Ali e Azeredo é demonstrar que o assunto é bem mais complexo do que se pensa e, além disso, de articular adequadamente o traço formal com o conteúdo das estruturas linguísticas.

Finalmente, Ali, Azeredo e Bechara indicam o problema em se dar destaque demais ao critério semântico, uma vez que o conceito de voz é nitidamente de caráter intermediário, estando entre a sintaxe e a semântica. Segundo Bechara, por exemplo, a classificação de uma construção como passiva não procede da mera atribuição de papel semântico de paciente ao sujeito. É necessária primordialmente a identificação da organização sintática que caracteriza a voz como passiva.

Abaixo apresentamos uma tabela com as contribuições que, em nossa opinião, são as mais relevantes.

Tabela 2- Contribuição dos gramáticos para a descrição da voz verbal

Autor	Contribuição
Julio Ribeiro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A voz em Português é um fenômeno sintático, diferente das línguas clássicas em que era morfológico.</li> <li>• Passivas sintéticas e analíticas não são sinônimas, cada qual possui particularidades semânticas próprias.</li> </ul>
Said Ali	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inclusão da voz média na descrição.</li> </ul>



	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Discriminação de traços semânticos típicos de construções médias</li> </ul>
Luft	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A descrição deve ir para além das construções prototípicas.</li> </ul>
Bechara	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Primazia da forma sobre o significado.</li> </ul>
Azeredo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definição sintática de voz verbal.</li> <li>• Passivas analíticas e sintéticas não são sinônimas. A opção por uma ou outra é orientada por fatores contextuais e situacionais.</li> <li>• Descrição da voz média e sua relação com a voz reflexiva e o verbo pronominal.</li> </ul>

## 2.2 Abordagem funcionalista das vozes verbais

Na seção anterior, procedemos à exposição das vozes verbais em diversos autores de gramática, desde os mais tradicionais até os mais modernos. Neste, dedicar-nos-emos ao estudo dessa categoria no trabalho de pesquisadores que mais recentemente têm se debruçado sobre o assunto, com diferentes enfoques. Dessa forma, analisamos o tratamento dado pelo linguista francês Bernard Pottier, que dedicou alguns trabalhos à descrição das vozes verbais do português, e aos estudos de Roberto Camacho.

### 2.2.1 Bernard Pottier (Estudos linguísticos do português)

Para Pottier, existe uma oposição básica de voz, de acordo com a relação existente entre sujeito e predicado. Se o predicado se orienta para o sujeito, e relação é endofórica e a voz é atributiva. Se o movimento, contudo, é inverso – o sujeito na direção do predicado -, a relação é exofórica e a voz é denominada ativa. O autor explica que são essas duas orientações que disciplinam a classificação da voz verbal. Observa, no entanto, que é necessário vincular forma e significado na distinção das vozes. De modo que mesmo um verbo com sentido passivo pode fornecer o eixo para a formulação de uma voz ativa. Nesse sentido, a frase “Pedro recebe uma carta” é tão ativa quando “Pedro manda uma carta”. Essa aparente incongruência se dá quando a passividade é expressa pela unidade lexical que integra o verbo. Visto que o conceito de voz é gramatical, a mera passividade do sujeito, resultante de

um significado lexical do verbo ou de um fator lógico, não deve ser percebida como voz atributiva.

Na especificação da voz atributiva, Pottier afirma que ela se manifesta através de verbos provenientes de um inventário finito. Esses verbos constituiriam um contínuo que vai desde a forte atribuição até a fraca atribuição. Entre os mais fortemente atributivos estariam os verbos relacionais, ilustrados por *ser* e *estar*; depois, viriam verbos existenciais, como *haver* e *existir*; a seguir, verbos de pertencimento, como *ter*, e finalmente, verbos de atribuição subjetiva, tal como *considerar-se*.

Segundo o linguista, a voz atributiva pode apresentar uma leitura descritiva ou passiva. No primeiro caso, o esquema seria monoactancial, ou seja, a estrutura argumental do verbo apresentaria apenas o argumento externo e um atributo (representado por adjetivo ou particípio), como em “O problema está resolvido” e “Meu irmão é casado”; no segundo, a configuração seria biactancial, com um argumento externo paciente e um argumento interno agente, são exemplos “O Presidente estava acompanhado de sua esposa” e “O ladrão foi detido pela polícia”. No esquema biactancial, o argumento interno pode vir apenas sugerido, como em “O melhor vinho é fabricado no sul” e “O problema foi resolvido ontem”. Todos os enunciados passivos possuem um esquema conceptual ativo correspondente.

A organização gramatical dessas subcategorias de voz atributiva se dá, na visão descritiva, com os verbos *ser* e *estar* e, na visão passiva, primordialmente com o verbo *ser*. Ocasionalmente, todavia, podem formar-se passivas com o verbo *estar* seguido do particípio de um verbo que denota uma fraca atividade (Ex.: “O chefe de Estado estava representado pelo Ministro da Fazenda).

O autor menciona ainda que, acompanhados da série *me*, *te*, *se* ..., alguns verbos atributivos podem formar a construção médio-descritiva (Ex.: “Paulo foi-se embora”) Não há, porém, qualquer conceituação dela.

As construções ativas incluiriam todos os demais verbos da língua, quer intransitivos quer transitivos. Os intransitivos podem formar o médio-intransitivo, caso venham acompanhados de pronome reflexivo *me*, *te*, *se* ... (Ex.: “João se senta.”, “João se levanta.”). Quando seguidos de um reflexivo, os transitivos diretos dão a construção reflexiva (Ex.: “Paulo se matou com o revolver.”) ou a recíproca (Ex.: “Vítor e Lúcia encontraram-se no aeroporto.”). Os transitivos diretos podem formar ainda o médio-passivo, se provêm da voz passiva ( Trans. Direto: Paulo move as árvores facilmente. > Trans. Inverso: As árvores são

movidas facilmente. > Médio-passivo: As árvores se movem facilmente [qualquer um pode movê-las]).

Tabela 3- Recapitulação das oito classes fundamentais dos esquemas e das vozes

Biactancial		Monoactancial	
Ativo transitivo (direto)	Ativo transitivo (inverso) ou “atributivo passivo”		
		Atributivo descritivo	Atributivo intransitivo
O ladrão feriu Pedro Pedro agitou os galhos da árvore Pedro matou o tigre	Pedro foi ferido pelo ladrão Os galhos da árvore foram agitados por Pedro O ladrão foi enforcado	Pedro está ferido Pedro é médico Pedro está adormecido Pedro tem febre Há vento	Pedro dorme Os arquivos arderam Pedro morreu ontem venta
“Médio transitivo”	“Médio passiva”	“Médio-descritivo”	“Médio-intransitivo”
Reflexivo: Pedro matou-se com um revólver Recíproco: Pedro e João cumprimentaram-se	Estes galhos agitam-se facilmente As uvas se vendem bem este ano Os arquivos destruíram-se no séc. XVI	Vou-se	Pedro se levanta Pedro se matou ao descer a escada Esse menino se chama Pedro Esses galhos se agitam Os arquivos se consumiram (ou: se queimaram no séc. XVI)

Pottier define a voz como um conceito sintático (“a voz exprime a relação entre o sujeito e o predicado”), mas parece partir do pressuposto de que ela é uma categoria semântica, visto que constrói a tipificação das vozes orientado exclusivamente pelos tipos semânticos dos verbos. Pode-se dizer, portanto, que, na análise de Pottier, o significado tem precedência sobre a forma.

Depois de definir a voz ativa como a orientação que parte do sujeito em direção ao predicado, o autor apresenta verbos intransitivos entre os verbos ativos, incluindo exemplos tais como *morrer*, *dormir* e *ventar*. Esses verbos invalidam a definição de voz ativa formulada, já que constituem orações monoactanciais. No caso de *morrer* e *dormir* o sujeito é apenas o ser afetado pelo processo, ao passo que com *ventar* sequer há um sujeito de que o movimento transitivo possa partir.

Esse fato ilustra o problema de se formular uma análise unicamente semântica para as vozes verbais e, especialmente, para a voz ativa, que não apresenta qualquer particularidade semântica ou formal. Na verdade, é a ausência da configuração peculiar do predicado passivo, do índice formal da passividade, que caracteriza o predicado como ativo.

Bastante interessante é a descrição do autor da voz média, com cinco subtipos. Além de se basear num critério formal, a presença do clítico, a análise leva em conta o significado, o que a torna bem mais apropriada que a formulação sobre as construções passiva e ativa.

A observação da análise de Pottier e o cotejo desta com a descrição tradicional permite notar que há dois critérios fundamentais na formulação do quadro de vozes verbais: o formal e o semântico. Quando o critério formal se sobrepõe ao semântico, o resultado é uma descrição bastante sintética e esquemática. A consequência mais visível disso é a necessidade de agrupar sob uma única denominação construções com particularidades semânticas bastante distintas, malgrado apresentem a mesma configuração formal aparente. Se, por outro lado, o critério prioritário é o semântico, a descrição se torna mais abrangente, visto que dá conta de descrever as estruturas que se diferenciam apenas por fatores semânticos ou pragmáticos.

No entanto, vale ressaltar que uma abordagem que leve o critério semântico até as últimas consequências pode gerar uma série de inadequações. Isso se dá porque embora seja a forma que disciplina o significado, diferentes estruturas podem gerar resultados semânticos e pragmáticos semelhantes. Desse modo, deve-se conduzir o estudo semântico em parceria com a observação da forma.

### 2.2.2 Roberto Camacho

Camacho define voz como “a forma que o predicado verbal assume para representar sua relação com o argumento na função de sujeito”. Segundo ele, a representação mais básica e primária das vozes é a voz ativa, que é a construção em que o evento é tratado como ação que procede do sujeito.

O autor previne o leitor de que adotará uma visão escalar e não discreta das vozes, postura que vem sendo abonada por muitos linguistas em diferentes trabalhos. Dentro dessa perspectiva, visto que as construções de voz exercem uma diversidade de valores semântico-oracionais e pragmático-discursivos, elas devem ser entendidas como um domínio

multifatorial, tendo por base alguma caracterização prototípica a partir da qual outros tipos de construção ganham contorno próprio.

Camacho observa que o critério formal não é suficiente para se elaborar uma taxonomia coerente, visto que isso implicaria agrupar tipos desiguais. A razão para a diversidade tipológica, segundo, ele estaria na diacronia da língua. De modo que diferentes estruturas primitivas teriam convergido para aquilo que identificamos como construções de voz.

Citando Givón (1981; 1994), o linguista destaca que a voz representa um grande número de possibilidades correspondentes de expressão que envolve três domínios funcionais: a) topicalidade: a atribuição de tópico a um argumento não agente; b) impessoalidade: possibilidade de supressão do agente; c) detransitividade: considera-se a construção de voz passiva semanticamente menos “ativa”, isto é, menos transitiva.

Outro dado relevante na análise de Camacho é a noção de perspectiva. Segundo ela construções ativas e passivas são formulações distintas de um mesmo estado de coisas. Nesse sentido, ambas as composições apresentam a mesma configuração formal ou esquema do predicado num nível subjacente. A diferença na representação final se baseia no fato de que a sentença ativa codifica o estado de coisas a partir do ponto de vista do sujeito ao passo que a oração passiva o faz tendo como referência o ponto de vista do paciente.

O linguista aponta para duas construções principais de voz em português: voz passiva, ou passiva analítica, e voz impessoal, ou passiva sintética. A primeira é construída com um auxiliar mais um particípio passado, seguido ou não de um sintagma preposicionado com a função de agente.

A voz impessoal é formada por um verbo na terceira pessoa da conjugação ativa, combinada a um pronome *se*, chamado tradicionalmente apassivador. A particularidade mais evidente da voz impessoal é a eliminação obrigatória do Sprep agente. Isso lhe confere uma função diferente da que tem a passiva em que a representação do agente é, ao menos, possível.

Outra construção referida por Camacho como pertencendo ao domínio funcional é a voz média. Essa construção é formada por um verbo numa conjugação ativa seguido de um pronome clítico anafórico do sujeito, cuja ocorrência prototípica é a construção tradicionalmente chamada reflexiva. A noção de voz média enquadra um contínuo constituído por verbos que veiculam a ideia de integração do sujeito na ação que dele parte. Dentro dessa categoria semântica, estão os verbos pronominais, como *desenvolver-se*, que se aproximam

dos verbos depoentes latinos, pois, assim como eles, são construções formais de voz com significação ativa de processo.

A distinção entre voz impessoal e voz média não é sempre nítida, devido à possibilidade de interpretação do sujeito como mais ou menos ativo. Citando Câmara Jr, Camacho aponta um traço formal que contribui, ainda que precariamente, para a distinção entre as duas estruturas: a posição do sintagma nominal. Posposto ao verbo, favorece-se a interpretação como construção impessoal (aluga(m)-se casas; quebrou-se o vaso). Ao passo que a posição pré-verbal (o vaso se quebrou) condiciona a interpretação do *se* como reflexivo.

Camacho descreve ainda a voz adjetival. Essa se caracteriza, semanticamente, pelo caráter estativo-resultativo e, sintaticamente, pelo combinação *estar* ou *ficar* + particípio.

Abaixo apresentamos uma tabela síntese com os tipos de vozes descritas pelo autor.

Tabela 4- Vozes verbais por Roberto Camacho:

<b>Voz</b>	<b>Traço formal</b>
Voz passiva	Ser auxiliar + particípio passado
Voz impessoal	Se (prônimo apassivador)
Voz média	Se (medial ou reflexivo)
Voz adjetival	Estar ou ficar auxiliar + particípio passado

Camacho dá às vozes verbais um tratamento funcional. Nesse sentido, articula o critério formal ao semântico e ao pragmático. Um dos resultados dessa análise é a formulação de uma denominação distinta para a chamada voz passiva sintética. Essa escolha desfaz o equívoco da equivalência entre passiva sintética e analítica. Como já observamos anteriormente, elas descrevem conteúdos proposicionais distintos e nunca são empregadas nos mesmos contextos.

Ademais, o autor destaca que a descrição das vozes deve ocorrer numa perspectiva escalar. Assim, torna-se claro que as construções de voz são tão complexas que qualquer tentativa de enquadrá-las numa tipificação enxuta, como a tradicional, é inútil. O que se pode fazer é criar padrões para as construções prototípicas e apontar em que grau as demais se aproximam ou se distanciam delas.

### 2.3 Por um critério na classificação das vozes

A teoria gramatical adequada deve ter uma exigência metodológica, a fim de originar uma descrição que não seja contraditória, mas exaustiva e tão simples quanto possível. Desse modo, uma teoria deve ser geral, munindo o usuário de um instrumento de permita identificar todos os objetos dentro do sistema que pertença à mesma categoria. Além disso, visto que é no discurso que as palavras ganham significado é aí que elas devem ser estudadas e compreendidas.

Olhando para os estudos gramaticais, notam-se três posições distintas assumidas pelos estudiosos: a perspectiva semântica, a formal e a funcional. Visto que a gramática tradicional é herdeira dos estudos filosóficos, ela se propunha lógica. Desse modo, tinha-se como premissa a primazia do significado. O estudo, portanto, devia centrar-se nele. É essa posição que originou definições exclusivamente semânticas, como ‘sujeito é aquele que pratica a ação verbal’ ou ‘verbo é a palavra que denota ação, estado ou fenômeno’.

A segunda posição caminhou na direção oposta por separar forma e significado, minimizando a importância deste. Esse procedimento gerou uma série de absurdos simplificadores, na medida em que levou o pesquisador a ignorar variáveis contextuais e situacionais. Vale reconhecer, porém, que atenuar a importância do sentido foi até certo ponto saudável para os estudos linguísticos, haja vista o quadro anterior. No entanto, tal postura não se justifica no atual estágio da linguística, enquanto essa ciência caminha para a maturidade metodológica.

Finalmente, a terceira posição concilia as outras duas e, por isso, é a mais adequada. De fato, sabe-se que os estudos linguísticos devem conciliar três componentes relativos à linguagem: o formal (morfológico), o combinatório (sintático) e o semântico (incluindo aí o pragmático). Isso se dá porque a compreensão global do fato linguístico resulta da articulação adequada desses três fatores. Tendo isso em mente analisaremos os pressupostos metodológicos que devem orientar a formulação de uma descrição da categoria das vozes verbais.

### 2.3.1 Pressupostos teóricos estruturais

Um dos principais fundamentos estruturais que devem ser considerados, sobretudo nos estudos sintáticos, é o princípio da funcionalidade. Esse princípio, por sua vez, é baseado no postulado da solidariedade, que prevê uma relação não-orientada entre dois elementos, ou seja, um termo A exige a presença de um termo B tanto quanto o termo B exige a presença do termo A. Desse modo, existe uma pressuposição mútua. Em outros termos, a solidariedade se refere à relação entre duas constantes. Aplicando o conceito à interdependência entre forma e significado, pode-se afirmar que o plano da expressão e o plano do conteúdo são solidários, na medida em que se pressupõem mutuamente.

Contíguo do postulado da solidariedade é o princípio da oposição. Segundo Coseriu, esse princípio se baseia no seguinte:

dadas duas unidades A e B compostas de mais de um elemento, e de tal modo que tenham uma parte comum (a), estas duas unidades se acharão em oposição uma com a outra e funcionarão como unidades independentes pelas partes que não possuem em comum (b e c) (Coseriu, 1979, p.71).

Coseriu se referiu ao mesmo princípio abordado por Saussure no *Curso de Linguística Geral*. Ali o linguista explica que o mecanismo linguístico é baseado em um sistema de identidades e diferenças.

Aplicando esses princípios estruturais ao sistema de vozes, constatamos a necessidade do princípio da solidariedade entre o critério semântico e o formal na formulação do quadro de vozes. Além disso, entendemos que é preciso fazer distinções mais bem marcadas das estruturas que se opõem semanticamente. Destarte, propomos no capítulo a seguir uma análise para as vozes verbais.

### 2.3.2 Vozes verbais: Uma proposta de análise

A voz verbal é a organização formal do predicado que estabelece sua relação semântica com o argumento externo. Neste sentido, entende-se que a natureza da voz em Português não é morfológica, uma vez que a língua não codifica o significado expresso pela voz através de um morfema gramatical do verbo, mas sim por meio de uma estrutura específica no sintagma verbal da oração.



A oposição fundamental da categoria da voz é aquela que se estabelece entre a voz ativa e a voz passiva. A primeira, que abrange a grande maioria das construções da língua, é a forma não marcada das vozes. Por conseguinte, qualquer tentativa de definição dela é inútil. Por sua abrangência a categoria da voz ativa inclui uma ampla gama de significações. Além disso, a ausência de traço formal impede sua conceituação.

A voz passiva, por outro lado, é identificada por um particípio passado precedido de um verbo ser em qualquer tempo e tem como resultado semântico a atribuição do papel temático de paciente ao argumento na função de sujeito. A passiva sintética é caracterizada pela presença de um pronome em estágio avançado de gramaticalização, tanto que é tradicionalmente chamado de partícula (apassivadora). Semanticamente, constitui mais um caso de indeterminação do agente, dado que esse valor pragmático sobressai ao sentido passivo da construção.

Nossa definição minimiza o critério semântico na oposição entre voz ativa e passiva em vista de sua pouca praticidade. Por um lado, o papel semântico de agente não é o único que a oração na voz ativa atribui ao sujeito. Por outro, o sentido passivo não é exclusivo da composição passiva. Por essa razão, embora o significado seja o resultado da mudança de diátese de uma oração, acreditamos que ele seja de pouca relevância na oposição entre as vozes básicas.

Não obstante o observado acima, o critério semântico torna-se fundamental na discriminação dos valores existentes entre os extremos das diáteses ativa e passiva. Isso se dá devido à carência de diversidade na expressão dos variados sentidos das noções intermediárias do esquema de vozes. A voz reflexiva, a recíproca e a média exprimem-se todas pelo mesmo processo formal: a coocorrência do verbo com um pronome reflexivo. Por essa razão, reservamos o próximo capítulo ao estudo das construções formadas com o clítico.

#### **2.4 O conceito de voz média e sua utilidade na descrição gramatical**

Nesta seção, abordamos especificamente o conceito de voz média em diferentes estudos. Embora tenha sido omitida na formulação da NGB, explícita ou implicitamente, a voz média tem aparecido nos estudos de vários autores tanto tradicionais quanto modernos. Nosso objetivo, ao proceder a essa análise, é estabelecer os traços da medialidade, de modo a

tornar possível sua diferenciação de outras estruturas integradas pelo clítico *se*, a saber, passivas pronominais, construções reflexivas e os casos de verbos pronominais.

Com esse intuito, analisamos, inicialmente, os autores tradicionais. A seguir, expomos a análise da voz média em diferentes autores gerativistas.

Uma análise da abordagem da classificação dos verbos seguidos de *se* em algumas gramáticas revela que comumente são incluídos entre os verbos pronominais construções que apenas acidentalmente aparecem com o pronome. Isso aponta para a necessidade de distinguirmos as construções de verbo pronominal, as construções de voz reflexiva\recíproca e as construções médias. Para isso, torna-se necessário definir a voz média e discutir as propriedades semântico-funcionais que permite diferenciá-las.

O aspecto mais geral apontado por diversos autores para a voz média é a presença de *se*. Apesar disso, o apagamento do *se* é cada vez mais frequente em construções mediais, o que faz com que alguns autores, como Monteiro (1994), levantem a hipótese de que o desaparecimento do clítico seja uma tendência do português atual.

A presença do clítico tem levado alguns a considerar a voz média um subtipo da voz reflexiva. Há quem diga também que a voz média é subtipo da “voz neutra”, manifestada por verbos que não indicam nem ação nem recepção, mas apenas “fenômenos que se passam no próprio sujeito” (BUENO, 1963, p. 375). Nossa posição é a de que a voz média faz parte de um sistema que tem a voz ativa e a voz passiva como extremos, representando as organizações sintáticas que permitem, em orações prototípicas, conferir ao sujeito, respectivamente, os papéis de agente e de paciente. A voz média corresponde a um contínuo que inclui variadas construções incompatíveis com as noções de ativo e passivo. Dentro dessa perspectiva, é a voz média que compreende a voz reflexiva e não o contrário.

Said Ali enfatizou o aspecto semântico da voz média: “[...] A condição do sujeito aqui é a de paciente. Estoutros intransitivos, ainda que tenham forma ativa, aproximam-se, pois, quanto à significação, antes dos transitivos passivos que dos transitivos ativos.” (Said Ali, 1964, p.177). O traço a que o autor se refere é a *afetação do sujeito*. Segundo Ali, uma das funções da voz média seria indicar que a ação não parte do sujeito, mas que é ele a entidade afetada.

Ademais, o autor aponta como fator da voz média a significação do próprio verbo. Seriam casos de voz média os verbos de sentimento acompanhados de pronome, pois “o mesmo efeito que o sujeito, como agente, produz em outros indivíduos, se produziu

inversamente nele por uma causa qualquer exterior” (1964, p.178). Nesse sentido, a voz média exprime ações espontâneas em que não se reconhece um agente ou causa reconhecível.

Outro autor que trata especificamente da voz média é Mattoso Câmara (1972, p. 182-3). Segundo ele, a voz média apresenta três subcategorias: a média reflexiva e a média recíproca, em que a significação do verbo se mantém inalterada e há a presença de um objeto autônomo, isto é, não correferencial ao sujeito, e a voz média dinâmica, em que a pessoa do sujeito reaparece no predicado como o centro de um estado de coisas que dele parte, mas que não sai do seu âmbito, eliminando-se, assim, o objeto sobre o qual ela recairia num típico evento transitivo (ex.: eu me levantei).

Embora não empreguem a terminologia voz média, autores como Bechara e Rocha Lima apontam também para o aspecto semântico da voz medial. Em síntese os principais aspectos da voz média apontados pelos gramáticos são: a) a presença do clítico; b) afetação do sujeito; c) a não menção do agente ou causa d) função semântica do sujeito: paciente; e) noção de espontaneidade da ação.

A voz média também tem sido objeto de estudo da linguística gerativa. Nessa corrente científica, ela é, em geral, associada à ergatividade. Entende-se por ergatividade a possibilidade de redirecionar o argumento interno do predicado a posição do caso nominativo. Essas construções, chamadas intransitivo-ergativas, apresentam algumas propriedades mínimas:

- Relacionam-se com uma correspondente transitivo-causativa, ou seja, o predicado que esses verbos integram podem ser construídos com um ou dois argumentos nominais.
- A relação entre as duas construções estabelece que o sujeito da construção ergativa equivale ao objeto direto da construção transitiva e recebem do verbo o mesmo papel temático.

Ex.:

a) O vento abriu a porta.

b) A porta abriu.

Dentre os autores que fazem essa vinculação entre medialidade e ergatividade está Duarte (DUARTE, 1989). A autora elenca as seguintes propriedades das construções médias/ergativas:

- a) O argumento agente não pode se realizar na posição de sujeito nem com um Sprep como ocorre nas passivas.
  - a. \*O João partiu-se o copo.
  - b. \*O copo partiu-se pelo João.
- b) Embora exija uma interpretação não agentiva, admite a expressão de uma causa (externa não intencional ou interna), desde que ela não ocupe a posição de sujeito.
  - a. O cruzador afundou-se com o temporal / O vidro partiu-se com o calor excessivo.
  - b. O cruzador afundou-se sozinho / O copo partiu-se por si só.
- c) Não admite adjunto adverbial como a construção transitiva.
  - a. João partiu o copo deliberadamente.
  - b. \*O copo partiu-se deliberadamente.

Para Vilela (1992, p. 55), os traços essenciais da construção média/ergativa são:

- a) Impossibilidade de passivização;
- b) Designação de mudança de estado ou de lugar;
- c) Sujeito paciente sem controle;
- d) Facultatividade do se;
- e) Correlação transitiva/ergativa que pode ser realizada inclusive lexicalmente: matar/morrer.

Ainda segundo o autor, se, por um lado, na construção transitiva, a afetação do paciente é causada por um agente; na ergativa, a afetação se deve ao processo em si, admitindo-se, no máximo, uma causa externa não intencional.

É interessante a abordagem de Kemmer (KEMMER, 1993 *apud* CAMACHO, 2003) que enumera uma lista de dez tipos de situações altamente relevantes, denominadas tipos de situação medial: 1) cuidados corporais: lavar-se; 2) movimento não translacional: virar-se; 3) mudança na postura corporal: deitar-se; 4) movimento translacional; 5) eventos naturalmente recíprocos: abraçar-se; 6) médias de emoção: irritar-se; 7) discurso emotivo: queixar-se; 8) médias de cognição: lembrar-se; 9) eventos espontâneos: originar-se; 10) média indireta: (?) sem tradução ~ adquirir para si mesmo.

A partir das teorias estudadas podemos apresentar uma síntese dos traços da voz média: a) presença de um *se* facultativo que estaria desaparecendo; b) relação com uma

construção ativa / causativa; c) noção de processo ou mudança de estado; d) codificação de eventos espontâneos; e) impossibilidade de menção explícita do agente, mas admissão de uma causa externa não intencional ou de uma causa interna; f) presença de um só argumento obrigatório, o sujeito que é tópico, afetado e paciente; g) valor apenas correferencial do pronome, não anafórico.

A inclusão da voz média na descrição gramatical tornaria a abordagem mais coerente, visto que corrigiria inadequações e reduziria o conjunto de verbos classificados como verbos pronominais. Muitos verbos são elencados nessa categoria ainda que ocorram com o pronome apenas ocasionalmente. Torna-se nítido que o fenômeno da inclusão do *se* medializador se dá no nível da sintaxe, de modo que a presença do clítico não deve ser encarada como uma propriedade morfológica do verbo.

O rótulo de verbo pronominal compromete também a descrição do clítico que passa a ser classificado como parte integrante do verbo, como se não apresentasse qualquer significação. Ignora-se, assim, o papel desse elemento na anulação da transitividade. Por conseguinte, adicionar a voz média ao quadro de vozes verbais do português tornaria a descrição mais completa e evidenciaria uma integração maior entre os critérios entre de análise.

### 3 ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES PRONOMINAIS

#### 3.1 Construções pronominais: a lição das gramáticas

Neste capítulo, apresentamos uma análise da descrição do clítico *se* na gramaticografia brasileira. Nosso objetivo é avaliar o grau de coerência das descrições e a funcionalidade das classificações, ou seja, visamos a observar se a definição de verbo pronominal, encontrada nesses manuais, fornece instrumentos suficientes para o falante da língua distinguir os casos de verbos pronominal das construções médias.

Os autores estudados são elencados em duas seções: autores pré-NGB e autores pós-NGB. Adotamos esse critério baseados na crença de que a Nomenclatura gramatical, em vigor a partir de 1959, tenha influenciado as opções descritivas de alguns autores, já que ela omitiu o conceito de voz média.

##### 3.1.1 Autores pré-NGB

###### 3.1.1.1 Maximino Maciel (Grammatica descriptiva, 1916)

Maximino Maciel chama de verbo pronominado àquele que se acha anexado dos pronomes pessoais da mesma pessoa. O autor elenca os seguintes exemplos: ele se ama, ele se fez, ele se desdisse, eu me louvo, etc. A seguir discrimina cinco classes de verbo pronominado: “pronominado reflexivo” (Ex.: ele se exaltou, eu me julgo); “pronominado passivo” (Ex.: o barco virou-se, a casa queimou-se, os livros se vendem); “pronominado indefinido” (Ex.: bebe-se, briga-se, combate-se); “pronominado recíproco” (Ex.: eles se estimam, ele se corresponde com ela por meio de cartas) e “pronominado enfático ou expletivo” (Ex.: foi-se o homem, acordei-me tarde, ficou-se lá). Após discriminar esse rol de possibilidades de coocorrência do verbo e o pronome oblíquo, Maciel expõe sucintamente seu conceito de verbo pronominal: “o verbo pronominado diz-se mais propriamente pronominal, sempre que nunca puder, seja qual for a sua acepção, abandonar a fórmula pronominal objetiva, ex.: *arrepender-se*, *apoderar-se*, *abster-se*, etc.

### 3.1.1.2 Eduardo Carlos Pereira (Gramática Expositiva, 1940)

Eduardo Carlos Pereira usa as designações “verbo reflexivo” e “verbo pronominal” como sinônimos. Segundo ele, as expressões referem-se a verbos que ‘sempre vem acompanhados de um pronome oblíquo da mesma pessoa que o sujeito, pronome que tem a função de indicar reflexividade’. Em seguida, estabelece duas subclasses para a categoria. O “verbo pronominal essencial” é o que nunca aparece na frase desacompanhado do pronome oblíquo, como: *arrepender-se, condoer-se, abster-se, queixar-se, dignar-se, indignar-se* etc. O “verbo pronominal acidental” seria o verbo ativo que aparece na frase acompanhado de pronome oblíquo, que claramente indica a reflexividade da ação verbal. São exemplos: *envergonhar-se, louvar-se, refletir-se, assentar-se, pôr-se* etc. No entanto, nem as definições nem os exemplos são suficientes para tornar compreensível o conceito.

### 3.1.2 Autores pós-NGB

#### 3.1.2.1 Manuel Said Ali (Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa, 1964)

Para Said Ali a designação verbo pronominal acidental é desnecessária. O que ocorre é que

“para expressar o sentir zanga, vergonha, piedade, arrependimento etc. socorre-se à linguagem de verbos pronominais ora de um tipo ora de outro: angustiar-se, enfurecer-se, envergonhar-se, arrepender-se, amedrontar-se, espantar-se, pasmar-se, entusiasmar-se, apaixonar-se, apiedar-se, condoer-se, comiserar-se, enganar-se, zangar-se, irar-se, impacientar-se, compadecer-se, vexar-se, aborrecer-se, enfastiar-se etc”.(ALI, p. 1971)

Os exemplos elencados por Ali, portanto, não se explicam por um padrão léxico, mas sim por uma regra sintática, isto é, alguns dos verbos classificados por outros autores como pronominais acidentais são, na verdade, construções de voz média. O autor destaca que esses verbos conjugados pronominalmente têm em comum com uma série de verbos pronominais o expressarem sentimento, o que nos leva a concluir que isso ocorre por analogia.

### 3.1.2.2 Evanildo Bechara (Moderna gramática portuguesa, 2002)

Bechara relaciona o verbo pronominal à reflexividade. Para chegar a esses conceitos, o autor discorre sobre as relações entre sujeito e predicado. De acordo com ele, a transitividade refere-se à direção do movimento da ação verbal. Dentro dessa perspectiva, é transitivo o verbo cujo movimento parte do sujeito e tem sua terminalidade no objeto. Desse modo, pode-se entender a reflexividade como a anulação do movimento transitivo. O autor se explica nos seguintes termos:

“A reflexividade consiste, na essência, na “inversão (ou negação) da transitividade da ação verbal”. Em outras palavras, significa que a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se a pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente)” (BECHARA, 2002, p. 176).

O autor ainda distingue a “reflexividade própria”, quando a ação verbal recai sobre a pessoa do sujeito (*João se banha*), da “reflexividade recíproca”, quando sujeito é composto e a ação verbal é permutada pelos núcleos do sujeito (*João e Maria se amam*).

Se, por outro lado, a posição do sujeito é ocupada por um substantivo que designa um ser inanimado, como na frase o banco se abre às dez, a construção será interpretada como uma voz passiva pronominal.

Há muitos verbos que, semelhantes aos reflexivos, combinam-se com um pronome oblíquo átono, sem que a interpretação de reflexividade seja possível. Segundo Bechara, isso ocorre em duas situações: com verbos que exprimem sentimento, como: *indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se, lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepender-se, queixar-se*; ou com verbos que indicam movimento ou atitudes da pessoa em relação ao seu próprio corpo, como *ir-se, partir-se, sentar-se, sorrir-se*. No primeiro caso, não se percebendo mais o sentido reflexivo da construção, considera-se o *se* parte integrante do verbo, e, portanto, o verbo seria pronominal. No segundo, o pronome oblíquo seria uma partícula de realce ou expletivo.

Para o autor, a distinção entre as diferentes construções com *se* deve-se dar exclusivamente pelas propriedades semânticas das unidades linguísticas a ele combinadas e pelo entorno situacional. Isso se dá porque são esses fatores que fazem o conteúdo gramatical unitário do *se* reflexivo se desdobrar em variadas acepções.



Nossa análise do conceito de verbo pronominal na MGB leva-nos a perceber a ausência de uma conceituação objetiva e funcional para ele. Ao se referir ao verbo pronominal em diferentes momentos, Bechara revela os seguintes conceitos:

- 1) Os verbos que exprimem sentimento acompanhados do clítico, sem sentido reflexivo, são chamados pronominais. No entanto, o autor inclui entre os verbos de sentimento *atrever-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se* e *queixar-se*, que claramente expressam sentidos diversos (p.178).
- 2) “O verbo empregado na forma reflexiva propriamente dita diz-se pronominal”. Não fica claro o que quer dizer forma reflexiva propriamente dita, já que o autor já havia explicado que o verbo pronominal não denota sentido reflexivo.
- 3) “Verbo pronominal se diz quando o pronome oblíquo se refere ao pronome reto”. Essa definição é flagrantemente inócua, visto que não singulariza os casos de verbo pronominal, igualando-os às construções reflexivas.

### 3.1.2.3 Walmírio Macedo (Gramática da língua portuguesa, 1991)

Walmírio Macedo, na Gramática da Língua Portuguesa, descreve da seguinte maneira os verbos pronominais: “são verbos pronominais aqueles que indicam sentimento, estado de espírito, estado interior como *orgulhar-se*, *indignar-se*, *atrever-se*, *lembrar-se*, *esquecer-se*, *arrepender-se*, *aborrecer-se*, *enfadar-se*, *cansar-se*, *fatigar-se*, *chocar-se* e outros”.

Assim como Bechara, Macedo inclui entre os “verbos de sentimento” verbos que só com muita boa vontade poderiam ser incluídos nessa categoria. É o caso de *atrever-se*, *lembrar-se* e *esquecer-se*. O emprego exclusivo do critério semântico, na descrição dos verbos pronominais também é problemático, já que permite a inclusão de verbos como *cansar* e *fatigar*, em que o *se* pode ser interpretado como objeto direto, e *chocar-se*, que, em uma de suas acepções, traz a ideia de reciprocidade. O autor procura solucionar esse problema, afirmando que os verbos pronominais podem ser essenciais, quando conjugados obrigatoriamente com o pronome, ou acidentais, se isso não acontece. Essa divisão, no entanto, torna sem sentido a designação verbo pronominal.

#### 3.1.2.4 Cunha e Cintra (Nova gramática do português contemporâneo, 2007)

Cunha e Cintra definem verbo pronominal como verbos conjugados com pronomes átonos sem que tenham sentido reflexivo. Essa definição, todavia, não permite diferenciar o verbo pronominal das construções médias e passivas. Não é, portanto, uma definição funcional.

Os autores identificam duas classes de verbos pronominais. Aqueles que se conjugam exclusivamente com o pronome, como *apiedar-se*, *queixar-se*, *condoer-se* e *suicidar-se*, e aqueles que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como, por exemplo: *debater-se*, significando agitar em comparação com *debater*, com o sentido de discutir, e *enganar-se* com alguém, em que se emprega preposição e *enganar* alguém, com transitividade direta. (CUNHA & CINTRA, 2007, p. 422)

#### 3.1.2.5 Rocha Lima (Gramática normativa da língua portuguesa, 1982)

Rocha Lima não diz o que é um verbo pronominal, mais chama de pronominais aos verbos *arrepender-se*, *abster-se*, *ater-se*, *atrever-se*, *dignar-se*, *esforçar-se*, *queixar-se*, *ufanar-se*, etc. que trazem preso a si um pronome reflexivo fossilizado. O autor explica que, apesar da presença do pronome, os verbos alistados não têm objeto direto nem indireto.

O autor destaca também que, em tais verbos, o pronome deve ter surgido por analogia com outros verbos, tais como: *aborrecer-se*, *magoar-se*, *ferir-se*, nos quais o pronome é realmente o objeto direto. Embora essa alegação seja plausível em relação ao verbo *ferir*, é bastante discutível em se tratando de *aborrecer-se* e *magoar-se*, visto que ninguém pode *aborrecer* ou *magoar* a si mesmo.

Lima observa ainda que um verbo transitivo direto pode se pronominalizar. Quando isso acontece, o seu objeto direto passa a ser regido por preposição, ou seja, se transforma em um complemento relativo (Ex.: *admirar* o talento de alguém >> *admirar-se* do talento de alguém; *aproveitar* as circunstâncias >> *aproveitar-se* das circunstâncias; *semelhar* um anjo >> *semelhar-se* a um anjo (ROCHA LIMA, 1982, p. 309).

### 3.1.2.6 Celso Pedro Luft (Moderna gramática brasileira, 2002)

Celso Pedro Luft define o verbo pronominal como uma subclasse da construção reflexiva. Para ele, a voz reflexiva inclui quatro subclasses: a) reflexiva simples, em que figuram todos os casos em que se pode acrescentar a expressão “a si mesmo”, como machucar-se, ferir-se, conhecer-se; b) reflexiva recíproca, abrangendo aquelas construções que podem ser acompanhadas da locução “uns aos outros”, de que são exemplos abraçar-se, falar-se, conhecer-se; c) reflexiva dinâmica, em que o pronome não possui real função lógico-sintática, mas desempenha um papel expressivo, estilístico, recebendo a designação “partícula expletiva”, como: rir-se, ir-se, partir-se, e, finalmente, d) reflexiva pronominal, como: queixar-se, atrever-se, arrepender-se, etc. – em que o pronome é um objeto direto fossilizado, integrado à forma verbal, que nunca aparece sem ele; daí o nome verbo “pronominal”.

Apesar de aparentemente simplificar as coisas, a proposta de Luft é contraditória, dado que as subclasses por ele elencadas contrariam a definição que ele, ao citar Kury, dá para voz reflexiva “quando o sujeito é agente e paciente ao mesmo tempo.” (Kury, 1959, p. 12 *apud* LUFT, 2002). A definição de voz reflexiva aplica-se apenas à reflexiva simples e a reflexiva recíproca. No caso da reflexiva dinâmica e da reflexiva pronominal os papéis temáticos de agente e paciente não convergem para a pessoa do sujeito.

A impossibilidade de se relacionar os itens c e d entre as subcategorias da construção reflexiva se deve ao fato que a reflexividade é uma propriedade exclusiva dos verbos transitivos. Por essa razão predicados formados por verbos como *rir-se*, *ir-se* ou *partir-se* não podem constituir predicado reflexivo, por serem todos intransitivos. Além disso, o conceito de reflexividade é primordialmente semântico. Não faz sentido, por isso, criar uma subcategoria de voz reflexiva em que o traço básico dela, o sentido reflexivo, inexista.

### 3.1.2.7 José Carlos Azeredo (Gramática Houaiss da língua portuguesa, 2008)

Para Azeredo, verbo pronominal é aquele que se emprega obrigatoriamente com um pronome reflexivo. É o caso dos verbos *arrepender-se*, *comportar-se* (significando ter comportamento), *despedir-se* (na acepção de cumprimentar na saída), *furtar-se* (com o sentido de evitar, fugir a), *sair-se* (atuar) entre outros. O autor observa que estes mesmos verbos, excluindo o primeiro, podem ocorrer na língua desacompanhados do pronome. Essas

ocorrências, porém, representam acepções diferentes. De modo que, nas frases a “caixa *comporta* todos os disquetes”, “Ele *despediu* o jardineiro” e “Todos *sáiram* cedo”, os verbos em destaque constituem apenas homônimos dos seguintes “A criança *se comportava* bem”, “O pai *se despediu* dos filhos” e “O aluno *se saiu* muito bem na prova”, que formam verdadeiras construções pronominais.

O autor também relaciona um grupo de verbos, como o par Lembrar-se\Esquecer-se, em que a construção pronominal oscila com uma organização do predicado desacompanhada do pronome, sem que, contudo, haja variação do papel semântico do sujeito. Assim, frases como “Lembrei-me de você” e “Ela se esqueceu do chapéu” coocorrem com “Lembrei de você” e “Ela esqueceu (d) o chapéu”. Há também uns poucos intransitivos que sofrem a mesma oscilação, é o caso de ir (Ex.: Eles se foram daqui para sempre).

Outra classe de verbos que mereceu a atenção do autor é constituída pelos verbos chamados psicológicos: emocionar, alegrar, exaltar, intimidar, encorajar, aborrecer, entusiasmar etc. Numa frase como A mãe se emociona ao ler a carta do filho, o sujeito recebe o papel semântico de ser afetado. A fonte ou causa do processo descrito pelo verbo quando ocorre vem precedida por um conectivo, preposição ou conjunção (Ex.: Emocionar-se ao ler a carta, Exaltar-se com a ofensa, Entusiasmar-se com o que vê). Em outros casos, aparece como sujeito da oração (A leitura da carta a emociona, A ofensa o exaltou, O que vê a entusiasma).

Finalmente, Azeredo apresenta uma proposta de síntese para a descrição dos verbos pronominais baseado em tipos semânticos. Antes disso, explica a relação entre as construções pronominais e as médias. Segundo ele, a composição constituída por verbos pronominais resulta da cristalização de estruturas originalmente construídas como formações de voz média. De modo que as construções pronominais são tratadas por ele como um subtipo das construções de voz média em geral.

Para explicar as construções pronominais, o autor discrimina os subtipos da voz média de que a construção pronominal forma parte. Eles estão relacionados na tabela abaixo.

Tabela 5- Tipificação da voz média, segundo Azeredo

<b>Construções médias tendentes à cristalização estrutural</b>	
Verbos exclusivamente pronominais	Queixar-se, arrepende-se, esgueirar-se, atrever-se, ausentar-se.
Verbos que adquirem <i>status</i> lexical novo em virtude da pronominalização	Sem vínculo semântico com a forma não pronominal: despedir-se, comportar-se, virar-se (sentido figurado = dar um jeito), desfazer-se. Manutenção do vínculo semântico com a forma não pronominal: abraçar-se, apresentar-se, aproveitar-se, comprometer-se, perder-se, hospedar-se, estender-se, vestir-se, erguer-se.
<b>Construções médias resultantes de regras sintáticas do sistema de vozes</b>	
Reflexividade	Sacudir-se, agitar-se, mexer-se, levantar-se, sentar-se, afastar-se, aproximar-se, embrenhar-se, coçar-se, morder-se, beliscar-se, arranhar-se, malhar-se, descabelar-se, calçar-se, pentear-se, vestir-se, calar-se, julgar-se.
Reciprocidade	Respeitar-se, abraçar-se.
Ergatividade	Quebrar-se, queimar-se, assustar-se, impressionar-se, emocionar-se, irritar-se.

### 3.2 Construções pronominais: a lição dos dicionários

No capítulo anterior, elencamos as análises feitas em uma seleção de gramáticas sobre o problema das construções pronominais. Agora, passaremos ao estudo do tratamento que essas mesmas unidades têm recebido em dicionários de ampla circulação. Os volumes selecionados são os seguintes: Dicionário de verbos e regimes, de Francisco Fernandes (1940); Aurélio (1986); Caudas Aulete (1987); Houaiss (2009); Dicionário gramatical de verbos, de Francisco Borba (1991). O elenco de dicionários aqui arrolados não é homogêneo. Três deles são gerais (Aurélio, Houaiss e Caudas Aulete), um é de regência verbal (Fernandes) e o outro tem, embora se chame Dicionário gramatical de verbos, uma abordagem

muito mais descritiva que normativa, pois se dedica a descrição das valências verbais e da estrutura argumental do verbo. A escolha pelas referidas obras se deu por se tratarem de dicionários de ampla circulação e por gozarem de elevado prestígio dentro e fora da Universidade.

Para a exemplificação dos verbetes, tomamos os seguintes verbos: *abandar*, *deitar*, *assustar*, *lembrar*, *despedir*, *queixar-se*. Selecionamos esses verbos por acreditar que eles ilustram de forma mais ou menos variada as principais tipologias que abordaremos em seção posterior.

### 3.2.1 Francisco Fernandes (Dicionário de verbos e regimes, 1940)

Na seção intitulada classificação dos verbos o dicionarista apresenta a seguinte definição para verbo pronominal:

PRONOMINAL é o verbo que se constrói seguido de um pronome oblíquo da mesma pessoa que a do sujeito: “Mas saindo o sol, SE queimou (a planta); e, porque não tinha raiz, SE secou” Figueiredo, *S. Mateus*, 13, 6) “lavou-se, vestiu-se, calçou as botas.” (Júlio Rib.º, *Carne*, 94) “Há mais de sessenta anos que abdicou o cetro minha rainha, Cristina de nome, para se dedicar à filosofia.” (Mário Barreto, *Cartas Persas*, 296.) “Apenas SE viu dentro daquele recinto, ficou imóvel, com os braços estendidos para o teto.” (A. Herculano, *Lendas e narrativas*, I, 266.)

A definição formulada por Fernandes emprega exclusivamente o critério formal para a identificação do verbo pronominal. Por isso mesmo, o autor abarca sob esse rótulo verbos de natureza bastante diferentes. Assim, para ele verbo pronominal é o mesmo que construção reflexiva.

#### **Verbetes do DVR**

**Abandar** *Transitivo* – Ventilar com abano: “A monamãe lhe abana e lhe dessua a frente.” (Castilho, *Escavações*, 37.) || Agitar, sacudir: “Ele grunhe, ele agacha-se de rejo, abana a cauda.” (Idem, *Fausto*, 67) Abanou a árvore para que caíssem os frutos.” (Aulete) || Demover: “Varão a quem o poder da fortuna não abana.” (Idem) || *Intransitivo* – Termer: “Aquele vigamento abana muito.” || *Pronominal* – Refrescar-se com abano ou leque: “Sofia maquinalmente entrou a abanar-se e levantou os olhos.” (M. Assis, *Q. Borba*, 136.)

**Deitar** *Transitivo* – estender ao comprido; pôr ou dispor mais ou menos horizontalmente: “É preciso deitar os livros para caberem nessa estante.” (Aulete) || *Transitivo-relativo* – Pôr ao comprido: “Deitar um pau no chão.” (C. Figueiredo.) || *Relativo* – Ter vista ou saída: “A janela

deita para o quintal.” (Séquier.) || deita, deitará a despesa?” (Constâncio.) || Pôr-se , lançar-se: “Deitar a fugir, a correr.” (Idem.) || *Pronominal* – Meter-se na cama: “A esposa deitava-se; e o esposo ia para o seu gabinete, onde trabalhava até às três da manhã.” (Camilo, *Consolação*, 191) || Estender-se ao chão: “O cavalo deitou-se” (C. Figueiredo.) || Atirar-se, arremessar-se: “Deitou-se ao rio.” || Acometer, investir: Deitou-se aos inimigos.” (Aulete.)

**Assustar** *Transitivo* – Causar susto a; intimidar, amedrontar: “Assustados pelos sintomas ameaçadores que principiavam a aparecer.” (Herculano, *H. Inquisição*. I, 212) || *Intransitivo* – Apanhar susto: “Querida Natércia, os velhos não assustam!” (R. Silva, *Mocidade*, II, 78.) || *Pronominal* – Encher-se de susto, apanhar susto; intimidar-se: “Não me assusto do meu passado.” (RUI, *Estante clássica*, p. 106)

**Lembrar** “O verbo lembrar também admite mais de uma construção. 1ª: “eu me lembro daquele discurso”; 2ª: “Eu lembrei-lhe daquele discurso”; 3ª: “Lembra-me aquele discurso” (construção em que discurso é o sujeito); 4ª “Este discurso lembra (faz vir à memória) o de Rui Barbosa.” (Otoniel Mota, *lições de português*, 316.) || *Transitivo* – Trazer à memória fazer recordar: “Esta (sala) era simples, as paredes nuas, nada que lembrasse mistério ou incutisse pavor.” (M. Assis, *Esaú*, 3.) || *Relativo* – Vir à lembrança, ocorrer: “Lembra-vos ainda a minha teoria das edições humanas?” (M. Assis, *Brás Cubas*, 124.) || *Pronominal* - Recordar-se. ter lembrança: “Lembrando-se do seu passado pranto.” (Camões, *Lusíadas*, VI, 77.) “Lembro-me bem de que nos assentamos de costas para a entrada.” (Rui, *Q. Império*, I, LXXI.)

**Despedir** *Transitivo* – Fazer sair: “Cristóvão de Susa despediu o bispo, evitando por esse modo alguma indiscrição involuntária.” (Herculano, *H. Inquisição*, II, 361.) || *Dispensar os serviços de*: “Esta casa era um hospício, povoado de antigos empregados com a sua numerosa posteridade. Não despedi algum; mas tratei de reivindicar o que pode para podermos viver todos.” (Camilo, *Vingança*, 103.) || *Separar de*: “Despediu-o na escada.” (Aulete.) || *Intransitivo* – Cessar, terminar: “Despediu a febre.” (Constâncio.) || *Estar a despedir* – estar em agonia, estar a morrer: “Topara no adro uma criança, que parecia estar a despedir.” (Camilo, *Novelas*, I, 82.) || *Pronominal* – Apartar-se cumprimentando: “Despediram-se afetuosamente.” (M. Assis, *Q. Borba*, 142.) “Já do pagão benigno se despede.” (Camões, *Lusíadas*, VI, 13) “Frei\*\*\* despediu-se um dia de Pedro. Ia ao interior Minas, Rio de Janeiro, São Paulo.” (M. Assis, *Esaú e Jacó*, 75.) || *Ir-se, desaparecer*: “Parece que o século se não queria despedir sem haver assegurado a sua prole intelectual.” (L. Coelho, *páginas escolhidas*, 68.) || *Deixar(um emprego), demitir-se*: “Concluía que, se Dionísio, irritado pelo desabrimento de Tomásia, se despedisse, a botica de devia considerar perdida.” (Camilo, *Novelas*, II, 63)

**Queixar-se** *Pronominal* – Soltar queixas, gemidos: “Triste da avezinha, que estando-se assim queixando...” (B. Ribeiro, *Menina e moça*, 9.) || *Fazer queixa; lastimar-se; censurar; mostrar-se*

ofendido; manifestar descontentamento: “Queixar-se dos amigos.” (Séguier.) “O certo é que a fortuna e a ocasião se poderão queixar de nós e não nós delas.” (Vieira, *apud* Aulete) || Expor os motivos do seu desgosto, os seus sofrimentos, os seus agravos: “Assim se queixava Josué a Deus.” (Idem, *Sermões escolhidos*, I, 16.) “Queixar-se ao juiz, ao ministro.” (Constâncio.) “Queixou-se de uma opressão que o ansiava.” (Camilo, *Novelas*, III, 144.) “Poderia queixar-me de que fui ingratamente retribuído.” (Rui, *Réplica*, n. 11.) – com omissão da preposição de: “Mas queixavam-se os seus que não podiam aturar a continuação do trabalho.” (Sousa, *apud* J. Ribeiro, *Seleção Clássica*, 209.) “Queixou-se que sua mulher e irmã não visitassem Antônia.” (Camilo, *apud* M. Barreto, *Através do dicionário*, 333.) – “Queixou-se disto à mulher.” (Júlio Ribeiro, *apud* Stringari.) “Queixava-se-lhe um dia de uns arrepios, que sentiu ao deitar-se na cama.” (Idem, *ibidem*.)

### 3.2.2 Aurélio (Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, 1986)

No verbete verbo pronominal, o Aurélio apresenta a seguinte definição:

**Verbo pronominal.** Gram. O que sempre vem acompanhado de pronome oblíquo da mesma pessoa que o sujeito, como, por exemplo, arrepender-se, queixar-se, aborrecer-se, babar-se, considerar-se. [Chamam-se essencialmente pronominais quando, com se dá com os dois primeiros mencionados, nunca vem desacompanhados do pronome, e acidentalmente pronominais quando, como é o caso dos três últimos, podem vir sem ele. Sin.: verbo pronominado.]

Essa definição trabalha com o conceito de verbo acidentalmente pronominal, que parece bastante clara e útil num primeiro momento, mas que se revela enganosa quando observamos casos particulares como com os verbos admirar(-se) e despedir(-se). A divergência semântica entre a forma pronominal e a forma simples desses verbos é tão grande que o falante sente que está diante de verbos diferentes.

Cabe lembrar aqui a maneira como Cunha e Cintra lidaram com o conceito de verbo acidentalmente pronominal. Em sua Gramática do português contemporâneo, eles apontaram dois traços para tornar o conceito mais útil do ponto de vista da descrição: a diferença de significado ou de construção. Nessa perspectiva, *debater* (= discutir) teria uma forma pronominal com o sentido de agitar-se e *enganar* ao receber um pronome passa a compor um predicado diferente da forma simples (Cf.: enganar alguém / enganar-se com alguém).

Os verbetes apresentados no Aurélio para verbo reflexivo e recíproco indicam que essas noções gramaticais são descritas como tipos de verbo pronominal. Essa análise



confunde ainda mais o consulente, pois patenteia a ideia absurda de que qualquer verbo em construção reflexiva ou recíproca é considerado pronominal. Confira:

**Verbo recíproco.** Gram. Verbo pronominal que designa a ação de dois ou mais sujeitos praticada reciprocamente: Maria e Fernando amam-se; Os contendedores atracaram-se.

**Verbo reflexivo.** Gram. Verbo pronominal que exprime ação praticada e recebida pelo sujeito; verbo reflexo. Ex.: ferir-se, na frase José feriu-se.

## Verbetes do Aurélio

**Abanar** *V.t.d.* **1.** Refrescar, movendo abano, leque, ou coisa semelhante: Abanava energicamente acriança desfalecida. *P.* **5.** Refrescar-se com abano, leque ou coisa semelhante: “Encontraram o bom velho estendido em uma cadeira de lona, em mangas de camisa, a abanar-se com um jornal.” (Coelho Neto, *A Conquista*, p. 433).

**Deitar** *V.t.d.* **1.** Estender ao comprido; pôr ou dispor mais ou menos horizontalmente; inclinar: Deitou as sacas para arrumá-las melhor. **2.** Pôr em posição de decúbito; estender na cama: deitar a criança. *P.* **33.** Estender-se, lançar-se ao comprido, sobre leito, sofá etc., ou no chão: “Despiu-se e deitou-se.” (Artur Azevedo, *Contos Possíveis*, p. 83.).

**Assustar** *V.t.d.* **1.** Dar ou meter susto a; amedrontar, atemorizar, intimidar: a minha súbita aparição assustou-o. *Int.* **2.** Dar motivo de susto ou medo; causar susto ou medo: As suas ameaças já não assustam. *P.* **3.** Ter susto ou medo; aterrar-se, atemorizar-se, intimidar-se, amedrontar-se: “quando adivinha que vou vê-la, e à escada / Ouve-me a voz e o meu andar conhece, / Fica pálida, assusta-se, estremece” (Olavo Bilac, *Poesias*, p. 72).

**Lembrar** *V.t.d.* **1.** Trazer à memória, por analogia ou semelhança; fazer recordar; recordar: A paisagem lembrava a fazenda onde passara a infância. *T.d e i.* **4.** Fazer notar; notar, advertir; recordar: Lembrou-lhe polidamente que lhe cabia cumprir a promessa. *T. i.* **6.** Vir à lembrança; vir à ideia; ocorrer: “Como tudo cansa, essa monotonia acabou por exaurir-me também. Quis variar, e lembrou-me escrever um livro.” (Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p.5) . *P.* **7.** Ter lembrança; recordar-se: “Minha mãe era mui bela, / - Eu me lembro tanto dela, / De tudo quanto era seu.” (Junqueira Freire, *Obras Poéticas*, I, p. 99).

**Despedir** *V.t.d.* **1.** Fazer sair; dispensar a presença de; despachar: Atendia aos que o procuravam, mas pouco depois os despedia. *P.* **12.** Ir-se embora, apartar-se, retirar-se, cumprimentando: “Despedi-me efusivamente do garçom e voltei para casa” (Lígia Fagundes Teles, *A Disciplina do Amor*, p. 93).

**Queixar-se** *V.P* **1.** Manifestar dor ou pesar; soltar queixas ou gemidos: A multidão chorava o morto queixando-se pelas ruas. **2.** Fazer queixa de pessoa ou coisa; manifestar descontentamento; apontar faltas; censurar; lastimar-se; lamentar-se: Queixava-se da falta de dinheiro, O chefe de disciplina queixou-se dos alunos ao diretor.

### 3.2.3 Caldas Aulete (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete, 1987)

Para o dicionário Aulete, verbo pronominal não se refere a nenhum conceito gramatical particular, antes diz respeito a qualquer construção de verbo e pronome, incluindo a voz reflexiva e a voz passiva sintética.

**Pronominal** > **verbo pronominal**, verbo que se conjuga com o pronome pessoal da mesma pessoa que o sujeito, v. Gr.: arrependo-me, zangar-se. [O verbo pronominal também se chama reflexo ou reflexivo. Toma o nome de recíproco quando sendo ativo tem mais que um sujeito e a ação é exercida reciprocamente pelos sujeitos como nessas frases: nós conhecemo-nos há muito tempo; eles amam-se muito. Neste último caso o pronome vale por uns aos outros. Um dos usos do verbo pronominal é exprimir a voz passiva. V. passivo. Alguns verbos há que tem só a forma pronominal, tal e modernamente o verbo arrepender-se. os verbos pronominais do infinito, algumas vezes e principalmente quando empregados de um modo absoluto, usam-se com a elipse do pronome, v, Gr.: arrepender enquanto é tempo; mandou-os deitar; vamos ver pôr o sol.]

### **Verbetes do Aulete**

**Abanar**, *v tr.* aventar, usando um abano, ou, por translação de outro qualquer objeto: Enquanto nos lavamos, abana e faze vento a essa moça. (*Dic. Acad. Lisb.*, 1ª ed.) || -, *v. intr.* tremer: Aquele vigamento abana muito. || *v. pr.* refrescar-se com abanico, abano ou leque: A dama abanava-se graciosamente sem nada dizer.

**Deitar**, *v. tr.* tirar, mudar da posição ereta ou vertical, estender ao comprido, pôr, dispor mais ou menos horizontalmente: É preciso deitar os livros para caberem nesta estante. || -, *v. pr.* estender-se para dormir ou descansar; meter-se na cama: rezei, deitei-me mas não pude dormir (Herculano.).

**Assustar**, *v. tr.* dar ou causar susto a. || amedrontar, atemorizar, intimidar. || -, *v. pr.* ter susto.

**Lembrar**, *v. tr.* Fazer ocorrer à memória de alguém (uma circunstância, um fato ou uma certa ordem de ideias relativas a um ou mais assuntos): Lembrei-lhe os saudosos dias da nossa

mocidade. || -, v. *intr.* Vir à lembrança; ideia; tornar-se recordado: ...o que meu pai desaprovou com tão significativa energia, que ainda hoje me lembra tão bem. (Garrett.) || -, v. *pr.* recordar-se, ter lembrança de qualquer fato.

**Despedir**, v. *tr.* mandar sair de casa, do ofício, do serviço: O patrão despediu o caixeiro. || -, v. *intr.* cessar, terminar: ao despedir da febre. || -, v. *pr.* pedir vênua para se retirar; saudar na ocasião da despedida: Com nova e profunda inclinação se despediu dele. (Vieira).

**Queixar-se**, v. *pr.* fazer queixa (de alguma pessoa ou coisa), lastimar-se, lamentar-se, censurar, mostrar-se ofendido; apresentar os motivos dos agravos recebidos, mostrar-se ofendido: Quarenta e dois anos há que preguei em São Mamede este mesmo assunto e ninguém então se queixou de mim. (Vieira.).

### 3.2.4 Houaiss (Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2009)

O verbete verbo pronominal no dicionário Houaiss oferece a seguinte acepção:

**Verbo pronominal** GRAM LING verbo que exige ou aceita um pronome oblíquo átono do mesmo número e pessoa do sujeito, como queixar-se, lastimar-(se), aborrecer-(se) etc. v. recíproco GRAM LING espécie de verbo reflexivo em que a ação é realizada e sofrida por duas ou mais pessoas de modo mútuo: os dois beijaram-se, esbofeteamo-nos no restaurante, agarraram-se um ao outro. v. reflexivo GRAM LING verbo que exige ou aceita um pronome oblíquo átono do mesmo número e pessoa do sujeito, distinguindo-se dos verbos pronominais por ser a ação realizada e recebida pelo mesmo ser: lambeu-se (lambeu a si mesmo), piquei-me (piquei a mim mesmo).

A definição de verbo pronominal que encontramos nesse verbete destaca o traço mais evidente das construções pronominais: a presença de um pronome oblíquo, um aspecto perfeitamente inferível pelo consulente médio. A definição se parece muito com a de verbo reflexivo com diferença de não indicar reflexividade. Além de ser pouco instrutiva a definição do verbete mascara a complexidade das construções pronominais, fazendo parecer que tudo é muito simples.

## Verbetes do Houaiss

**Abanar** **1** *t.d. e pron.* Refrescar(-se) com abano, leque ou algo parecido **2** *t.d.int.* movimentar ou agitar repetidas vezes de um lado para outro; fazer tremular ou tremular <o cachorro abanou a cauda> <com o vento, a bandeira abanava>.

**Deitar** **1** *bit. e pron.* Deixar(-se) cair; lançar(-se), jogar(-se) para baixo <com um golpe deixou o oponente ao chão> **14** *t.d.bit. e pron.* Colocar(-se) de forma mais ou menos horizontal; pôr(-se) ao comprido <deitou as garrafas na (geladeira)> **14.1** *t.d. e pron.* Pôr(-se) na cama (para o sono, repouso etc.) <d. uma criança> <já é tarde vou d.-me> <ele tem febre, deve d-se>.

**Assustar** *t.d.int. e pron.* Causar ou sofrer susto ou medo; atemorizar(-se), amedrontar(-se), intimidar(-se) <suas palavras já não (me) assustam <assustou-se com o vulto que surgiu de repente>.

**Lembrar** **1** *t.d.bit.* trazer à memória recordar <conversavam os dois lembrando os tempos passados> <lembrou ao amigo a antiga promessa> **2** *t.d. e pron.* Guardar ou ter na lembrança; recordar-se <lembravam(-se) [d]a figura do João com saudade>.

**Despedir** **1.** *t.d. e pron.* Mandar sair ou sair (de casa, emprego etc.); demitir(-se), exonerar(-se) <despediu a empregada> <despediu-se do emprego por discordar do chefe> **4** *pron.* Saudar na ocasião da despedida <despediu-se da mãe com um beijo>.

**Queixar-se** **1** *pron.* Soltar lamúrias de aflição ou dor; demonstrar pesar; gemer <o filho não parava de queixar-se durante o enterro do pai> **3** *pron.* Mostrar-se ofendido <q.-se do tratamento injusto> **4** *pron.* Denunciar o mal ou ofensa que recebeu < queixou-se ao professor das brincadeiras malévolas dos colegas>.

### 3.2.5 Francisco da Silva Borba (Dicionário Gramatical de verbos, 1991)

O dicionário gramatical de verbos deveria se chamar dicionário de valências verbais, visto que focaliza a estrutura argumental dos predicados formados pelos verbos em vez de oferecer indicações de caráter normativo a respeito da regência e uso de preposições.

A explicação que encontramos em Borba para a forma pronominal do verbo inclui um dado que a torna peculiar. Borba destaca o efeito discursivo que o pronome provoca sob as relações de agentividade e passividade. Nesse sentido, Borba aponta para um traço da gramaticalização da construção pronominal: a detransitividade.

**Forma pronominal** – construção do verbo com um pronome da mesma pessoa do sujeito que, não tendo função sintática específica, serve como índice do grau de participação do sujeito naquilo que o verbo indica: Glória se afastou sorrindo. É muito comum o pronome tornar-se índice de processividade. Cf. O leão acovardou-se; as samambaias só se aclimatam em lugares úmidos.

**Processo** – evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente, experimentador ou beneficiário. Um verbo de processo traduz sempre um acontecer ou um experimentar ou receber, i.é., algo que se passa com o sujeito ou que ele experimenta ou recebe: a chuva parou; o bebê acordou; Ana sente frio; Marta ouve música.

## Verbetes do DGV

**Abanar** – I. Indica ação processo. 1 com sujeito **agente/causativo** e com complemento expresso por nome **concreto móvel**, significa *agitar, sacudir*: *Irmão Turíbio abana mais forte o turbulo.* (PFV, 13). 2.2. Com complemento expresso por nome **animado**, significa refrescar pelo movimento de um abano, arejar ou ventilar por deslocamento de ar produzido pela movimentação de um objeto: O vice-bruxo dessa vez abana o bruxo com um leque preto. (BR, 28); Lá vinha um sacristão se abanando com um chapéu.

**Deitar** – I. Indica ação-processo com sujeito **agente/causativo**. 1. Com dois complementos, um expresso por nome concreto e outro, apagável, **locativo**, significa *estender ao comprido, dispor horizontalmente*: *Dona Angelina ( ) não precisa tirar-lhe o sapato e deitá-lo vestido na cama.* (CE, 18). II. Indica ação, na forma pronominal ou não, com sujeito **agente**. 1. Com locativo, apagável, significa: *estender-se ao comprido*: *Se você deitasse mais cedo ( ), sobraria mais dinheiro (MO,68); o cachorro deitou-se aos meus pés (ML, 24)*

**Assustar** – I. Indica ação-processo com sujeito **agente/causativo** e com complemento, apagável, expresso por um nome **animado**. Significa *atemorizar; causar espanto a, intimidar*: *Um gato preto me assustou.* II. Indicar processo, na forma pronominal, com sujeito **experenciador**. Significa *atemorizar-se, espantar-se, sobressaltar-se*: *[o decorador] assustou-se quando me viu.* (DE, 53).

**Lembrar** – I. Indica ação processo, com sujeito **agente/causativo**. 2. Com dois complementos: um, apagável, da forma **a** + nome **humano** e outro expresso por nome/oração conjuncional, introduzidos ou não por **de**, significa *fazer recordar, fazer vir à lembrança*: *Quando o professorzinho acordar lembre a ele aquelas palavras do Santo Agostinho (PR, 544).* II. Indica processo. 1. Na forma pronominal ou não, com sujeito **experimentador**. 1.1. Com complemento

expresso por nome/oração conjuncional, introduzidos ou não por **de**, significa *recordar, manter na lembrança: Era dele que eu me lembrava. (CCA, 226).*

**Despedir – I.** Indica ação-processo com sujeito **agente**. 1. Com complemento expresso por nome **humano**, significa *dispensar a presença de, mandar embora, dispensar os serviços de, dar baixa a: Eleodegário fez um esforço para erguer-se, como a despedi-los [os amigos] (SA, 220); Você deve ter pensado que eu adoro despedir gente... (RE, 68).* II. Indica processo, na forma pronominal, com sujeito paciente expresso por nome abstrato. Significa *desaparecer, dissipar-se: a dor está se despedindo por hoje (RC, 52).* III. Indica ação, na forma pronominal, com sujeito **agente**. 1. Com complemento, apagável, da forma **de** + nome **humano**, significa *apresentar despedida, saudar: Saiu sem despedir-se de ninguém.*

**Queixar-se – I.** Indica ação. Constrói-se com sujeito agente e com dois complementos, ambos apagáveis: um destinatário, da forma a/para + nome humano; outro de causa, da forma de + nome ou oração. Significa reclamar, lamentar-se, manifestar descontentamento: *Você foi se queixar de mim a Carlos. (A, 72).* // 1ª pode ocorrer sem o pronome reflexivo: *Você já me ouviu queixar alguma vez? (SRB, 90).*

### 3.3 Considerações sobre a construção reflexiva

O pronome reflexivo desempenha a função de índice formal de atribuição de papel semântico de paciente ao sujeito. Obviamente, essa não é a única maneira de se indicar que o sujeito é o ser afetado pelo processo verbal, na medida em que há outras construções na língua que desempenham o mesmo papel. Expressões como *a roupa secou, a TV quebrou, o feijão queimou* ou, ainda, *o carteiro foi perseguido pelo cachorro e o aparelho foi consertado pelo técnico* dispensam a presença do pronome. Sem embargo, essas estruturas são o resultado de variações sintáticas. Não há qualquer índice formal de passividade. É apenas através da composição integrada por um pronome, seja ele reflexivo seja apassivador, que a língua codifica formalmente a passividade do sujeito. Dessa forma, uma construção reflexiva sempre veicula a ideia de que a pessoa ou coisa designada pelo sujeito gramatical é um ser afetado ou paciente (tema) do evento expresso pelo verbo (Cf. *A criança se perdeu da mãe, Pedro se batizou neste rio, Clara se casou naquela igreja*).

Distinguimos em nossa análise as noções de construção reflexiva e de voz reflexiva. A primeira refere-se genericamente a qualquer construção em que o pronome oblíquo espelha as categorias gramaticais de número e pessoa do sujeito, independente das implicações

semânticas que isso venha a gerar. Nesse sentido, construções de voz passiva pronominal, sujeito indeterminado, verbo pronominal etc. são igualmente consideradas construções reflexivas. Voz reflexiva, por outro lado, diz respeito à associação de uma construção reflexiva à coocorrência dos papéis de agente e paciente no argumento externo da oração.

Segundo a tradição descritiva difundida pelos manuais escolares o pronome reflexivo pode indicar que a ação é, simultaneamente, praticada e sofrida pelo sujeito. Nesse caso, a voz verbal é reflexiva. Visto que, na posição de sujeito, certos substantivos podem exercer o papel de agente, especialmente os que denotam seres animados, algumas orações podem ser ambíguas. A frase “Ele se queimou” admite uma leitura em que o sujeito de queimar é responsável pelo processo, embora não necessariamente intencional, e uma leitura resultativa, significando ele ficou queimado.

Outras construções pronominais admitem uma leitura reflexiva e outra recíproca. Em “Carlos e Maria se viram no espelho”, pode-se entender que um viu ao outro ou que cada um viu a própria imagem no espelho. Essa ambiguidade poderia ser desfeita agregando um advérbio, como *mutuamente* ou a expressão *a si mesmos*.

Em contrapartida, em orações como “As crianças se assustaram com as risadas do palhaço”, em que o verbo denota sentimento e não ação, o sujeito não pode ser interpretado como agente ou fonte do processo verbal. Ele exerce, em vez disso, o papel de tema. O mesmo se aplica aos verbos *indignar-se*, *desesperar-se*, *aborrecer-se*, *entusiasmar-se*, *enfurecer-se*, *entediar-se* etc, que também designam sentimentos. Para contornar a controvérsia gerada pela flutuação do papel semântico do sujeito desses verbos eles geralmente são incluídos, tanto pelos manuais de gramática como pelos dicionários, na classe dos verbos pronominais. Essa opção resulta no inconveniente de se sobrecarregar o dicionário com informações desnecessárias, uma vez que a diferença entre “O palhaço assustou as crianças com suas risadas” e “As crianças se assustaram com as risadas do palhaço” se explica por uma regra sintática de construção de voz que é perfeitamente regular. Por conseguinte, esse não é assunto para um dicionário, dado que *assustar* e *assustar-se* não constituem verbos diferentes na língua.

Em outros casos, porém, a anexação de um pronome reflexivo favorece uma deriva semântica exclusiva da construção pronominal. É o que ocorre com os verbos *despedir-se*, *comportar-se*, *aproveitar-se*. A forma pronominal desses verbos constitui uma entrada diferente no dicionário.

Dentro dessa perspectiva, é preciso discriminar as construções que a descrição tradicional tem posto sob o rótulo de verbo pronominal.

Tabela 6- Discriminação sintética das construções pronominais

<b>Classificação</b>	<b>Definição</b>	<b>Exemplo</b>
Verbos exclusivamente pronominais	O pronome participa da estrutura do verbo, encontrando-se fossilizado. A forma verbal nunca ocorre sem ele.	Arreponder-se Queixar-se
Verbos pronominais com derivação semântica	A anexação do pronome cria uma nova entrada lexical	Despedir-se (saudar na despedida) Comportar-se (proceder) Sair-se (atuar)
Construções de voz	Construções pronominais explicáveis por regras sintáticas	Sentar-se Convencer-se Perder-se

### 3.4 As Construções pronominais: Definições e classificações

O predicado verbal integrado por um pronome reflexivo<sup>3</sup> é uma das construções sintáticas mais complexas das línguas românicas. Ela está relacionada às mais diversas composições. Dentre elas alistamos a passividade, a medialidade, a reflexividade e a ergatividade.

<sup>3</sup> Entende-se como pronome reflexivo o pronome que espelha as categorias gramaticais de pessoa e o número do sujeito sintático, mesmo que a frase não exprima sentido reflexivo.



O problema da evolução do uso do pronome reflexivo desde o latim até as línguas modernas tem atraído à atenção de muitos estudiosos. Pesquisadores das mais diversas correntes linguísticas vêm tentando determinar de que maneira as construções reflexivas decompueram-se em construções sintáticas tão variadas. Este capítulo objetiva abordar as principais questões referentes ao assunto na língua portuguesa na sincronia atual.

Inicialmente, é preciso discutir a questão do termo reflexivo e o conceito de reflexividade. A definição encontrada nas gramáticas em geral para essa construção tem se mostrado insatisfatória. Apesar disso, vem sendo repetida de manual em manual de modo que se cristalizou. Essa manutenção irrefletida do conceito a respeito das construções reflexivas tem dificultado um enfoque mais objetivo das estruturas representadas por elas. A ideia mais difundida pelas gramáticas é a de que a construção reflexiva é aquela em que o sujeito é, ao mesmo tempo, agente e paciente do processo verbal. Seguindo essa perspectiva, é o pronome reflexivo que exprime o valor semântico da convergência dos papéis de agente e paciente no sujeito. Dessa descrição, provém o entendimento errôneo de que as relações entre os elementos da construção reflexiva são sempre os mesmos, isto é, que a composição verbal com um pronome reflexivo sempre veicularia o sentido de simultaneidade dos papéis agentivo e passivo vinculados ao sujeito.

Observe-se, apenas a título de exemplificação, as passagens sobre o pronome reflexivo abaixo, encontradas em manuais de renomados gramáticos:

“É o pronome oblíquo da mesma pessoa do pronome reto, significando a mim mesmo, a ti mesmo, etc”. (BECHARA, 2002)

“As formas se e si dizem-se reflexivas, porque só se podem usar em relação ao próprio sujeito do verbo. Exemplos: O pianista matou-se. – Os empregados se despediram”. (LIMA, 1982)

“Reflexivos (ação do verbo recai sobre o sujeito)” (LUFT, 2002)

Em que pese esses dados, alguns gramáticos têm observado de modo bastante pertinente que as construções reflexivas propriamente ditas coexistem ao lado de outras que apresentam a reflexividade apenas de forma. Entre eles, o próprio Bechara, citado acima. Segundo ele, o pronome reflexivo é “um bom exemplo segundo o qual se patenteia que um significado gramatical unitário, significado de língua, se pode desdobrar em outras acepções, conforme as unidades linguísticas com que se acha combinado e o entorno situacional” (BECHARA, 2002, p. 176).

Desta feita, cabe definir o pronome reflexivo com o cuidado de não limitar a definição às construções que exprimem significação reflexiva. Nesse sentido, pronome reflexivo é o pronome que espelha as categorias de número e pessoa do sujeito. Dentre os valores semânticos que podem ser expressos pelo pronome reflexivo, estão a reflexividade e a reciprocidade. Contudo, não se deve imaginar que esses sejam os únicos.

O sentido reflexivo fica patente quando o verbo denota um cuidado corporal, tal como *lavar-se*, *calçar-se*, *pentear-se* ou *vestir-se*. O fato de esses verbos serem ações em que o sujeito é necessariamente intencionado e controlador do processo compromete esses verbos com a noção de reflexividade. Quando, porém, tomamos como exemplo verbos de outros tipos semânticos, percebemos que não se pode associar a eles o sentido reflexivo. Um caso exemplar, é o dos verbos psicológicos, como *assustar-se*, *emocionar-se*, *alegrar-se*. Em nenhum desses casos o sujeito é deflagrador do processo. Esses verbos têm um sentido resultativo e uma estrutura causativa. Tanto é assim que se pode explicitar a causa por meio de uma preposição. (Ex.: *Alegrear-se com uma carta*, *assustar-se com o apito do trem*, *emocionar-se com a formatura do filho*). O *se* que participa da construção reduplica o papel de paciente do sujeito.

É digno de nota que, embora essas construções admitam a explicitação da causa não é permitida a inclusão do agente. Por isso não são possíveis construções do tipo: *alegrou-se por si mesmo*, *assustou-se por si mesmo*. De modo que, nesses casos o *se* codifica ações espontâneas que se passam no sujeito.

Essas construções pseudorreflexivas (o pai se irritou, os presentes se levantaram), porquanto sejam abundantes na língua, não têm recebido a devida atenção dos estudiosos<sup>4</sup>. Muitas vezes, essas construções são tratadas como exemplo de voz reflexiva. Todavia, é digno de nota que os verbos dessas construções exprimem valores semânticos bastante específicos, como estados de ânimo e movimentos corporais. Além disso, alguns aparecem preferencialmente com sujeitos de pessoa e outros, de coisa. Finalmente, essas construções não apresentam, para o sentimento linguístico do estudioso e dos falantes em geral, o mesmo tipo de relação entre os seus elementos que a representada pelas orações reflexivas. Esses fatores têm centralizado o interesse nos traços semânticos dessas composições, muito embora não se tenha oferecido uma descrição satisfatória para elas.

---

<sup>4</sup> Inegavelmente, quem melhor abordou essa questão, entre os gramáticos brasileiros, foi Said Ali, na publicação de que nos ocupamos no capítulo 2.

Nas orações cujos verbos são suscetíveis a uma construção transitiva, quer o sujeito seja ocupado por ser animado (O rapaz se levantou\ O rapaz levantou o copo) quer inanimado (A taça se quebrou\ Alguém quebrou a taça), alguns estudos mostram que o *se* é parte intermediária do processo de ergativização, processo pelo qual o aspecto semântico do objeto é levado à posição nominativa. Para um número reduzido de frases o *se* é apontado como um índice de involuntariedade do processo verbal.

### 3.4.1 Grupo 1: Construções reflexivas

O primeiro tipo de construções pronominais a que dedicamos o nosso trabalho é formado pelas chamadas orações na voz reflexiva, isto é, todas as construções que atendem à definição de reflexividade encontrada na maioria das gramáticas tradicionais, o sujeito é, ao mesmo tempo, a origem e o destino do processo verbal, o agente e o paciente. A opção por iniciar com esse conjunto se baseia na ideia de que essas orações constituem a formulação mais básica de construção pronominal. Dentro dessa perspectiva, todas as demais construções emergiriam dessa composição original.

As orações reflexivas são construções em que o pronome reflexivo desempenha função idêntica a dos demais pronomes oblíquos átonos em orações transitivas, ou seja, exerce a função de complemento verbal.

(1) *Baleia, sob o jirau, **coçava-se** com os dentes.* (IV,27)

(cf.: *A esposa coçava as costas do marido.*)

(2) *Estivera metido no barreiro com o irmão, fazendo bichos de barro, **lambuzando-se**.* (VI,17)

(cf.: *As crianças lambuzaram a cozinha de lama.*)

(3) ***Descalçou-se**, meteu as meias no bolso, tirou o paletó, a gravata e o colarinho, roncou aliviado.* (VIII,3)

(cf.: *Vitória descalçou o filho menor.*)

(4) *Sinhá Vitória levantou a saia, sentou-se no chão e **limpou-se** também.* (VIII,6)

(cf.: *Ela limpou o chão da cozinha.*)

(5) *Sem **se enxugar**, tentou **calçar-se**.* (VIII,6)

(cf.: *Laura enxugou a louça/calçou a criança.*)

Em todos esses casos, as ações deflagradas pelo sujeito sobre si mesmo descrevem processos que poderiam ser executados em outro ser. De fato, o clítico *se* se opõe gramaticalmente à série *me, te, o, a, os, as, nos, vos*. Nesse sentido, todos os argumentos relacionados ao verbo participam de um legítimo evento transitivo, apenas com a ressalva de que a transitividade volta-se para o próprio sujeito. Para Bechara, esse fenômeno resulta verdadeiramente na negação da transitividade, visto que agente e paciente são identificados semanticamente em um único ser, ainda que se possam verificar duas funções sintáticas. Na realidade, porém, é precisamente a consciência da preservação do caso acusativo que permite ao falante perceber a reflexividade.

Um dado importante em relação a essas frases é a possibilidade de se acrescentar um reforço reflexivo. Conforme observaram Cunha e Cintra, para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se a essas orações, conforme a pessoa, as expressões reforçativas *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo* etc.

É bastante comum nessas orações perceberem-se ambiguidades contextuais, o que torna a discriminação das estruturas um desafio. O verbo *calçar/descalçar*, por exemplo, admite uma interpretação claramente reflexiva, como em (3) e (5), quando significa pôr/tirar os pés no/do sapato. Note-se, no entanto, o seguinte exemplo:

*Teimava em **calçar-se** como as moças da rua – e dava topadas no caminho.*

Nessa passagem, *calçar-se* significa optar por um determinado calçado. O sentido assemelha-se a uma acepção do verbo que o dicionário Houaiss classifica como pronominal, a saber, “comprar calçados regularmente em um determinado fornecedor”. Com essa acepção o papel reflexivo do clítico não é tão nítido como no anterior. Muito embora o pronome oblíquo espelhe as categorias de número e pessoa do sujeito, não se trata de uma voz reflexiva.

É possível estabelecer os traços semânticos da estrutura argumental do verbo na construção reflexiva. As categorias semânticas se manifestam nessas orações da seguinte maneira:

- O argumento externo exerce o papel temático de agente.
- O argumento interno ocupa o papel de paciente ou experienciador do processo.
- Os argumentos externo e interno são correferentes.
- O argumento externo deve apresentar o traço [+ animado].

Quanto à estrutura sintática, o verbo pode exigir apenas um complemento direto, como nos exemplos de (1) a (5), ou ainda um direto e um indireto ou relativo, conforme abaixo:

- (6) *Devia **sujeitar-se** àquela tremura, àquela amarelidão?* (XI, 18)
- (7) *Tentou **libertar-se** dos pensamentos tristes.* (XIII,13)
- (8) *Sinha Vitória tentou sossegá-lo dizendo que ele poderia **entregar-se** a outras ocupações.* (XIII,14)

No tipo de orações em questão, pode-se identificar ainda um pequeno grupo de verbos que apresentam um complemento predicativo, representado por um atributo:

- (9) ***Julgava-se** cabra.* (II,8)
- (10) *Fabiano **fizera-se** desentendido* (II, 14)
- (11) ***Considerar-se** plantado em terra alheia* (II,17)
- (12) *Tentou recordar o seu tempo de infância, **viu-se** miúdo* (II,23)

### 3.4.2 Grupo 2: Movimento não translacional

O segundo grupo de construções pronominais tem características em comum com o primeiro. A mais destacada delas é a oposição que o clítico *se* estabelece com os demais pronomes oblíquos. De fato, o processo representado pelo núcleo verbal dessas construções pode ter como complemento qualquer pronome da série: o, a, os, as, nos etc.

- (13) *De quando em quando estes **se mexiam**, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços deles.* (VII, 3)  
(cf.: Eles mexiam-nos para acordá-los.)
- (14) *Difícil **mover-se**, estava amarrado.* (VIII,13)  
(cf.: Movê-lo seria impossível.)
- (15) *Minutos depois o preá **torcia-se** e chiava no espeto de alecrim.*  
(cf.: A roupa, torceram-na na máquina.)
- (16) *E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, **virava-se** para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos.* (II,33)  
(cf.: O menino, viravam-no para que dormisse de bruços.)
- (17) *Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, **agarrando-se** nos seixos miúdos.* (IX, 23)  
(cf.: O fugitivo, agarraram-no para que não escapasse.)

Apesar das semelhanças as construções dos grupos 1 e 2 apresentam diferenças semânticas com implicações sintáticas. Tanto linguistas quanto falantes duvidam de que, nas frases do grupo 2, se possa classificar o pronome reflexivo como objeto direto, conforme no caso das frases do grupo 1.

Esse fato se torna patente quando tentamos agregar às frases um reforço reflexivo, como a sequência *a si mesmo*:

- (18) \**De quando em quando estes se mexiam a si mesmos, porque o lume era fraco e apenas aquecia pedaços deles.*
- (19) \**Difícil mover-se a si mesmo, estava amarrado.*
- (20) \**Minutos depois o preá torcia-se a si mesmo e chiava no espeto de alecrim.*
- (21) \**E seu Tomás respondia tocando na beira do chapéu de palha, virava-se a si mesmo para um lado e para outro, abrindo muito as pernas calçadas em botas pretas com remendos vermelhos.*
- (22) \**Nesta posição torcida, mexeu-se a custo, ralando as patas, cravando as unhas no chão, agarrando-se a si mesmo nos seixos miúdos.*

Nas orações do grupo 2, ocorre um fenômeno singular que as diferencia do primeiro grupo: em *ele o agarrou*, o argumento externo tem o papel temático de agente ao passo que o interno é um experienciador que se refere a outra pessoa. Por outro lado, em *ele se agarrou* os papéis de agente e experienciador são desempenhados pelo mesmo referente. Esse fato não seria peculiar se não se tratasse de um verbo com a natureza léxica e as características sintáticas de agarrar-se. Com efeito, estaríamos diante de uma típica construção reflexiva. No entanto, a combinação do pronome oblíquo cujas categorias gramaticais coincidem com as do verbo tem repercussões no sistema linguístico: ocorre um bloqueio ou neutralização da transitividade. Isso se dá porque, em português, o falante não pode realizar consigo mesmo aquilo que faz com outro, no caso dos verbos deste grupo. Em outros termos, não é possível “agarrar a si mesmo” ou “virar a si mesmo”. Em contraste com isso, o falante pode perfeitamente coçar ou lambuzar ele mesmo assim como faria com outro.

Torna-se necessário ressaltar, portanto, que verbos do grupo de agarrar estabelecem restrições sintáticas que impedem o acréscimo do reforço reflexivo (*a si mesmo*) se o argumento externo e o interno são correferentes.

### 3.4.3 Grupo 3: Mudança na postura corporal

O terceiro grupo que consideramos em nossa análise é uma variante do segundo compreende um conjunto de verbos transitivos diretos que, muito embora possam coocorrer com o pronome reflexivo, tem propriedades semânticas e sintáticas que impedem a interpretação de que o argumento interno exerce a ação em si mesmo. Assim como no caso anterior essas construções descrevem processos que disciplinam os movimentos do indivíduo em relação ao próprio corpo.

(23) *Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, (...).* (IV, 14)

(24) *Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado amarelo.*  
(XI, 27)

(25) *Cumprida a obrigação, Fabiano levantou-se com a consciência tranquila e marchou para casa.* (II,2)

(26) *O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.* (I,3)

(27) *Só queria voltar para junto de Sinhá Vitória, deitou-se na cama de varas.*  
(III,46)

Os verbos desse grupo apenas em situações especiais são empregados com objeto humano representado por um substantivo (*deitou a filha na cama, porque ela havia adormecido no sofá; sentou a criança na cadeirinha para tomar a sopa*), visto que designam ações que as pessoas geralmente não praticam sobre outros. Em certos casos, a formulação mencionada torna-se mesmo impossível (\*A professora agachou toda a turma para que ouvissem a história).

A similaridade entre este grupo e o anterior é corroborada porque também neste caso o acréscimo do reforço reflexivo é impossível: \*O menino sentou-se a si mesmo; \*Vitória deitou-se a si mesma na cama de varas.

### 3.4.4 Grupo 4: Movimento translacional

O quarto grupo de construções pronominais é formado por orações cujos verbos descrevem um movimento de translação. Esse conjunto é formado tanto por verbos transitivos como por verbos intransitivos, que estão separados em dois subgrupos de acordo com essa tipologia:

Subgrupo A: o subgrupo A compreende os verbos transitivos. O comportamento sintático do clítico nesse subgrupo equivale ao dos grupos dois e três. Apesar de o pronome oblíquo se opor à série o, a, os, as, etc. o verbo descreve uma ação que o falante não poderia executar em si mesmo. De modo que o pronome deixa de ser percebido com objeto direto.

Nessas orações, o argumento externo exerce os papéis temáticos de agente e experienciador simultaneamente. Mas, devido às peculiaridades léxicas e sintáticas do verbo a transitividade fica neutralizada.

(28) *Encheu a cuia, ergueu-se, **afastou-se**, lento, para não derramar a água salobra.* (I,31)

(cf.: afastou os móveis para pintar as paredes (afastou-os))

(29) *Fez um esforço para **desviar-se** daquilo e encolher o rabo.* (IX, 29)

(cf.: desviou o veículo para a esquerda (desviou-o))

Subgrupo B: no subgrupo B, incluem-se os verbos intransitivos, como os seguintes:

(30) *Apesar de ter medo do pai, **chegou-se** a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão.* (V,8)

(31) ***Saíra-se** com quatro pedras na mão, apitara.* (XI, 14)

(32) *O pequeno **escapuliu-se**, foi enrolar-se na saia da mãe, que se pôs francamente do lado dele.* (VII, 4)

As frases do presente subgrupo se caracterizam pelos seguintes traços:

- a) O pronome reflexivo que acompanha esses verbos não pode se opor aos pronomes oblíquos das outras pessoas: \*o menino o chegou; \*o rapaz o saiu.
- b) O reforço reflexivo não pode ser incluído nessas frases: Pedro chegou-se a si mesmo.
- c) O pronome reflexivo é, ao que parece, redundante, principalmente porque as orações, sem eles, são perfeitamente gramaticais: Saiu com quatro pedras na mão; o pequeno escapuliu.

A redundância do pronome reflexivo se estabelece, nessas orações, no plano gramatical, nas relações sintáticas dos elementos que compõem a oração, uma vez que evidentemente o pronome não acrescenta nenhuma função sintática nem altera a predicação verbal. No plano lexical, entretanto, a presença do pronome não tem nada de redundante; o eixo do predicado verbal sofre, com o acréscimo do pronome, matizações de sentido ou até mesmo sensíveis alterações. Como resultado disso, o verbo em construção pronominal pode



especializar-se semântica e sintaticamente, adquirindo um significado e uma estrutura distintos daqueles dos verbos em uso não pronominal.

A comparação entre os exemplos 30 e 33 ilustra bem esse fato. Em seu emprego não pronominal, o verbo chegar indica o término de um percurso, ao passo que o acréscimo do pronome sugere aproximação tímida.

(33) ***Chegaram** à igreja, entraram* (VIII,11)

(30) *Apesar de ter medo do pai, **chegou-se** a ele devagar, esfregou-se nas perneiras, tocou as abas do gibão.* (V,8)

Pode-se perceber algo similar na comparação entre os exemplos (31) (34):

(34) *Ao ser contratado, recebera o cavalo de fábrica, perneiras, gibão, guarda-peito e sapatos de couro cru, mas ao **sair** largaria tudo ao vaqueiro que o substituísse.* (II,37)

(31) ***Saíra-se** com quatro pedras na mão, apitara.* (XI, 14)

Em (34) o verbo sair, sem o pronome reflexivo, ocorre com o seu sentido mais usual: deixar um lugar, partir. Na construção pronominal, todavia, o mesmo verbo significa agir, atuar de uma determinada maneira.

#### 3.4.5 Grupo 5: Eventos naturalmente recíprocos

Na presente seção, elencamos as construções pronominais de sentido recíproco. A descrição que as gramáticas fazem dessas orações não condiz com o seu grau de complexidade. Em geral elas são apresentadas como variantes da voz reflexiva com a particularidade de que a ação é praticada entre os núcleos de um sujeito composto ou ainda pelos referentes de um sujeito no plural. Costuma-se incluir nas descrições a informação de que essas orações admitem a inclusão do advérbio *mutuamente* ou da expressão *um ao outro*. Essas explicações, ainda que corretas, demonstram quão superficial é a descrição da reciprocidade e das construções pronominais recíprocas nos manuais de gramática.

A construção pronominal recíproca constitui uma das formas de expressão da reciprocidade em português. Poder-se-ia descrever o processo recíproco da seguinte maneira: a reciprocidade refere-se ao processo em que, dados os termos A e B, a ação se procederá de um para o outro ao mesmo tempo, A exerce sob B a mesma ação que B exerce sob A.

Conquanto nossas gramáticas associem a reciprocidade exclusivamente à construção pronominal reflexiva, essa noção pode vir expressa por outros meios: “as cores do arco-íris combinam perfeitamente”; “as peças do brinquedo não encaixam” etc. De maneira que a construção pronominal é tão só uma maneira de expressar essa noção.

Nas construções pronominais de sentido recíproco, o argumento externo assim como o interno são sintagmas compostos ou no plural de modo a significar que constam de mais de um indivíduo. A relação estabelecida entre eles pode ser assim representada:  $A \leftrightarrow B$  e  $B \leftrightarrow A$ . Dessa maneira, no interior de uma construção pronominal recíproca, os elementos se relacionam de maneira complexa. Apesar disso, assim como nas orações reflexivas, o processo transitivo encontra sua terminalidade no sujeito e nele se resume:

- (35) *Não conseguiram entender-se, arengaram azedos, iam-se **atracando**.* (VII, 24)
- (36) *Fabiano ia desprecatado, observando esses sinais e outros que **se cruzavam**, de viventes menores.* (XI, 3)
- (37) *Como não **se entendessem** Sinha Vitória aludira, bastante azeda, ao dinheiro gasto pelo marido na feira, com jogo e cachaça.* (IV,8)
- (38) *Agora as cabras se empurravam metendo os focinhos na água, os cornos **entrechocavam-se**.* (V,22)
- (39) *A égua alazã e o bode **misturavam-se**, ele e o pai **misturavam-se** também.* (V,17)

Há muitos traços comuns entre as construções pronominais de sentido recíproco e as de valor reflexivo. Dentre eles, estão as categorias sintáticas vinculadas aos verbos destas orações: sujeito e objeto direto. Além disso, alguns verbos podem admitir um predicativo do sujeito (que, nesses casos, é também um predicativo do objeto), conforme acontece em algumas construções reflexivas: “Os colegas se consideram muito inteligentes mutuamente”.

As orações desta seção não admitem a inclusão da expressão *a si mesmo*, mas aceita o advérbio *mutuamente* ou a expressão *um ao outro*.

Os papéis temáticos ligados aos verbos dessas orações são experienciador (E) e agente (A). A descrição estrutural dessas orações deve levar em conta que o referente (E) é idêntico ao referente (A).

No caso das orações cujo verbo admite um predicativo, além dos papéis de agente e experienciador, acrescenta-se o atributo do experienciador.

As construções pronominais recíprocas, por outro lado, possuem algumas particularidades que as diferenciam das reflexivas. Uma oração como a em (36) *Fabiano ia desprezado, observando esses sinais e outros que se cruzavam, de viventes menores* difere das demais. Isso se percebe quando se analisa as orações subjacentes a essas frases. (36) equivale a A cruzava B e B cruzava A; ao passo que a frase em (39), por exemplo, equivale a A misturava-se com B e B misturava-se com A.

Na oração (36), existe identidade total entre os argumentos interno e externo, por essa razão a construção admite apenas uma leitura recíproca. Nas orações (35),(37), (38) e (39), porém, o elemento unificador dos argumentos externo e interno pode ser *e* ou *com*. As frases “As rotas dos navios se cruzavam” ou “A rota deste navio cruzava com a daquele” são possíveis mas não “A rota deste navio se cruzava com a daquele”, o que significa que o verbo cruzar não participa de formulações reflexivas. Ele pode constituir apenas predicados recíprocos. Por outro lado, o verbo entender admite as seguintes formulações: “Sinha Vitória e Fabiano não se entendiam” e “Sinhá Vitória não se entendia com Fabiano”. Dessa forma, a construção pronominal com verbos como entender-se pode ser de sentido recíproco ou de sentido reflexivo mútuo. Se a construção tiver sentido reflexivo mútuo a identidade entre os argumentos externo e interno é apenas parcial.

#### 3.4.6 Grupo 6: Médias de emoção

O sexto grupo de construções pronominais que vamos considerar está representado por orações como:

- (40) *O agente se aborrecera, insultara-o e Fabiano se encolhera.* (X, 14)
- (41) *Descoberta a expressão teimosa, alegrou-se.* (VIII, 28)
- (42) *Baleia assustou-se.* (IX, 33)
- (43) *Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis.* (VIII, 22)
- (44) *Fabiano zangou-se com a impertinência deles e quis puni-los.* (VII, 24)

Embora nessas orações o pronome oblíquo se oponha a série: o, a, os, as, nos etc, como no caso das orações do grupo 2, o falante não percebe esse pronome como objeto direto do verbo.

A sequência pronominal reflexiva enfática ou reforço enfático nunca pode aparecer nessas orações:

- (45) \*O motorista se aborreceu a si mesmo, optando pelo percurso mais longo.
- (46) \*O rapaz se alegrou a si mesmo, usando o tempo para ajudar quem precisa.
- (47) \*O rapaz se assustou a si mesmo recordando os pesadelos da última noite.
- (48) \*O rapaz se irritou a si mesmo, tentando consertar o carro.
- (49) \*O rapaz se zangou a si mesmo, quando tropeçou na calçada.

O traço semântico que distingue as orações que consideramos agora das orações dos grupos 1 e 2 é o papel temático do argumento externo, que aqui não é mais agente mas sim um experienciador. Portanto, o sujeito jamais pode ser interpretado com a origem do processo, mas apenas o ser afetado por ele.

A atribuição do papel temático de experienciador está diretamente relacionada com a construção reflexiva, visto que nas construções transitivas correspondentes o argumento externo é sempre um agente ou causador de experiência, ao passo que o argumento interno recebe o papel de experienciador.

- (50) As piadas do colega aborreceram o Pedro.
- (51) A festa surpresa alegrou o menino.
- (52) O palhaço assustou as crianças.
- (53) Um irmão irritou o outro.
- (54) A desordem da casa zangava-o.

A especificação léxica dos verbos deste grupo consiste no fato de que, se os argumentos externo e interno aludirem ao mesmo referente, o argumento externo se converte em experienciador.

A especificação semântica desses verbos impede que em construção pronominal seja acrescentado o agente do processo, ainda que a ocorrência da causa externa seja possível. Isso ocorre devido ao fato de que o pronome reflexivo visa a demonstrar que o processo é, em certa medida, espontâneo, não provocado por uma fonte intencional. A coocorrência do pronome reflexivo e do agente do processo seria uma incongruência semântica. Por essa razão, não são possíveis frases tais como.

- (55) \*Baleia assustou-se por Fabiano.
- (56) \*O menino irritou-se pelo irmão.

### 3.4.7 Grupo 7: Discurso emotivo

Das construções do grupo 7 participam verbos de natureza metalinguística. São chamados nos estudos tradicionais de verbos *dicendi* ou verbos de elocução. O interessante dos verbos *dicendi* é que eles podem apresentar modalidade neutra, como dizer e falar, ou vir carregados de sugestão descritiva. É o caso de resmungar, exortar, ordenar entre outros.

Os verbos *dicendi* que interessam aos nossos estudos são os que podem participar de construções pronominais. Eles têm em comum o fato de apresentarem um tom emotivo:

(57) *O funcionário batera o pé agastado e Fabiano se **desculpara**, o chapéu de couro na mão, o espinhaço curvo.* (X, 16)

(58) *Conversando, talvez conseguisse **explicar-se**.* (V, 20)

(59) *Nas invenções com que pretendia **justificar-se** a figura de sinha Rita aparecia sempre, e isto o desgostava.* (III, 18)

(60) *Fabiano gritou, assustando o bêbedo, os tipos que abanavam o fogo, o carcereiro e a mulher que **se queixava** das pulgas.* (III, 66)

Embora tenham sido incluídos no mesmo grupo pela afinidade semântica é preciso fazer algumas distinções sintáticas. Dos quatro, apenas o último (*queixar-se*) não admite a substituição do pronome reflexivo por outro da série *o, a, os, as*, visto se tratar de um verbo unicamente pronominal. No entanto, mesmo nos casos em que isso é possível apenas com *justificar-se* existe verdadeira oposição entre o reflexivo e outro da série de pronomes oblíquos. Também apenas *justificar* aceita o reforço reflexivo (*Justificou-se a si mesmo*).

No caso de *desculpar*, a construção sem o reflexivo tem um sentido de conceder perdão e não necessariamente envolve o discurso. A construção reflexiva, porém, refere-se a um pedido de desculpas. *Explicar-se* também tem condição lexical diferente de *explicar* devido ao reflexivo. Com o pronome o verbo adquire o sentido aproximado de *desculpar-se* ou *justificar-se*. Dos quatro verbos, o que está em mais alto grau de gramaticalização é o *queixar-se*, visto que o reflexivo é esvaziado de sentido e tem ocorrência obrigatória. Esses traços fazem de *queixar-se* o exemplo mais icônico de verbo pronominal.

Na constituição temática desses verbos, aparece em geral o argumento externo com o papel de agente. Podem aparecer, em outros casos, um tema e um destinatário.

### 3.4.8 Grupo 8: Média de cognição

O grupo 8 está representado por verbos como os que seguem:

- (61) *Procurou com as mãos a mulher e os filhos, **certificou-se** de que eles estavam acomodados.* (VIII, 28)
- (62) *E, por mais que forcejasse, não **se convencia** de que o soldado amarelo fosse governo.* (III, 43)
- (63) *Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, **concentrou-se**, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições.* (X, 5)
- (64) ***Esqueceu-se** e de novo lhe veio o desejo de morder Fabiano, que lhe apareceu diante dos olhos meio vidrados, com um objeto esquisito na mão.* (IX, 29)
- (65) ***Lembrou-se** dos filhos, da mulher e da cachorra, que estavam lá em cima, debaixo de um juazeiro, com sede.* (I, 31)

Este grupo inclui verbos responsáveis por designar processos mentais, que podem ser voluntários, como *certificar-se* e *concentrar-se*; espontâneos como *lembrar* e *esquecer* ou ainda contextual com *convencer-se*, que pode acontecer sem intervenção da vontade ou partir de um esforço do sujeito.

Dentre os verbos elencados nos exemplos, o único que poderia aparecer com o reforço reflexivo é *convencer-se*. No entanto, isso só é possível em contextos em que o falante se dá conta da necessidade de fazê-lo, ou seja, quando tem o papel temático de agente. No exemplo (61), contudo, isso não acontece.

Embora o verbo *certificar-se* seja de cognição, ele é o resultado de um processo material descrito por um verbo de ação. Em (60), a certificação é posterior a ação de procurar a mulher e os filhos a fim de verificar se estavam acomodados. Noutras palavras, o verbo *certificar-se* implica uma ação, mas descreve uma experiência. Desse modo, assim com os demais verbos desse grupo, o argumento externo tem o papel temático de experienciador.

### 3.4.9 Grupo 9: Eventos espontâneos

As orações do grupo 9 estão representadas por frases como:

- (66) *A porteira **abriu-se**.* (V,21)

- (67) *A pedra estava fria, certamente Sinha Vitória tinha deixado o fogo **apagar-se** muito cedo.* (IX,39)
- (68) *O estrondo, a pancada que recebera no quarto e a viagem difícil do barreiro ao fim do pátio **desvaneciam-se** no seu espírito.* (IX,36)
- (69) *Se pudesse matá-las, a seca **se extinguiria**.* (XII, 19)
- (70) *O brinquedo **se quebrara**, o pequeno entristecera vendo as peças inúteis.* (VII, 26)

São orações em que o pronome reflexivo não pode se opor aos demais pronomes pessoais átonos e, além disso, não se pode acrescentar o reforço reflexivo sem que isso engendre um processo de animização:

- (63)' \*A porteira o abriu.
- (63)'' \*A porteira abriu-se a si mesma.
- (64)' \*O fogo o apagou.
- (64)'' \*O fogo apagou-se a si mesmo.

O aspecto mais destacado da organização temática das orações do grupo 9 é o papel temático do argumento externo. Em todos os casos, ele exerce o papel de paciente. Essas orações estão relacionadas com construções transitivas nas quais o sujeito da pronominal é objeto direto:

- O vaqueiro abriu a porteira.
- O vento apagou o fogo.
- O passar do tempo desvanecia as lembranças ruins.
- As desilusões extinguiram seu amor à vida.
- A criança quebrou o brinquedo.

Nessas construções transitivas, o sintagma nominal que na construção pronominal era sujeito passa a funcionar como objeto direto, contudo mantém o papel de paciente. Ademais, a estrutura sintática ganha um novo sintagma nominal na função de sujeito. Este com o papel temático de agente ou causador do processo verbal.

Embora haja uma correspondência entre as duas construções, a pronominal e a transitiva, a menção do agente é possível apenas para a segunda. A formulação com a estrutura pronominal não admite a inclusão do agente:

- \*A porteira abriu-se pelo vaqueiro.
- \*O fogo apagou-se pelo vento.

\*As lembranças ruins desvaneciam-se pelo tempo.

\*Seu amor a vida extinguiu-se pelas decepções.

\*O brinquedo foi quebrado pela criança.

Apesar disso, a construção pronominal aceita a inclusão de uma causa ou outra circunstância adverbial:

Com o empurrão, a porteira se abriu.

O fogo apagou-se com vento.

As lembranças ruins desvaneciam-se com tempo.

Seu amor à vida extinguiu-se devido às decepções.

O brinquedo se quebrou nas mãos da criança.

#### 3.4.10 Grupo 10: Média de atitude

As orações que convencionamos chamar de médias de atitude são aquelas em que o pronome reflexivo vem adicionar ao verbo a manifestação de uma determinada postura da pessoa representada pelo argumento externo.

(71) *Não se **arriscaria** a prejudicar a tradição, embora sofresse com ela.* (VIII, 13)

(72) *Sim senhor, hóspede que se **demorava** demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite.*  
(II,17)

(73) *Fabiano **fingira-se** desentendido: não compreendia nada, era bruto.* (X, 14)

(74) *O outro iria **rir-se**, mangar dele, avisar sinha Vitória.* (V,19)

Comparemos as formas pronominais dos verbos *demorar* e *rir* com orações em que o clítico não aparece. Se uma pessoa demora, essa ação pode ser proposital ou não planejada. Todavia, se acrescentamos o pronome ao verbo (*demorar-se*) o processo perde a possibilidade de ser interpretado como um evento fortuito. De maneira similar, ao passo que *rir* significa simplesmente achar graça, *rir-se* adquire a conotação de tratar alguém com desdém, rir com zombaria, escárnio ou menosprezo. Assim, nesses casos, o clítico funciona com um índice de voluntariedade.

Visto que os verbos desse grupo descrevem eventos voluntários, o argumento externo necessariamente apresenta o traço [+ animado] e desempenha o papel temático de agente. Além disso, o aspecto referencial do clítico se anula, de modo que não existe qualquer



oposição entre o *se* e os demais pronomes oblíquos nem é possível o acréscimo do reforço reflexivo.

#### 3.4.11 Grupo 11: eventos (comportamentos) involuntários que se passam no indivíduo

O grupo 11 é formado pelos verbos que descrevem eventos espontâneos que se passam no indivíduo sem que ele possa controlá-los. Esses eventos, geralmente materiais, são deflagrados por alguma causa externa. Diferentemente do grupo anterior, no grupo 11 o clítico funciona como um índice de involuntariedade.

(75) *Mas o resto do corpo se **arrepiava**, espinhos de mandacaru penetravam na carne meio comida pela doença.* (IX, 38)

(76) *As bochechas de sinha Vitória **avermelharam-se** e Fabiano repetiu com entusiasmo o elogio.* (XIII, 16)

(77) ***Engasgou-se**. A autoridade rondou por ali um instante, desejosa de puxar questão.* (III, 25)

(78) *Pouco a pouco a cólera diminuiu, e Sinha Vitória, embalando as crianças, **enjoou-se** da cadela achacada, gargarejou muxoxos e nomes feios.* (IX, 14)

(79) ***Sufocava-se**, as rugas da testa aprofundavam-se, os pequenos olhos azuis abriam-se demais, numa interrogação dolorosa.* (XI, 9)

Nessas orações, o argumento externo é um experienciador sem controle e o pronome não se opõe aos demais pronomes oblíquos, de maneira que não existe qualquer resquício de reflexividade.

#### 3.4.12 Grupo 12: Construções passivas

As construções pronominais que reunimos no grupo 12 talvez sejam as mais estudadas e discutidas na análise linguística. As gramáticas em geral as denominam passiva sintética ou passiva pronominal.

A descrição que se propõe para essas construções tem sido bastante questionada devido à tendência do falante, dos mais diversos estratos sociais, de deixar de fazer a concordância com o sujeito passivo da oração. Nesse sentido, diz-se que o sentido passivo da construção está se perdendo, restando apenas o valor impessoal da oração.

- (80) *Tinha feito um estrago feio, a terra **se cobria** de palmas espinhosas. (XI, 5)*
- (81) *Sim, com certeza as preciosidades que **se exibiam** nos altares da igreja e nas prateleiras das lojas tinham nomes. (VIII, 32)*
- (82) *A barba ruiva e emaranhada estava invisível, os olhos azulados e imóveis **fixavam-se** nos tições, a fala dura e rouca entrecortava-se de silêncio. (VII, 25)*
- (83) *O abano agitava-se, a madeira úmida chiava, o vulto de Fabiano **iluminava-se** e escurecia. (VII, 27)*
- (84) ***Ouviam-se** distintamente os rancos de Fabiano, compassados, e o ritmo deles influenciou nas ideias de sinha Vitória. (IV,27)*

Nas construções pronominais de sentido passivo o pronome oblíquo está em avançado grau de gramaticalização; portanto, não é um pronome em pleno sentido. Ele não faz qualquer referência a elemento endofórico ou exofórico. Além disso, não estabelece oposição com os demais pronomes oblíquos. Por conseguinte, as gramáticas o têm chamado de partícula apassivadora ou de índice de passividade, o que reforça o seu papel exclusivamente gramatical.

Nessas orações, o sujeito exerce sempre o papel semântico de paciente ou de experienciador. Talvez seja por isso que não é possível empregar um verbo em construção pronominal de qualquer tipo na construção pronominal de sentido passivo.

#### 3.4.13 Grupo 13: Verbos pronominais

O grupo 13 não se opõe aos demais, visto que não constitui um grupo semântico. Na realidade, qualquer verbo de construção pronominal cujo pronome se encontra em grau elevado de gramaticalização pode vir a ser um verbo pronominal. A formulação desse grupo visa a demonstrar que um verbo classifica-se como pronominal ao adquirir significação nova em decorrência do pronome.

- (85) *Se ele soubesse falar como sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de **arranjar-se**. (X, 24)*
- (86) *Fabiano ia satisfeito. Sim senhor, **arrumara-se**. (II,5)*
- (87) *Agora tinham obrigação de **comportar-se** como gente da laia deles. (II,46)*
- (88) ***Valia-se**, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender. (VI,14)*

(89) *Não era homem, não era nada. Aguentava zinco no lombo e não se vingava.*

(XII, 12)

Todos os verbos do grupo 13 apresentam acepções bem distintas para as formas pronominais e as sem o pronome: *arranjar* > pôr em ordem / *arranjar-se* > sair-se bem em situações difíceis; *arrumar* > dispor de modo organizado / *arrumar-se* > obter algo satisfazendo um desejo; *comportar* > conter / *comportar-se* > proceder; *valer* > custar / *valer-se* > contar com, servir-se de. Em todos esses casos, a presença do pronome favorece uma mudança na unidade lexical.

#### 4 GRAMATICALIZAÇÃO: O PARADIGMA DA MUDANÇA

A mudança é inegavelmente um dos fenômenos mais inexoráveis das línguas. De fato, não existe idioma que não sofra modificações ao longo do tempo. Tanto é assim que as línguas, devido à sua natureza dinâmica, foram, por muito tempo, comparadas a seres vivos, com um ciclo vital completo.

Essa mudança se concretiza em decorrência de muitos fatores e através de variados processos. Entre os processos mais gerais de mudança linguística está a gramaticalização. O processo da gramaticalização “leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas” (MARTELOTA et alii, 1996). Essa noção está fundamentalmente ligada à diferença entre léxico (significado de mundo) e gramática (significado de língua). Designamos como significado de mundo todas as noções do nosso conhecimento que fazem referência ao universo extralinguístico, concebidas como seres, atributos, processos, etc. Ao passo que consideramos significado de língua todos os elementos ou estruturas responsáveis pela organização interna da língua, que a caracterizam como um sistema de relações estáveis.

Tomemos por exemplo a série *cair maduras vento árvore forte frutas*. Embora seja possível, com boa vontade, abster da sequência de palavras algum significado, não se pode dizer que se trata de uma frase do português. Isso porque faltam a essa sequência as estruturas responsáveis pela organização interna da língua de modo a integrar a frase no discurso. As palavras que compõem a série pertencem ao domínio do léxico da língua, funcionando, grosso modo, como um rótulo dos elementos do universo biossocial.

Acrescente-se, porém, a série de palavras em questão as unidades gramaticais devidas e o resultado será uma genuína frase portuguesa: *com o vento forte, as frutas maduras caíram da árvore*. Apesar de não deterem significado referencial independente, os itens gramaticais, palavras como preposições (com, de) e artigos (o, a) oferecem suporte a distribuição e organização dos elementos lexicais na frase. Também são de natureza gramatical as desinências verbais e nominais, as conjunções e alguns advérbios.

A gramaticalização é o processo através do qual um significado lexical passa a migrar gradativamente para o domínio da gramática, obedecendo a regras de emprego mais específicas por assumir posições mais fixas na estrutura do enunciado e, conseqüentemente, apresentando-se mais previsível no que diz respeito a seu uso. O movimento contrário a esse

processo também é possível, isto é, um elemento gramatical pode adquirir funções relacionadas ao processamento do discurso, perdendo as restrições gramaticais típicas de seus usos originais. A essa mudança dá-se o nome de discursivização.

Apesar de o movimento ser possível nas duas direções, a gramaticalização consiste num desenvolvimento irreversível. Uma vez gramaticalizado, um elemento ou estrutura pode apenas assumir novas funções gramaticais. A tendência é que o item da língua sob o processo de gramaticalização se torne cada vez mais regular e previsível, visto que abandona o âmbito da criatividade eventual do discurso e passa a ocupar o espaço pertinente à gramática, cheio de restrições e arbitrariedades.

Estas restrições referidas consistem basicamente em regularidades manifestadas nas relações de colocação e regência, bem como nas relações de concordância de gênero e número, no caso dos nomes; e de tempo, modo, número e pessoa, no caso dos verbos. Na constituição gramatical desses últimos, também implica incluir as relações de aspecto e voz.

Apenas à guisa de exemplo, tomemos a forma *durante*. Originalmente, participio presente do verbo *durar*, funcionava como adjetivo e significava aquilo que dura, que tem a propriedade de ser durável. Esse sentido, porém, nunca poderia ser percebido em formulações como *o palestrante teve uma crise de tosse durante sua exposição*. Nessa frase, a palavra *durante* passa a significar apenas “em um momento no curso de”. De modo que o termo teve o seu significado lexical esvaziado.

As características fundamentais de formas gramaticalizadas são as seguintes:

- a) *Esvaziamento ou enfraquecimento do sentido léxico*: a palavra *embora* é o resultado da aglutinação da preposição *em* com o adjetivo *boa* e com o substantivo *hora*. No entanto, o significado sincrônico da forma aglutinada não tem relação transparente com o significado das formas combinadas no discurso. *Embora* exprime a ideia de retirada ou ainda, em contextos contrastivos, indica oposição/concessão. Curiosamente, *enorabuena*, palavra hispânica com formação análoga ao *embora* português, é usado para congratular ou parabenizar alguém.
- b) *Tendência à invariabilidade mórfica*: alguns verbos, através da gramaticalização passam a integrar locuções que funcionam como conectores discursivos ou como advérbios modalizadores: ou seja, isto é, sei lá, quem sabe. Nesses casos, os verbos que compõem as construções permanecem sempre inalterados em quaisquer contextos em que ocorram. O *isto é*, por exemplo, empregado em reformulações ou retificações,

crystalizou-se, não admitindo variações de tempo (\*isto será), modo (\*isto seja), número (\*isto são) ou pessoa (\*isto és).

- c) *Mudança de classe*: as formas gramaticalizadas deixam de pertencer a classes gramaticais da esfera do léxico para integrar classes do âmbito da gramática. São exemplos de gramaticalização a passagem de adjetivos a advérbios (ex.: Voava baixo, Falava alto, Andava rápido) de verbo em interjeição (ex.: Fui), de adjetivos em conectivos (ex.: Não conversem durante a reunião, Não saiu de casa devido à doença).
- d) *Comportamento auxiliar nas construções*: verbos gramaticalizados costumam veicular sentidos periféricos a alguma noção verbal núcleo ou ainda figurar apenas como um dos aspectos da organização discursiva da oração com um lugar específico da tessitura sintagmática. É o caso dos verbos *ter* e *haver*, que atuam como mero lugar mórfico de categorias morfossintáticas do verbo principal; dos verbos *poder* e *dever*, com função modalizadora, indicando respectivamente possibilidade e obrigatoriedade, e do verbo *dar*, que funciona como verbo suporte, em construções como *dar uma olhada*.

#### 4.1 Gramaticalização pela via da metáfora

Inicialmente, vale lembrar o conceito de metáfora. Etimologicamente, metáfora significa “mudança de lugar” e é exatamente isso o que ocorre no universo linguístico. Quando se opera uma metáfora ocorre uma transferência semântica em que se explica, designa-se ou qualifica-se um item de um universo de relações semânticas empregando-se os termos de outro. Essa transferência, porém, não é gratuita. Sempre é baseada na semelhança.

Tem-se dito que a linguagem usual é essencialmente metafórica. E, com efeito, é isso o que se observa nas formulações mais criativas dos falantes. Raramente se criam novas formas, mas as que já existem são frequentemente reaproveitadas ou atualizadas em novos significados.

Um exemplo interessante encontra-se nas acepções que o dicionário dá para a palavra *galho*. Além do sentido básico de divisão ou subdivisão do caule das árvores e arbustos, a palavra pode significar: emprego ou ocupação subsidiária, biscate; situação difícil, complicação (e daí a expressão idiomática *quebrar um galho*); falta de entendimento,

confusão, briga; relação extraconjugal, e, finalmente, conjunto de riachos que, nas cabeceiras, se reúnem para formar um rio (Houaiss eletrônico).

Todos esses sentidos, contudo, constituem o desdobramento de uma percepção visual: a formação aparentemente desordenada e fascicular, deslocada do eixo caulino. Desse modo, o afastamento dos galhos do caule da planta passa a ideia de crescimento irregular, caótico, desarranjado, e pode, portanto, referir-se a tudo que tenha essas características: um trabalho irregular, um relacionamento que se afasta dos paradigmas sociais ou um problema difícil. Fica claro, por tudo isso, que a metáfora tem uma motivação icônica, isto é, baseada na semelhança.

O processo da gramaticalização ocorre como resultado de uma conceptualização do conhecimento abstrato humano. Visto que o pensamento trabalha inicialmente com conceitos obtidos através da experiência com o mundo sensível, esse conhecimento é eminentemente concreto. No entanto, essas ideias servem de base para um amplo sistema conceptual que emergem delas e que constitui o mundo das ideias. A transferência entre o cognição do mundo concreto e a conceptualização das informações abstratas é operada pela metáfora.

O processo metafórico funciona de modo a que as palavras empregadas para designar fatos concretos são utilizadas analogicamente para se referir a conceitos mais abstratos e mais difíceis de serem conceptualizados. Esse movimento é unilateral e ocorre de maneira que o elemento mais concreto percorre uma trajetória até coincidir com o elemento menos concreto.

Ex: Essa informação ainda está muito *obscura* para mim.

Ex.: Agora você entendeu *claramente*.

Ex.: Eu não *vejo* as coisas dessa forma.

Nos três exemplos acima as expressões *obscura*, *claramente* e *vejo* são típicas do mundo sensível, relativas ao sentido da visão; mas são usadas metaforicamente para designar noções ligadas ao entendimento humano.

Também é exemplo de transferência metafórica o título dessa seção. A palavra *via* designa, originalmente, um elemento do universo concreto. É sinônima de caminho, rua, estrada, ou seja, é o meio através do qual se chega a um *lugar*. Através do deslizamento metafórico, a palavra *via* passa a designar a maneira de se atingir um objetivo uma meta, ao ser empregada em contextos mais abstratos.

A transferência semântica pode também ser ilustrada na trajetória espaço > tempo que permitem ao falante/redator, por processo analógico, empregar conceitos espaciais para designar pontos do texto já mencionados ou por mencionar. Um exemplo disso é a série de demonstrativos esse, essa, isso, este, esta, isto, aquele, aquela, aquilo empregados ora para referência ao espaço em que o discurso se concretiza (referência exofórica ou dêixis) ora para apontar algo no texto (referência endofórica ou anáfora). Similarmente, os advérbios pronominais da série aqui, aí, lá, ali etc., nitidamente referentes do espaço concreto, tem sido cada vez mais utilizados com função discursiva, seja como marcadores discursivos, seja como indicadores de sequência lógica ou temporal, seja como recurso de interpelação do ouvinte.

É digno de nota que, como no exemplo acima, a abstralização de uma noção espacial seja o processo mais icônico do fenômeno da gramaticalização. Segundo Heinne *et alii* (*apud* MARTELOTA, 1996) a trajetória do processo metafórico se dá da seguinte maneira:

PESSOA>OBJETO>ATIVIDADE>ESPAÇO>TEMPO>QUALIDADE

De acordo com essa escala, compreende-se que qualquer elemento localizado mais à esquerda serve para designar outro mais à direita. Como exemplo, uma noção espacial tal como *atrás* pode ser empregada para designar uma ideia temporal (*atrás da casa*> dois anos atrás) ou ainda uma qualificação (ele é atrasado).

A hipótese, em relação às estruturas gramaticalizadas, é de que, com o tempo, tudo aquilo que é icônico e transparente será ou tenderá a ser opaco e aparentemente desmotivado. Esse fenômeno se nota em formas como *entretanto*. Nenhum falante consegue associá-la a *entre tanto espaço* > *entre tanto tempo*.

#### 4.2 Gramaticalização pela via da metonímia

A metonímia é o processo pelo qual se substitui uma palavra por outra, baseado em alguma relação de sentido, que pode ser de todo pela parte: O *Brasil* jogará domingo (i.é, seleção brasileira); parte pelo todo: Pediu a *mão* de minha filha em casamento (i.é, a filha); concreto pelo abstrato: Ele é um bom *garfo* (i.é, comedor); abstrato pelo concreto: Vamos



ajudar a *pobreza* (i.é, os pobres); causa pelo efeito: A *lua* entrava pela janela (i.é, o luar); efeito pela causa: Foi preciso muito *suor* para vencer aquele jogo (i.é, esforço) matéria pelo objeto: O policial meteu *chumbo* no bandido (i.é projétil, bala); continente pelo conteúdo: ele comeu dois *pratos* (i.é a comida). Nota-se, pelos exemplos, que a metonímia é sempre baseada em uma relação de contiguidade, nas palavras de Dubois *et alii* (*apud* MARTELOTA, 1996) “uma noção é designada por um termo diferente do que seria necessário, sendo as duas noções ligadas (...)”.

Esse sentido tradicional da metonímia não é o mesmo empregado para a compreensão do processo responsável pela gramaticalização. O conceito usual da metonímia refere-se a uma contiguidade semântica. Não obstante, a metonímia referida aqui é baseada na contiguidade linguística ou sintática, ou seja, na mudança que sofre uma determinada forma em função do contexto linguístico (e pragmático) em que está sendo utilizada.

Vinculada ao processo metonímico está a reanálise. Esse mecanismo atua no eixo sintagmático, caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretação dos elementos que o compõem. Um exemplo desse processo está no surgimento do emprego adversativo de *todavia*. De acordo com Machado (1977) (*apud* MARTELOTA, 1996) o elemento *todavia*, proveniente do latim *tutavia*, significava inicialmente sempre, a cada passo, constantemente. O uso temporal de *todavia* foi gradativamente dando espaço ao emprego adversativo devida a construções em que ele aparecia como correlato enfático de uma oração concessiva, tal como no exemplo “não obstante tenha competência acadêmica, *todavia* é muito indolente na execução das tarefas”.

No exemplo dado, o valor semântico de frequência do elemento *todavia* se apresenta como simultâneo à ideia concessiva da oração anterior. Esse contexto gera, por pressão de informatividade, o uso adversativo que o *todavia* tem hoje.

### 4.3 Gramaticalização de construções pronominais

O processo da gramaticalização é de máxima importância para o tópico de que nos ocupamos nesse trabalho: as construções pronominais. Isso porque ele explica de que maneira uma construção reflexiva básica desliza para um largo rol de construções pronominais com as mais variadas propriedades semânticas e sintáticas. Para ilustrar, analisemos dois exemplos: o caso do verbo pôr em posição auxiliar e o do verbo fingir.

Inicialmente, é preciso destacar que uma construção pronominal, mesmo a legitimamente reflexiva, já constitui um estágio do processo de gramaticalização. Na construção reflexiva o objeto direto é representado por um pronome, que é nitidamente menos referencial que um substantivo.

Aplicando um conceito da teoria da informação, o pronome se encaixa na qualidade de sinal, apenas apontando a localização do significado no texto ou no contexto social. Por outro lado, o substantivo é um símbolo, visto que substitui o significado do mundo biossocial, representando-o na língua.

Nesse sentido, quando se substitui o argumento interno de uma oração como *Mariana penteia os cabelos* por um pronome (*Mariana se penteia*), inicia-se um processo de gramaticalização já que um elemento da gramática (o pronome) exerce a função de um elemento do léxico (o substantivo). Em suma, pode-se notar que o pronome é, nesses casos, o deflagrador do processo de gramaticalização.

Iniciado esse processo, a tendência da estrutura é tornar-se cada vez mais gramatical. Apesar disso, convivem numa mesma sincronia estruturas em diferentes estágios do processo de gramaticalização, com limites nem sempre nítidos.

O caso do verbo *pôr* é bastante representativo da gramaticalização nas construções pronominais. Sinônimo de *colocar*, o verbo *pôr* tem um sentido nitidamente espacial. Por isso mesmo, na classificação dos verbos pronominais, o incluímos entre os verbos de movimento não translacional. Apesar de apresentar esse sentido básico, o verbo em questão ampliou tão extraordinariamente seu raio semântico que foi se esvaziando. O dicionário Houaiss (versão eletrônica) registra nada menos que 52 acepções para o verbo *pôr*.

Na construção pronominal, o verbo *pôr* torna-se verbo auxiliar, como é típico das formas gramaticalizadas, empregando-se sempre com uma complementação. Como consequência disso, perde seu significado espacial. Em certos casos, funciona como auxiliar aspectual, quando vem seguido de preposição *a* e verbo no infinitivo e tem sentido incoativo:

(90) *O menino mais velho pôs-se a chorar.* (I,3),

(91) *Tirou do aió um pedaço de fumo, picou-o, fez um cigarro com palha de milho, acendeu-o ao binga, pôs-se a fumar regalado.* (II,6)

(92) *O vaqueiro apertou a cilha e pôs-se a andar em redor.* (V,III)

Em outros, a combinação do verbo *pôr* e uma expressão adverbial transmite o significado de fazer alterar um estado, condição ou situação:

(93) *O pequeno escapuliu-se, foi enrolar-se na saia da mãe, que se pôs francamente do lado dele.* (VII, 4)

(94) *Fabiano ajudou-a: suspendeu a tagarelice, pôs-se de quatro pés e soprou os carvões, enchendo muito as bochechas.* (VII, 8)

O mecanismo base para a gramaticalização dessas estruturas é a transferência metafórica. O traço semelhante entre o significado primitivo do verbo pôr e as noções veiculadas pelo seu emprego nos exemplos acima é a mudança. Em síntese, a construção pronominal parece fazer um verbo de movimento não translacional abstrair-se paulatinamente para significar mudança de condição: pôs-se na cadeira > ponha-se no seu lugar > “puseram-se a discutir” (VIII, 32).

Outro exemplo de relevo é o verbo fingir em frases como:

(95) *Fabiano **fingira-se** desentendido: não compreendia nada, era bruto.* (X, 14)

A construção pronominal em questão é a formulação reduzida de Fabiano fingira que não havia entendido. É o mesmo caso com construções como dizer-se (Ele se diz médico < Ele diz que é médico) e achar-se (Ele se acha o tal < Ele acha que é o tal) em que uma oração substantiva inteira é sintetizada pelo pronome reflexivo, restando apenas um atributo da oração subordinada.

O fundamento desse processo é metonímico. No entanto, é diferente do caso de metonímia que expomos anteriormente, que envolvia cocorrência sintática, mas não semântica. No caso em questão, uma unidade linguística substitui outra bem mais complexa, com um evidente resultado sintético, baseado em uma contiguidade semântica (a correspondência referencial entre o pronome e o sujeito da oração subordinada) e sintática (a identificação entre as funções sintáticas do pronome reflexivo e da oração substantiva). Dessa forma, a metonímia, neste caso, assemelha-se muito mais à definição tradicional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos manuais de gramática e principalmente os dicionários trabalham com um conceito de verbo pronominal bastante volúvel. Aqueles, por um lado, não discriminam critérios claros para a identificação da estrutura em questão e estes, por outro, dão a designação verbo pronominal a verbos que somente ocasionalmente vêm acompanhados de pronome. Em outros casos, chamam-se algumas construções com “se” de reflexivas mesmo quando a noção de reflexividade não existe. Por isso, advogamos a ideia de que as construções pronominais merecem uma discriminação mais criteriosa nas obras de orientação gramatical e lexicográfica.

Dessa forma, apresentamos a seguinte discriminação das construções pronominais: 1) verbos pronominais: a) verbos exclusivamente pronominais, de cuja estrutura participa um pronome fossilizado (arrepender-se, queixar-se), b) verbos cuja significação é sensivelmente alterada em decorrência do pronome, constituindo uma nova unidade lexical (comportar-se, despedir-se); 2) construções pronominais que podem ser explicadas por regras sintáticas (ferir-se, abraçar-se, deitar-se).

O item dois refere-se às construções de voz envolvendo o pronome oblíquo. Essa discriminação depende do conceito de voz média, abandonado pela NGB. Nesse sentido, construções como *sentar-se*, *abandar-se*, *assustar-se* são casos de voz média e não verbos pronominais, como ensinam nossos dicionários. Ao reduzir o quadro de vozes a um modelo tripartido: voz ativa, voz passiva e voz reflexivo-recíproca a NGB prestou um desserviço a ciência linguística. Aparentemente, sem dispor de classificação melhor, muitos estudiosos acabaram por incluir a abundante variedade de construções médias entre os verbos pronominais, dando um tratamento uniforme a estruturas que era necessário discriminar.

Além de contribuir para uma descrição mais precisa da língua, um tratamento mais cuidadoso da questão evitaria sobrecarregar o dicionário com informações redundantes, relativas à sintaxe e não ao léxico.

**REFERÊNCIAS**

- ALI, Manoel Said. *Gramática secundária e histórica da língua portuguesa*. 3. ed. Brasília: Ed. UnB, 1964.
- \_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.
- AZEREDO, José Carlos dos Santos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de verbos Houaiss*. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa de língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Em defesa da categoria de voz média no português. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 19, n.1, 2003.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Princípios de linguística geral*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.
- CAVALIERE, Ricardo. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói, RJ: Ed. da UFF, 2000.
- CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença, 1979.
- DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. (versão eletrônica).
- DUARTE, Inês da Silva. Aspectos gramaticais da descrição do português. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1989.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua brasileira*. 18. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.
- MACEDO, Walmírio. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.
- MACIEL, Maximino. *Grammatica descriptiva*: baseada nas doutrinas modernas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.) et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1994.

POTTIER, Bernard. *Estruturas linguísticas do português*. 3. ed. São Paulo: Difel, 1975.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva; curso superior*. 54. ed. (Adaptada à ortografia oficial por Laudelino Freire). São Paulo: Companhia Editira Nacional, 1942.

RIBEIRO, Julio. *Grammatica portugueza*. 2. ed. São Paulo: Teixeira e Irmão, 1885.

VILELA, Mário. *Gramática de valência: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina, 1992.

ZORRAQUINO, María Antonia Martín. *Las Construcciones pronominales en español*. Madrid: Gredos, 1979.

## APÊNDICE

### 1) CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS:

ABANAR-SE (VIII, 13)	SE DEFENDER. (X, 28)
ABRIGAR-SE (VII, 23)	SE PODIAM DEFENDER. (XIII, 30)
ACAUTELAVA-SE. (VIII, 22)	DESCALÇOU-SE, (VIII,3)
ACOMODOU-SE, (VII, 26)	DESCOBRIA-SE (II,8)
ACOMODAR-SE-IAM (XIII, 34)	DESGRAÇAR-SE (VIII,20)
ACHOU-SE (XIII, 31)	SE DESGRAÇA. (X, 22)
SE AGUENTAVA (II,20)	ENCAFUAR-SE (IV,29)
SE AGUENTA (VII,25)	ENCALACROU-SE
AMPAROU-SE. (XIII,13)	ENCALACROU-SE
SE APERTAVA (XII, 22)	ENCHER-SE (II,46)
APRONTAVA-SE (VIII,6)	ENCOSTAVAM-SE (VIII, 10)
ARRISCANDO-SE (XIII, 20)	ENDIVIDAVA-SE. (X,4)
ATIRANDO-SE (III,50)	ENFEITAVA-SE. (XII, 6)
BENZEU-SE (II,40)	ENGANAR-SE. (XI, 10)
BENZIA-SE (XIII, 1)	ENGANAR-SE. (XIII,13)
CALÇAR-SE (VIII,6)	ENROLANDO-SE (VII,11)
SE CANSANDO (VII,28)	ENROLOU-SE, (VII, 26)
SE CANSAVAM (IX,4)	SE EQUILIBRAVA (I,13)
COBRIR-SE (XII, 23)	EQUILIBRAVA-SE (IV,8)
COÇAVA-SE (IV,27)	EQUILIBRAVA-SE (VIII,2)
COÇANDO-SE (IX,18)	SE ENRASCOU (III,13)
COMPARANDO-SE (VII, 14)	ENRIQUECIA-SE
CONTEVE-SE (II,8)	ENROSCOU-SE. (IX, 18)
CONSIDERAR-SE (II,17)	ENTREGAR-SE (XIII,14)
CONSIDERAVA-SE (V,26)	ENTERRAR-SE. (XIII, 5)
SE CONSIDERAR (XI,10)	SE ENXUGAR (VIII,6)
CONVENCIA-SE (V,26)	ESBAGAÇAR-SE (VIII, 22)
DEFENDER-SE (III,58)	ESBAGAÇAR-SE(VIII, 22)

ESCONDER-SE (VI,13)  
 ESCONDER-SE (VIII, 22)  
 ESCONDER-SE (VI,24)  
 SE ESCONDERA (VII,11)  
 ESCONDER-SE (IX, 21)  
 ESCONDEU-SE (IX, 25)  
 SE ESCONDIA (XI, 19)  
 ESCONDIA-SE (XI, 10)  
 SE ESTAZAVA (IV,29)  
 ENVOLVER-SE (VIII,13)  
 EXPUNHA-SE (VIII, 22)  
 FATIGAR-SE (X, 30)  
 FAZENDO-SE (VI,13)  
 FAZIA-SE (VIII, 14)  
 FECHOU-SE (IX,4)  
 FIZERA-SE (II, 14)  
 GRUDAVA-SE (II,20)  
 IA-SE (III,20)  
 ILUDIR-SE. (XII, 11)  
 INUTILIZAR-SE (XI, 24)  
 SE INUTILIZAVA, (XI, 24)  
 INUTILIZAR-SE. (XI, 24)  
 JOGAR-SE (XIII, 2)  
 JULGAVA-SE (II,8)  
 LAMBUZANDO-SE (VI,17)  
 LARGAR-SE-IA (X,19)  
 LARGAR-SE (XII, 16)  
 LIBERTAR-SE (XIII,13)  
 LIBERTOU-SE (VIII, 28)  
 SE LIMITAVA (X,1)  
 LIMPOU-SE (VII,6)  
 LIVROU-SE (V, 3)  
 LIVRAR-SE  
 LIVRAR-SE (VII,28)  
 LIVRAR-SE (XII, 25)  
 LIVRAR-SE (XIII, 12)  
 LIVROU-SE (VIII, 16)  
 MATAR-SE-IA (X, 30)  
 METIA-SE (IX, 2)  
 METEU-SE (IX, 20)  
 MIRAVA-SE (XI,16)  
 SE MODEROU (VII,24)  
 OCUPAVAM-SE (VIII, 32)  
 OCUPAR-SE (I,38)  
 SE OCUPAREM (X, 23)  
 OLHOU-SE (IX, 26)  
 ORIENTAR-SE. (VI,13)  
 PEGOU-SE (IX, 19)  
 PREPAROU-SE  
 RECOLHEU-SE (IX, 19)  
 RECONHECIA-SE (VII, 14)  
 RENDIA-SE. (X,2)  
 ROÇAVA-SE (IX, 2)  
 SUJEITAR-SE (XI, 18)  
 VIU-SE (II,23)  
 VIA-SE (XI,16)

## 2) MOVIMENTO NÃO TRANSLACIONAL:

AGARRARAM-SE (I,23)  
 AGARRANDO-SE (IX, 23)  
 SE AGARRAVA (XIII, 21)  
 APEAR-SE-IA (V,37)



APERTO-U-SE (VIII, 29)  
 SE COBRIAM (VII,1)  
 CONTRAÍ-A-SE (XI, 9)  
 DESPENHO-U-SE (V,28)  
 SE DESTOLDOU  
 SE DETINHA (I,12)  
 DETEVE-SE (IX, 18)  
 DETEVE-SE (XI, 5)  
 DETEVE-SE (XI, 5)  
 ELEVOU-SE (I, 32)  
 ENCOSTOU-SE (V,33)  
 SE ENCOSTOU (XI, 8)  
 ENROLOU-SE (V,10)  
 ENROLAR-SE (VII, 4)  
 ENROSCAR-SE (I,17)  
 ENROSCAR-SE-IA (VII, 28)  
 ENROSCANDO-SE (XII, 12)  
 SE ENROSCAVA (IV,2)  
 ENTOCARA-SE (II,15)  
 ESCANCHOU-SE (V,28)  
 ESCONDEU-SE (VI, 11)  
 ESFREGOU-SE (V,8)  
 SE ESTENDIA (X,20)  
 FIXAR-SE-IAM (XIII, 20)  
 GRUDANDO-SE (XI, 12)  
 SE LIGAVA (IV,28)  
 MEXEU-SE (III,20)  
 MEXENDO-SE (V,18)  
 MEXIA-SE (VI,12)  
 SE MEXIAM (VII, 3)  
 MEXIAM-SE (VIII, 13)  
 MEXEU-SE (IX, 23)  
 SE MEXESSE (XI, 16)  
 MEXEU-SE (XII, 20)  
 MOVIA-SE (I, 28)  
 MOVIAM-SE (II,16)  
 MOVER-SE (VIII,13)  
 MOVERA-SE (XI, 23)  
 PENDURAR-SE (VI,6)  
 PÔS-SE A CHORAR (I,3)  
 PÔS-SE A FUMAR (II,6)  
 PÔS-SE A ANDAR (V,3)  
 PÔS-SE A CAMINHAR (V,21)  
 PÔS-SE A BERRAR (V,27)  
 PÔS-SE A CONTAR-LHE  
 PÔS-SE A FAZER (VI,25)  
 PÔS-SE A FAZER (VI,32)  
 SE PÔS (VII, 4)  
 PÔS-SE (VII, 8)  
 PÔS-SE A RONDAR (VIII, 18)  
 PÔS-SE A CUSPIR (VIII, 28)  
 PUSERAM-SE (VIII, 32)  
 SE PÔS A LATIR (IX,18)  
 PÔS-SE A LATIR (IX, 24)  
 PÔS-SE A TREMER (IX, 29)  
 SE PÔS A RIR (XI, 7)  
 PÔS-SE A RESFOLEGAR (XII, 14)  
 PÔS-SE A BEBER (XII, 14)  
 RECOLHIA-SE (V,4)  
 REMEXERAM-SE (III,44)  
 SEGURAR-SE (V,29)  
 TORCIA-SE (I,32)  
 TORCIA-SE (VIII, 29)  
 TREPOU-SE (I,19)

TREPOU-SE (VIII, 31)

SE TREPA (X, 2)

SE TREPA (X, 3)

VIRAVA-SE (II,33)

VIRAR-SE (IV,32)

VIRAR-SE (VII, 3)

VIROU-SE (VII, 26)

VIRAR-SE (VIII, 13)

SE VIRAVA (IX,35)

VIRANDO-SE (X, 9)

VOLTOU-SE (III,20)

VOLTOU-SE (XI, 5)

SE VOLTAVA (XII, 16)

VOLTOU-SE (XIII, 14)

### 3) MUDANÇA DE POSTURA CORPORAL:

ACOCOROU-SE (I,10)

ACOCORAR-SE

ACOMODOU-SE (VI,29)

AGACHAR-SE (I, 21)

AGACHOU-SE (IV, 14)

AGACHOU-SE (XII, 14)

AGARROU-SE (XII, 16)

AGITANDO-SE (XII, 16)

APRUMOU-SE (III,20)

APRUMOU-SE (XI, 24)

APRUMOU-SE (XIII, 13)

APRUMOU-SE (XIII, 21)

ARRUMOU-SE (VIII, 18)

BAIXOU-SE (II, 1)

CURVOU-SE (XI, 27)

DEBRUÇANDO-SE (I,27)

DEITOU-SE (I,5)

DEITAR-SE (III,46)

DEITARA-SE (IV, 6)

DEITAR-SE-IA (IV, 29)

DEITOU-SE (V,10)

DEITAR-SE (VII, 28)

DEITAR-SE (VIII, 11)

SE DEITAR (IX,37)

SE DEITAVAM (XII, 20)

DEITARAM-SE (XIII, 24)

DERREAVA-SE (II,16)

ENCOLHIA-SE (II,8)

ENCOLHEU-SE (VI,15)

ENCOLHIA-SE (VI,34)

ENCOLHIA-SE (III,20)

SE ENCOLHIA (IV, 29)

ENCOLHEU-SE(VIII, 31)

ENCOLHIA-SE (XI, 10)

ENCOLHIA-SE (XIII, 10)

ENCOLHERA-SE (XII, 12)

ERGUEU-SE (I, 31)

ERGUEU-SE (III,15)

ERGUEU-SE (III,31)

ERGUEU-SE (IV, 3)

ERGUEU-SE (IV, 14)

ERGUEU-SE (IV,34)

ERGUEU-SE (V,16)

ERGUEU-SE (V, 25)

ERGUEU-SE (V,33)

ERGUIA-SE (VIII, 6)

ERGUEU-SE (VIII, 13)  
 ERGUEU-SE(VIII, 29)  
 ERGUER-SE (IX, 23)  
 ERGUEU-SE (XIII, 30)  
 ESPICHAVA-SE (X, 30)  
 ESPOJAR-SE (VI,33)  
 ESPOJAR-SE(IX, 22)  
 SE ESPOJARIAM (IX,40)  
 ENCOSTOU-SE (V,7)  
 ESPICCHAR-SE (V, 36)  
 SE ESPICHAVAM (VII, 23)  
 ESTIRAR-SE (IV, 29)  
 ESTIRAVA-SE (V,4)  
 ESTIROU-SE (V,29)  
 ESTIROU-SE (VII, 26)  
 ESTIRAR-SE(VIII, 13)  
 ESTIROU-SE(VIII, 28)  
 INCLINAVA-SE (III,55)  
 INCLINOU-SE (IV, 14)  
 INCLINOU-SE (V,29)  
 INCLINANDO-SE (XI, 5)  
 SE LEVANTASSE (I,5)  
 LEVANTOU-SE (I,10)  
 LEVANTARAM-SE (I, 24)  
 LEVANTOU-SE (II,2)  
 LEVANTOU-SE (III,10) 3  
 LEVANTAVA-SE (III,55)  
 LEVANTAR-SE (IV,2)  
 LEVANTAVA-SE (IV, 12)  
 LEVANTOU-SE (III,10)  
 LEVANTAR-SE (IV,32)  
 LEVANTOU-SE (VI,27)  
 LEVANTOU-SE (VII, 4)  
 LEVANTOU-SE (VIII, 6)  
 LEVANTAR-SE (IX,33)  
 SE LEVANTARA (X, 12)  
 LEVANTOU-SE (X, 28)  
 LEVANTOU-SE (XII, 7)  
 LEVANTOU-SE (XII, 14)  
 LEVANTOU-SE (XIII, 31)  
 SENTOU-SE (I,3)  
 SENTAR-SE (III,5)  
 SENTARAM-SE (III,13)  
 SENTOU-SE (III,31)  
 SENTOU-SE (IV,35)  
 SENTOU-SE (V,24)  
 SENTOU-SE (V,31)  
 SENTOU-SE (VI,14)  
 SENTAR-SE (VI, 27)  
 SENTOU-SE (VIII, 6)  
 SENTOU-SE (VIII, 6)  
 SENTAR-SE (VIII, 26)  
 SENTAR-SE (VIII, 26)  
 SENTOU-SE (X, 5)  
 SENTOU-SE (X, 10)  
 SENTAR-SE (XII, 2)  
 SENTOU-SE (XII, 10)  
 SENTAR-SE (XII, 16)  
 SENTAVA-SE (XII, 20)

#### 4) MOVIMENTO TRANSLACIONAL:

ADIANTOU-SE(IX, 18)  
 ADIANTAR-SE (IX, 25)  
 SE ADIANTAVAM (XIII, 5)  
 ADIANTOU-SE (XIII, 15)  
 AFASTARAM-SE (I,23)  
 AFASTOU-SE (I,31)  
 SE AFASTOU (IV, 5)  
 AFASTOU-SE (V, 25)  
 AFASTOU-SE (VI, 6)  
 AFASTOU-SE (IX, 20)  
 AFASTOU-SE (X, 9)  
 SE AFASTARIA (XI, 15)  
 AFASTOU-SE(XI, 26)  
 AFASTAR-SE (XIII, 5)  
 AFASTARAM-SE (XIII, 12)  
 APROXIMARAM-SE (I,3)  
 APROXIMOU-SE (II,21)  
 APROXIMOU-SE (III,6)  
 APROXIMOU-SE (IV,15)  
 APROXIMOU-SE (V,13)  
 APROXIMOU-SE (V,26)  
 SE APROXIMAVA (VII, 19)  
 APROXIMOU-SE (VIII, 16)  
 APROXIMOU-SE(VIII, 26)  
 APROXIMAVA-SE (IX, 26)  
 APROXIMOU-SE (XI, 16)  
 APROXIMOU-SE (XII, 8)  
 APROXIMARAM-SE (XIII, 14)  
 ARRASTARAM-SE (I, 2)  
 ARRASTOU-SE (V,33)  
 SE ARRASTARA (XI, 14)  
 ARRASTARA-SE (XIII, 5)

ARREDOU-SE (V,17)  
 AVIZINHOU-SE (I,19)  
 SE AVIZINHANDO (II,39)  
 AVIZINHOU-SE (III,25)  
 AVIZINHOU-SE (IV, 7)  
 SE AVIZINHOU (V,28)  
 AVIZINHOU-SE (VIII, 18)  
 AVIZINHOU-SE (XII, 7)  
 AVIZINHOU-SE (XII, 22)  
 CHEGOU-SE (II,2)  
 CHEGOU-SE (IV, 3)  
 CHEGOU-SE (IV,18)  
 CHEGOU-SE (V,8)  
 CHEGOU-SE (V,37)  
 CHEGOU-SE (VI,29)  
 CHEGAVAM-SE (VII, 3)  
 CHEGOU-SE(VIII, 31)  
 CHEGOU-SE (XII, 25)  
 CHEGOU-SE (XIII, 13)  
 CHEGOU-SE (XIII, 15)  
 SE DESVIARA (VIII,17)  
 SE DESVIANDO (IX, 18)  
 DESVIAR-SE (IX, 29)  
 DIRIGIU-SE (III,2)  
 DIRIGIU-SE (V,8)  
 DIRIGIU-SE (IX, 20)  
 DIRIGIU-SE (X, 10)  
 SE DISTANCIAVA (V,29)  
 SE TINHA DISTANCIADO (IX,27)  
 DISTANCIAR-SE (XIII, 15)  
 ENCAMINHOU-SE (I, 27)  
 ENCAMINHOU-SE (IV,24)

ENCAMINHOU-SE (V,13)	RECOLHIAM-SE (IV,8)
ENCAMINHOU-SE (IX, 22)	SE RETARDAVAM (I,12)
ENCAMINHOU-SE (XIII, 31)	RETARDARA-SE (XIII, 5)
ESCAPULIU-SE (VII, 4)	RETARDARAM-SE (XIII, 35)4
ESCAPULIU-SE (VIII, 29)	RETIROU-SE (III,19)
ESPALHARAM-SE (IV,2)	RETIROU-SE (IV,3)
ESPALHOU-SE (V,21)	SE RETIRASSEM (IV, 29)
ESPALHOU-SE (VII, 3)	RETIROU-SE (V, 36)
ESPALHOU-SE (XIII, 11)	RETIROU-SE (VIII, 18)
LARGOU-SE (XIII,2)	RETIROU-SE (XII, 21)
METEU-SE (XI, 1)	SAÍRA-SE (XI, 14)
MUDAR-SE (X, 21)	INCORPOROU-SE (VIII, 4)
MUDAR-SE (XII, 16)	

#### **5) EVENTOS NATURALMENTE RECÍPROCOS:**

AUXILIAVAM-SE(VI,18)	ENTRECHOCAVAM-SE (V,22)
SE APERTAVAM (XI, 14)	MISTURAVAM-SE(V,17)
IAM-SE ATRACANDO (VII, 24)	MISTURAVAM-SE(V,17)
SE CRUZAVAM (XI, 3)	ROÇANDO-SE (VI,21)
SE ENTENDESSEM (IV,8)	ENTENDER-SE (VII, 24)
ENTENDIAM-SE (VI,18)	

#### **6) MÉDIAS DE EMOÇÃO:**

SE ABORRECERA (X, 14)	APERREOU-SE (IX, 8)
ACALMOU-SE (III,44)	AQUIETOU-SE (IX, 23)
SE ADMIRARIA (VI,21)	AQUIETAVA-SE.(VI,25)
ALARMOU-SE (X, 24)	SE ARRELIA (III40)
ALEGROU-SE (VIII, 28)	SE ARRELIAVA (X, 21)
ANIMARAM-SE (II,28)	SE ARRELIAVA (XI, 14)
ANIMOU-SE (III,3)	ASSUSTOU-SE (IX, 33)
ANIMARA-SE (VI,23)	SE CONFORMANDO (V,5)
ANIMAVA-SE (XI, 3)	DANAR-SE (III,13)

DIVERTIRAM-SE (II,28)  
 DISTRAIU-SE (IV,11)  
 DISTRAIU-SE (VIII, 18)  
 DISTRAIR-SE (XII, 11)  
 EMPERTIGOU-SE (VIII, 20)  
 ENCOLERIZOU-SE (IV,30)  
 ENCOLHIA-SE (III,20)  
 SE ENCOLHERA (X, 14)  
 ENSOMBRAVA-SE (XIII, 14)  
 ESBODEGAVA-SE (VIII, 20)  
 ESPANTOU-SE (I,21)  
 SE ESPANTAVAM (VIII, 12)  
 ESPANTAR-SE-IA (X, 23)  
 SE ESQUENTARA (XI, 14)  
 SE ESQUENTARIA (XI, 19)  
 ESQUENTAVA-SE (XIII, 34)  
 EXALTAVA-SE (XIII, 23)  
 EXCITARA-SE (VII, 20)  
 EXCITAVA-SE (XIII, 23)  
 EXPANDIR-SE (II,28)  
 IMPACIENTOU-SE (III,27)  
 IMPACIENTARA-SE (XI, 14)  
 SE IMPORTAVAM (VIII,30)  
 SE INCHARIA (III,18)  
 SE INCHASSE (III,18)  
 SE INCOMODARA (IV, 29)  
 INDIGNOU-SE (V,27)  
 IROU-SE (III,57)  
 IRRITAR-SE(VIII, 22)  
 IRRITOU-SE (XI, 8)  
 REANIMOU-SE (XIII,13)  
 RETRAÍAM-SE (VIII, 10)  
 SE SATISFAZIA (IV,35)  
 SOBRESSALTAVA-SE (X, 24)  
 SE ZANGAVAM  
 ZANGOU-SE (VII, 24)  
 ZANGOU-SE (IX, 13)  
 ZANGOU-SE (X, 7)

### **7) DISCURSO EMOTIVO:**

DESCULPAVA-SE (II,36)  
 SE DESCULPARA (X, 16)  
 ENTENDER-SE (II,29)  
 ENTENDER-SE (V,17)  
 EXPLICAR-SE (III,57)  
 EXPLICAR-SE (V,20)  
 SE EXPLICAVA (X, 28)  
 EXPLICAR-SE (XIII, 13)  
 JUSTIFICARA-SE (I,13)  
 JUSTIFICAR-SE (III,18)  
 QUEIXAVAM-SE (III,54)  
 SE QUEIXAVA (III, 66)  
 QUEIXARA-SE (IV,6)

### **8) MÉDIA DE COGNIÇÃO:**

CAPACITAR-SE (III,39)  
 CERTIFICOU-SE (III,3)  
 CERTIFICOU-SE (III,38)  
 CERTIFICOU-SE(VIII, 28)

CONCENTROU-SE (X, 5)  
 SE CONFORMOU (X, 6)  
 CONFORMAVA-SE (X, 23)  
 CONVENCIA-SE (II,34)  
 SE CONVENCIA (III,43)  
 CONVENCER-SE (XIII, 6)  
 ESQUECIA-SE (III, 60)  
 ESQUECIDO (IV,11)  
 ESQUECIDO (IV,13)  
 ESQUECEU-SE (IX, 29)  
 LEMBROU-SE (I,31)  
 LEMBROU-SE (I, 31)  
 LEMBROU-SE (II,32)  
 LEMBROU-SE (III,38)  
 LEMBROU-SE (III,51)  
 LEMBRANDO-SE (IV, 12)  
 LEMBRAR-SE (IV,21)  
 LEMBROU-SE (V,34)  
 LEMBROU-SE (VII, 26)  
 LEMBROU-SE(VIII, 18)  
 LEMBRANDO-SE (VIII, 18)  
 SE LEMBRAVA (IX,34)  
 LEMBROU-SE (X, 20)

LEMBRAVA-SE (X, 29)  
 LEMBROU-SE (XI, 9)  
 LEMBRAR-SE (XII, 12)  
 LEMBRAVA-SE(XII, 12)  
 LEMBROU-SE (XIII, 3)  
 LEMBROU-SE (XIII, 22)  
 INTERESSOU-SE (V,30)  
 RECORDAR-SE (IV,17)  
 RECORDOU-SE (V,35)  
 RECORDOU-SE (VII, 26)  
 RECORDOU-SE (X, 14)  
 RECORDAR-SE (X, 31)  
 RECORDOU-SE (XI, 18)  
 RECORDOU-SE (XIII, 14)  
 RESIGNOU-SE(VIII, 31)  
 RESIGNAVA-SE (IX, 9)  
 SE RESOLVERA (XIII, 5)  
 SENTIR-SE (II,40)  
 SENTIU-SE (III,35)  
 SENTIA-SE (VII, 21)  
 SENTIRAM-SE (VIII, 3)  
 SENTIA-SE (VIII,13)

### 9) EVENTOS ESPONTÂNEOS:

ABRIU-SE (V,21)  
 SE ACABARIA (II,43)  
 SE ACABANDO(XI, 18)  
 ACABAVA-SE (XII, 8)9  
 ACABAR-SE (XII, 12)  
 ACABOU-SE (XIII, 8)  
 ACABANDO-SE (XIII, 35)

ACABANDO-SE (XIII, 35)  
 HAVIAM-SE ACOSTUMADO (II, 2)  
 SE ACOSTUMASSEM (II,28)  
 ACOSTUMARA-SE (III,40)  
 SE ACOSTUMADO (IV,7)  
 SE ACOSTUMAVA (IV,20)  
 ACUMULARAM-SE (I,29)

SE AMACIAVA (IX,37)  
 SE APAGAVAM (IV,3)  
 APAGAR-SE (IX,39)  
 APROFUNDAVAM-SE (XI, 9)  
 ASSEMELHAVA-SE(VIII, 32)  
 ATENUOU-SE (V, 36)  
 ATRAPALHARAM-SE (XII, 23)  
 AVERMELHARA-SE (VII, 11)  
 CALOU-SE (I,15)  
 CALAVAM-SE (XIII, 5)  
 CONFUNDIA-SE (II,20)  
 SE CONFUNDIRAM (IV,17)  
 CONSERVARAM-SE (I,21)  
 DEFORMAVAM-SE (VII, 3)  
 DESCERRARAM-SE (XI, 11)  
 SE DESMANCHAVA (III,19)  
 DESMANCHAVAM-SE (V, 25)  
 SE DESMANCHAVAM (V,30)  
 SE DESMORONAVAM (VII, 10)  
 DESPRENDEU-SE (IV, 1)  
 DESVANECIAM-SE (IX,36)  
 SE DIFERENÇAVA (I,28)  
 SE DIFERENÇAVAM (IX, 7)  
 DILUÍRA-SE (XIII, 13)  
 SE DISTINGUIAM (XII, 23)  
 EMBEBENDO-SE (XIII, 22)  
 SE EMBOTAVA (IX, 28)  
 SE ENCHERA (VII, 26)  
 ENCHIA-SE (XII, 23)  
 SE ENFEITARIAM (VII,23)  
 SE ENGANÇOU (XI, 4)  
 SE FOI ESBOÇANDO (XIII, 34)  
 ESPALHOU-SE(IX,32)  
 ESPALHAR-SE (XII, 10)  
 ESVAZIAR-SE (VIII,16)  
 SE EXTINGUIRIA (XII, 19)  
 FINAR-SE (XII, 8)  
 FORTALECIA-SE(VIII, 22)  
 GREAVAM-SE (I,14)  
 SE JUNTARAM (V, 25)  
 JUNTAVAM-SE (VII, 26)  
 JUNTOU-SE (VIII, 26)  
 MISTURAVA-SE (VI,27)  
 MISTUROU-SE (XII, 23)  
 MISTURANDO-SE (XIII, 22)  
 MISTURARAM-SE (XIII, 24)  
 SE PULVERIZAVAM (XIII, 1)  
 SE REALIZARIA (XII, 11)  
 SUCEDIAM-SE (VII, 3)  
 SUMIRAM-SE (VII, 26)  
 TINHAM-SE SUMIDO (IX,30)  
 TINHAM-SE HABITUADO (II,5)  
 SE TORCIAM (XIII, 1)  
 TORNAVAM-SE (V, 25)  
 IA-SE TORNANDO (VII, 9)  
 TORNAVA-SE (VIII, 22)  
 TORNAVAM-SE (IX, 24)  
 SE TORNADO (VII, 26)  
 SE TORNARA (XIII, 1)  
 TORNAR-SE (XIII, 9)  
 TORNARA-SE (XIII, 24)  
 SE TRANSFERIU (IV,32)  
 SE TRANSFORMAVAM (V,33)  
 PARTIU-SE (III,58)



SE QUEBRARA (VII, 26)  
 SUMIRAM-SE (I,3)  
 SUMIRAM-SE (V, 25)

IA-SE SUMINDO (XI, 8)  
 SUMIAM-SE (XIII, 15)  
 SUMIR-SE (III,5)

### 10) MÉDIA DE ATITUDE:

SE ARRISCARIA(VIII, 13)  
 DEMORAR-SE (II,17)  
 DEMOROU-SE (IX, 20)

FINGIRA-SE (X, 14)  
 RIR-SE (V,19)  
 RIU-SE (XII, 6)

### 11) EVENTOS (COMPORTAMENTOS) INVOLUNTÁRIOS QUE SE PASSAM NO INDIVÍDUO:

SE AMODORRANDO (I,24)  
 ARREGALARAM-SE (IV, 12)  
 ARREPIOU-SE (II,39)  
 ARREPIAVAM-SE (VII, 3)  
 SE ARREPIAVA (IX,38)  
 ATRAPALHAVA-SE (III,18)  
 ATRAPALHAVA-SE (III,18)  
 ATRAPALHOU-SE (VII, 26)  
 AVERMELHARAM-SE (XIII, 16)

EMBARAÇAVA-SE (X, 24)  
 ENGASGOU-SE (III,25)  
 ENJOOU-SE (IX, 14)  
 ENTRECORTAVA- SE (VII, 25)  
 TER-SE PERDIDO (III,38)  
 PERDEU-SE (V,33)  
 SUFOCAVA-SE (XI, 9)  
 SE UMEDECERAM (XIII, 28)

### 12) CONSTRUÇÕES PASSIVAS

ABALOU-SE (XIII, 18)  
 ABRIAM-SE (XI, 9)  
 SE ACENDIAM (IV,8)  
 SE AGITAVAM (VII, 25)  
 AGITAVA-SE (VII, 27)  
 AJUNTAVAM-SE (I,36)  
 AMARROU-SE (VIII, 6)  
 ARRUMAVAM-SE (VI,20)  
 BOTA-SE (III,40)  
 COBRIA-SE (I, 27)

SE COBRIA (XI, 5)  
 SE FORAM COBRINDO (XII, 9)  
 COMPRIMIU-SE (VIII,6)  
 SE CUMPRIU (VI,4)  
 CONFIRMAVAM-SE (XII, 16)  
 DÁ-SE (III,40)  
 DEU-SE (VI,1)  
 SE DERRAMAVA (IX, 10)  
 SE DESCOBRIU(X, 6)  
 SE TINHA DESPOVOADO (IX,35)

SE DESPOVOOU (XIII, 2)  
SE DESVIARAM (XI, 24)  
SE ENCAIXOU (VIII, 6)  
ENCHEU-SE(VIII, 28)  
SE ENCHERA (VIII, 33)  
SE EXIBIAM (VIII, 32)  
FIXAVAM-SE (VII, 25)  
SE GUARDAVAM (IV,18)  
ILUMINAVA-SE (VII, 27)  
MALTRATAVA-SE (III,38)  
METE-SE (III, 57)  
MISTURAVA SE (VIII, 6)  
OUVIAM-SE (IV,27)  
SE OUVIA (XII, 5)  
SE PODIA SABER (XIII,26)  
TRANSFORMAR-SE (VI,17)  
RASGOU-SE (VIII, 6)  
REBENTOU-SE (VIII, 6)  
SE VARRERAM (V,12)

**13) VERBOS PRONOMINAIS**

ABOLETAR-SE (XII, 9)	ESFORÇAVA-SE (VIII, 13)
ACHAVA-SE (II,17)	ESFORÇOU-SE (IX, 8)
ACHAVA-SE (III,33)	ESFORÇAVA-SE (XII, 12)
ACHOU-SE (V,29)	ESGUEIROU-SE (VI,13)
ACHOU-SE (V,32)	ESGUEIROU-SE (VIII, 13)
ACHOU-SE (VIII, 4)	ESGUEIROU-SE (IX, 18)
ACHAVA-SE (VIII,29)	ESPOJAR-SE (XII, 22)
SE ACHAVA (IX,34)	ESTENDIA-SE (I,6)
ACHOU-SE (XI, 16)	SE ESTREPA (II,32)
ACHOU-SE (XII, 20)	IMPUNHA-SE (VI,21)
ACOMODAR-SE (X, 30)	METERA-SE (XI, 18)
ACHAVA-SE (XIII, 13)	MUDAR-SE-IAM (XIII, 34)
APOSSARA-SE (II,14)	REFERIR-SE (III,18)
APRESSOU-SE (XII, 24)	SE REFERIRA (VI,17)
ARRANCHAVAM-SE (XII, 1)	REGALAR-SE(XII, 22)
ARRANJAR-SE (X, 24)	SE TRATASSE (XI, 2)
SE ARREPENDEU (II,2)	VALIA-SE (VI,14)
ARREPENDEU-SE (X, 5)	SE VER (X, 28)
ARRUMARA-SE (II,5)	VINGAVA-SE (IV, 6)
CALÇAR-SE (VIII, 2)	VINGAR-SE(XI, 8)
COMPORTAR-SE (II,46)	SE VINGAVA(XII, 12)
SE COMPORTASSEM (VIII,10)	
COMUNICAR-SE (V,6)	
SE DAVA (II,20)	
DAVA-SE (II,29)	
SE DAVA (XI, 14)	
DESFAZIA-SE(X, 1)	
SE DESPEDIR (XIII, 2)	
EMENDAR-SE (II,36)	
SE ENTENDER (II.39)	
SE ENTENDERA(VIII, 13)	